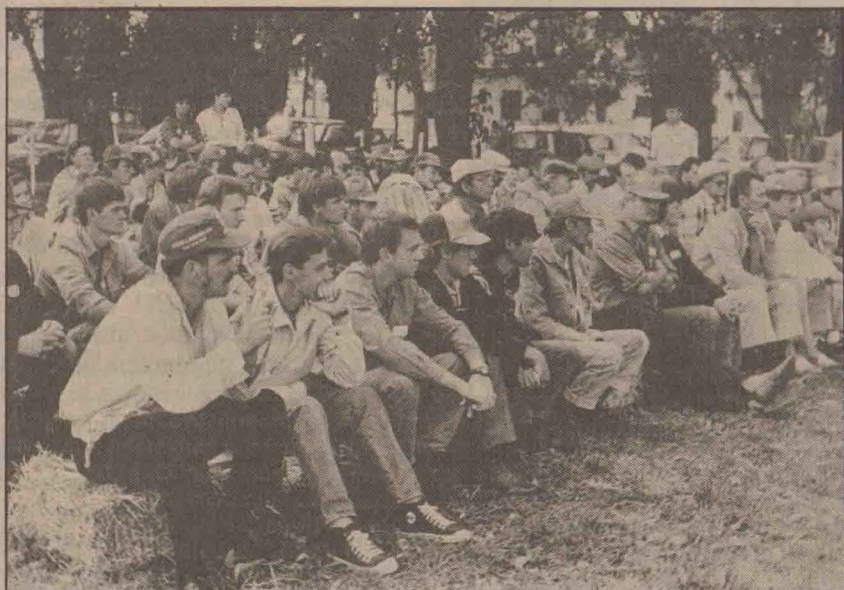


Dia de Campo



Ilgensritz: a reafirmação da necessidade de se buscar a verticalização da produção diversificada



Divididos em grupos, os produtores conheceram os trabalhos que o CTC vem fazendo



A participação dos produtores surpreendeu

A RESPOSTA DO PRODUTOR

O CTC conseguiu reunir, num só dia, mais de 1.100 produtores, numa demonstração de que as propostas de ocupação racional do solo e de verticalização da produção diversificada estão encontrando eco na região

13 a 16

CEASA REGIONAL

À espera de uma decisão de bom senso

Estudos técnicos comprovam capacidade de Ijuí para sediar a entidade

6 e 7

AGRICULTURA

Pacote para recuperar a produção

Alarmado com a possibilidade de colher pouco mais de 56 milhões de toneladas de grãos na safra 90/91, governo lança pacote com crédito suplementar e juros menores

8

COOPERATIVA REGIONAL TRÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - CEP 96200 - Fone d(0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450 - Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional

Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44, Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.

Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre-RS - CEP 90030 - Fone (0512) 28.00.23

Cotridata - Processamento de Dados Ltda.

Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.

Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí-RS - CEP 98700 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

- IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.

Bairro Lami - POA

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente

Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Dom Pedrito

Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos

Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto

Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano

Breitebach, Valdir Domingos Zardin,

Erno Schneider, Juarez Padilha, José Dalfio

Marchese e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando

Lôw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon,

Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas,

José Moacir da Conceição, Ari Göergen

e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Otaliz de Vargas Montardo, Amário Becker

e Ingbert Dówich.

Suplentes

Elbio Gorostide Galarza, Rudi Bönnmann e

José Ataídes Conceição.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira. 26

Dom Pedrito. 3

Total. 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira..... 585.800 t

Rio Grande..... 220.000 t

Dom Pedrito..... 91.000 t

Total..... 896.800 t

Órgão de circulação ao quadro social,

autoridades, universidades e técnicos do

setor, no país e exterior.

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora:

Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo,

Porto Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR

Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

Até que em fim o governo entende que a agricultura, embora viva hoje um dos piores momentos da sua história, precisa de socorro. Aliás, este socorro não vem sendo pedido apenas pelos agricultores já há algum tempo, mas toda a sociedade que hoje é obrigada a reconhecer a força da agricultura no desenvolvimento econômico, representando, em termos de PIB, cerca de 40 por cento. Alarmado com a baixa produção estimada, o governo deu ordens para que, via um pacote de medidas emergenciais, a produção chegue a 65 milhões de toneladas de grãos. Além de mais recursos, o governo está procurando incentivar a produção via redução de juros, baixando de 18,2 para 12,5 por cento para os médios e grandes produtores, extensão da equivalência-produtor e taxa-ção em 25 por cento de todo o trigo estrangeiro que entrar no Brasil. O pacote agrícola, seus efeitos e as principais medidas adotadas pelo governo nessa sua vontade de injetar algum ânimo nos produtores brasileiros estão na página 8.

O Centro de Treinamento da Cotrijuí nunca havia visto tanta gente reunida num só dia: mais de 1.100 produtores da região e de municípios de fora da área de abrangência da cooperativa. Essa presença maciça e inesperada, representou não apenas a materialização de toda a discussão

que a Cotrijuí vem fazendo com seus associados e comunidade regional em torno de suas propostas de ocupação racional do solo e da verticalização da produção diversificada, como também a vontade de mudar, de adquirir maiores conhecimentos. O entendimento de que, sem eficiência não pode haver crescimento e muito menos sobrevivência no campo é o resultado de uma agricultura sucateada que precisa se recompor partindo da base, o solo. E o CTC mostrou, neste dia de campo que vem, há anos, se preparando para este dia. Todas as propostas apresentadas e discutidas com o quadro social encontram suporte nos programas que hoje estão sendo levados adiante no CTC, com muitos deles já recebendo a receptividade do próprio produtor. Na área de solo, por exemplo, os produtores puderam ver as alternativas apresentadas, tanto para rotação de culturas, adubação verde, como pastagens para cobertura do solo. Na área animal, os problemas de baixa produtividade passam tanto para a pecuária de leite como para a bovinocultura, suinocultura e piscicultura —, passam por programas de alimentação, manejo e sanidade, todos eles à disposição dos produtores no próprio CTC. O dia de campo e sua importância para a cooperativa e os trabalhos apresentados aos produtores nas áreas, via palestras, de piscicultura, suinocultura, forrageiras, entre outros, estão nas páginas 13, 14, 16 e 16.

DO LEITOR

O que é o Mercosul? (I I)

Manoel Luzardo de Almeida

Em nosso comentário anterior, procuramos, dentro do espírito de síntese, demonstrar inicialmente, que o tema Integração Econômica vem sendo abordado com muita superficialidade, ressaltando-se, é óbvio, algumas manifestações de conhecedores da matéria. Mas, é preciso ir mais a fundo no assunto. Não se pode pretender que a partir do Tratado de Assunção, assinado em 26 de março de 1991, institucionalizando o Mercado Comum do Sul, do qual são partes os países Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, serão eliminadas todas as barreiras tarifárias e as não tarifárias.

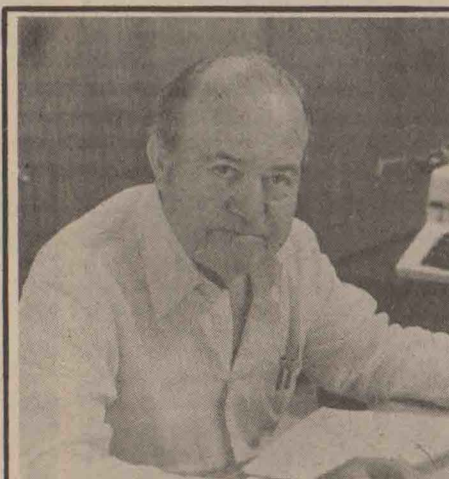
A experiência de integração econômica do Cone Sul está muito presente para todos aqueles que vêm acompanhando esse processo, a partir de 1960, quando surgiu o Alalc. Praticamente, os mesmos obstáculos continuam a desafiar o Mercosul.

Entre esses óbices, não se pode responsabilizar somente a forma de negociação, produto a produto, que continua existindo agora na Aladi, esta criada em 1980.

Esses nossos países da América do Sul, a contar de dificuldades internas, desde a acumulação de tremendos "deficits" nos seus Balanços de Pagamento; dívida externa, ainda pesando nessas nossas economias, a ponto de dificultar os investimentos de capital externo; o interesse de alguns em preservar os seus mercados internos, inclusive com a clássica sistemática de barreiras tarifárias elevadas, e tantos outros entraves já exaustivamente examinados.

Os discursos dos políticos — de pouca credibilidade — convêm frisar, jogam com situações irreais, porque sabem que falam para um público que não tem elementos para contestá-los.

Uma situação ainda pendente, desde 1960, é o da criação de uma tarifa externa comum, vale dizer, todos os países membros uniformizarem as suas barreiras alfandegárias, de modo que tenham, para terceiros países, principalmente os do primeiro mundo,



"A experiência de integração econômica do Cone Sul ainda está muito presente para aqueles que acompanham o processo desde o surgimento da Alalc. Praticamente os mesmos obstáculos continuam a desafiar o Mercosul"

os de moedas fortes ou as denominadas moedas conversíveis, a mesma alíquota. A realidade do Mercado Comum Europeu: tem demonstrado que sem uniformizar a tarifa para os demais países não parceiros não se consegue incrementar as correntes de comércio, que é um dos objetivos essenciais para ampliar mercados nacionais de cada uma das partes associadas no processo de integração econômica.

O próprio termo Mercado Comum tem sido mal aplicado para uma situação que, quando muito, começou, ou seja uma Zona de Livre Comércio, ainda não concretizada na América do Sul.

Um Mercado Comum exige ou pressupõe, primeiro uma tarifa externa comum, a seguir a harmonização de políticas macroeconômicas, desde a harmonização da própria nomenclatura tarifária, matéria complexa e que tem já envolvidos técnicos dessa especialidade, em diversas oportunidades. O problema cambial, outra situação que exige, para nos limitarmos, neste comentário, aos países do Mercosul, políticas comuns, haja vista a situação de um desses importantes parceiros (Argentina) agora dolarizada.

E, no caso brasileiro, ainda com o seu tradicional sistema de câmbio sob controle (Banco Central), matéria essa que tem sido debatida por nossos mais renomados economistas, que já exerceram posições ministeriais, a começar pelo saudoso Professor Eugênio Gudin, ou Octavio Gouvêa de Bulhões, para não mencionar os mais novos.

A propósito de necessidade de política macroeconômica, conviria lembrar que já em 1964, na IV Conferência das Partes Contratantes, ainda na fase inicial da Alalc, foi matéria de Resoluções da referida Conferência uma série de recomendações (Resolução de nº 100), onde vamos encontrar, inclusive, uma que se refere especificamente ao Desenvolvimento Agropecuário.

Os estudos no Mercosul ainda estão muito no início, não conhecem os parceiros a situação regional de produções consideradas sensíveis, ou seja, aquelas que exigem medidas de proteção ou até de salvaguarda, como já tem ocorrido no curso de negociações com efeitos negativos, em especial para o Brasil, que é um país de imenso mercado, porém com características geoeconômicas muito diversificadas, o que é preciso, considerar, pela importância que nelas exercem determinadas atividades em particular no segmento da produção agrícola.

As barreiras não tarifárias, já referidas, são da maior importância, e exigem que se faça um estudo mais aprofundado para conhecer-se o que mais inviabiliza o aumento das correntes de comércio, e chegar-se-á a concluir, em determinadas situações, que estas são mais importantes até que as conhecidas barreiras tarifárias.

Estão formados, no âmbito do Mercosul, 10 Subgrupos para dar andamento aos trabalhos técnicos, inclusive um, o de nº oito, cuja finalidade é da Política Agrícola, para análise de assimetrias e convergências, vale dizer, para que se conheçam as situações dos produtos "sensíveis", de certa forma, no âmbito da linguagem alalquina.

Manoel Luzardo de Almeida é assessor econômico da Farsul

TERÇARIOL

"No caminho certo"

"A Cotrijuí é uma cooperativa que cuida com muito carinho não só da vida de seus associados, como também da agropecuária da região." A afirmação é do Superintendente Regional do Banco do Brasil, Oswaldo Terçariol, mostrando-se impressionado com as propostas de ocupação racional do solo e de verticalização da produção diversificadas apresentadas pela Cotrijuí. Terçariol esteve em Ijuí, visitando a Cotrijuí, especialmente o CTC, em fins de setembro, acompanhado pelo Superintendente Adjunto João Arlindo Scarton; pelos coordenadores de equipe, Selson Kussler, João Fernando Guimarães e José Ferreira dos Santos; pelos engenheiros agrônomos Leônidas Ferreira Simões Pires e Felipe Aldino Brum e pelo atual gerente Agrícola Guido Valério Fischer. A equipe de visitantes ainda era integrada por Jayme Hilário Mayer, Gerson Fortes Bidesi, gerente financeiro da Cotrijuí, Luiz Arthur Fogliatto, diretor da Cotriexport, José Carlos Treiguer, analista de mercado da Cotriexport, Lauro Sander, assessor do Banco do Brasil e ainda Cláudio Correa Noronha.



A visita a unidade de propagação artificial de peixes
Ao lado a foto de Oswaldo Terçariol

Com as melhores impressões da Cotrijuí, "uma cooperativa que conheço há vários anos e que considero uma das maiores do Brasil", Terçariol disse ter certeza absoluta de que as alternativas apresentadas para uma mudança na agropecuária regional estão na direção certa. "Estas propostas vão levar a agropecuária da região a encontrar o seu caminho", reforça ainda, dando ênfase, no entanto, para o programa de conservação de solos.

Segundo o Superintendente Regional do Banco do Brasil, o Programa de Conservação de Solos da Cotrijuí, "muito bem elaborado", mostra com toda a clareza as carências e necessidades em termos de solo no Estado. Mostrando-se um conhecedor do assunto, Terçariol reforçou a tese de que conservar o solo não é apenas jogar calcário na terra ou construir ter-

raços na lavoura. "A conservação de solos é um conjunto de medidas que engloba inclusive o próprio reflorestamento", salientou.

Depois de uma reunião com as gerências de agências do Banco do Brasil da região, Terçariol foi recebido pelo diretor presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, pelo diretor vice-presidente Euclides Casagrande e toda a equipe de assessores. No CTC, depois de ouvir as propostas da Cotrijuí na palavra de Ruben Ilgenfritz da Silva, dos engenheiros agrônomos Rivaldo Dhein e João Miguel de Souza e do assessor de planejamento Robin Bahr, Terçariol visitou a unidade de propagação artificial de peixes, onde assistiu a uma demonstração de indução, extrusão e fertilização de ovos de peixes carpas, variedade húngara.

Estratégias para 2020

Um encontro para aprofundar as relações de trabalho já existentes foi o que aconteceu no dia 24 de setembro, quando estiveram reunidos no campus da Unijuí, a direção e o Conselho de Administração da Cotrijuí, mais uma equipe de pesquisadores e professores da entidade e o reitor Telmo Frantz. O grupo da Cotrijuí conheceu de forma detalhada o conjunto de projetos da universidade denominado de Estratégias para o ano 2020, tais como o já conhecido PRCT (Programa Regional de Ciência e Tecnologia), o seu desenvolvimento, os investimentos e os subprojetos que estão previstos para os próximos anos, visando incorporar a estrutura univer-

sitária às necessidades regionais.

A abertura de novos cursos, principalmente no ramo da engenharia, também foi discutido, assim como o funcionamento de cursos mais recentes como é o caso da engenharia agrônoma, definida pelos professores como uma agronomia voltada ao desenvolvimento econômico e social da região. Após a apresentação dos planos e investimentos, o grupo da Cotrijuí também visitou as obras que estão sendo finalizadas no campus, como os sete laboratórios e a biblioteca universitária, que estará ligada por terminais de computador a todas as universidades do Estado.



Conselheiros conhecem planos da Unijuí

Cotrijuí: incentivos fiscais

"É um incentivo importante para o nosso projeto agroindustrial" comemora o diretor vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, referindo-se aos benefícios em incentivos fiscais que a Secretaria da Indústria e Comércio do Estado está concedendo à Cotrijuí. Pela decisão do Conselho Diretor do Fundo de Operação Empresa, tomada em reunião realizada no dia 26 de setembro e presidida pelo secretário da Indústria e Comércio, Cláudio Ryff Moreira, a Cotrijuí poderá amortizar parte de suas dívidas de implantação de seu projeto agroin-

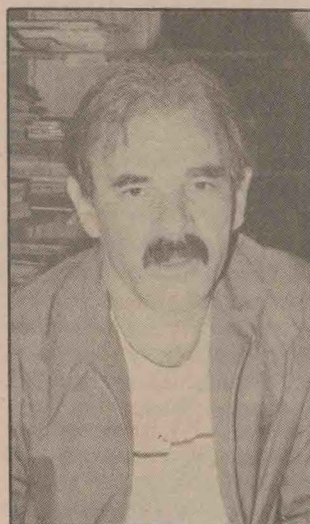
dustrial, utilizando 40 por cento do ICMS recolhido. Esse benefício deverá ser concedido por um período de cinco anos.

Os recursos concedidos para a Cotrijuí, para implantação de seu projeto agroindustrial de beneficiamento de cereais, será administrado pelo Badesul que toma para si, ainda, a incumbência de, depois de receber a transferência da parcela oriunda da Secretaria da Fazenda e referente ao recolhimento do ICMS, amortizar parte das dívidas com os bancos financia-

Economia sustentada

Fazer política e economia em harmonia com o meio ambiente é o caminho para chegar a um desenvolvimento autosustentado. A afirmação é do professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Aloisio Ely, que esteve em Ijuí, em setembro, proferindo palestra sobre economia e ecologia, numa promoção conjunta da Cotrijuí com a Unijuí.

Para acelerar este processo que ainda se encontra muito atrasado nos países do III Mundo e que significa nada mais do que "a reestruturação de um processo histórico de destruição generalizada", é preciso contar com a participação de entidades sociais e políticas, governos e necessariamente com o setor empresarial, defendeu o professor. Neste sentido o Brasil ainda está dando os primeiros passos, mas já que registram iniciativas, comentou o professor apontando, no caso da região de Ijuí, os programas de Ocupação Racional do Solo e de Verticalização da Produção Diversificada como forma de recuperar uma economia, através de uma nova mentalidade, onde se prioriza a auto-sustentação e a valorização dos recursos naturais.



Aloisio Ely

"AGRIBUSINESS"

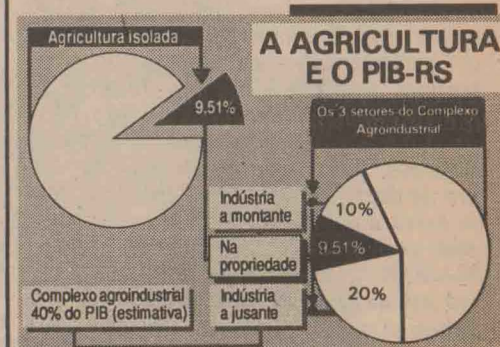
O maior negócio do País

"Mobilização do Complexo Agroindustrial" é o título dado a recente proposta lançada pela Fecotri-go, com objetivo de aglutinar todos os segmentos que participam do maior setor econômico e social do País, o chamado "agribusiness". Na base dessa proposta política, encontra-se a crise agrícola que somente na safra de 90/91 foi responsável pela perda de mais de Cr\$ 1,3 trilhão. Os reflexos dessa crise são diretamente sentidos pela indústria, comércio, setor financeiro e outros serviços, além da queda substancial na receita do setor público, e constantemente agravadas pela redução drástica de destinação de recursos por parte do Tesouro Nacional. Em 1990, por exemplo, somente, 26 por cento do crédito rural saíram desta fonte, contra os 85 por cento registrados em 1985.

A falta de recursos somam-se ainda as indefinições da política econômica, a falta de equacionamento da dívida externa e por consequência de uma política agrícola confiável. Tudo isso leva a Fecotri-go, juntamente com outras lideranças rurais a buscar uma mobilização que desencadeie uma pressão forte e uma articulação com a base produtiva, somando esforços anteriormente dispersos.

Sem pretender reagir a crise com choro, a proposta da Fecotri-go quer demonstrar a importância econômica desse complexo rural, muitas vezes entendido erroneamente como entidades desagregadas e de pouca participação no PIB nacional. A agricultura compreendida pelo prisma moderno do "agribusiness", influi em mais de 40 por cento da economia, constituindo-se hoje no maior negócio do País.

Levando em consideração esta participação agroindustrial, especialmente no Rio Grande do Sul, todas as entidades ligadas ao setor estão realizando uma série de fóruns regionais, com a finalidade de buscar soluções para o setor primário e para a economia do Estado. Três deles já foram realizados, e os próximos devem acontecer no dia 18 de outubro, em Alegrete e dia 21 Cachoeira do Sul, culminando com o Fórum Estadual, a ser realizado no dia 20 de novembro em Porto Alegre, de onde sairá um documento para o Governo Federal.

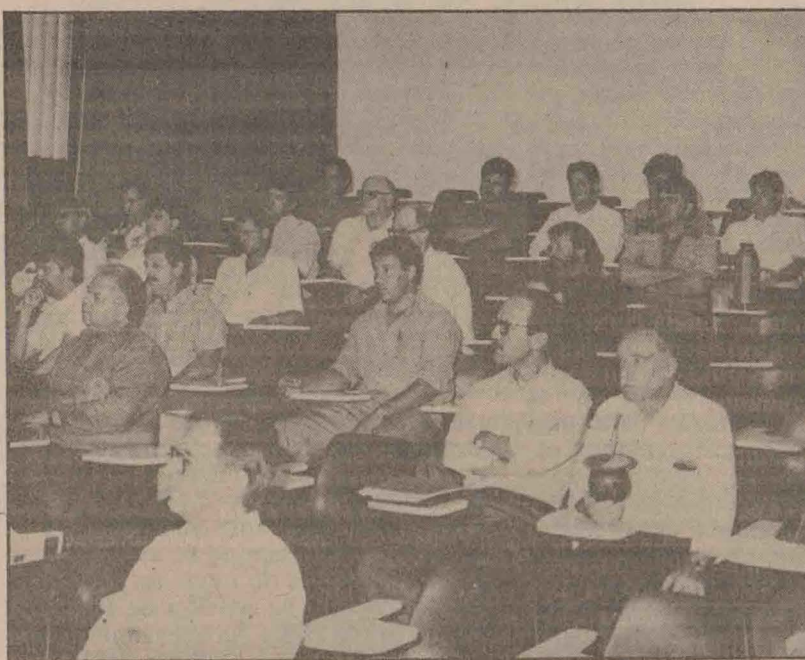


Convocação aos empresários

Mais três encontros marcam o lançamento e a discussão dos programas de Ocupação Racional do Solo e de Verticalização da Produção Diversificada

A apresentação do programa de Ocupação Racional do Solo e de Verticalização da Produção Diversificada foi complementada em mais três encontros realizados pela Cotrijuí e entidades da região durante o mês de setembro. No dia dez foi a vez dos empresários, e no dia 27 a reunião aconteceu com os integrantes das câmaras de vereadores dos municípios da região. Já no dia 30, a direção da Cotrijuí e alguns dos responsáveis pela elaboração dos programas expuseram aos funcionários da Cooperativa, as razões de se buscar um novo perfil econômico e os objetivos específicos e benefícios de cada um dos programas lançados à região.

Demonstrando claramente que os reflexos da estagnação são significativos para todas as esferas da economia local, a direção da Cotrijuí reforçou mais uma vez a necessidade de aglutinação de todos os segmentos, sejam industriais ou comerciais, sociais ou políticos. Desta forma, acredita a direção da Cooperativa, poderia se instalar a curto prazo um modelo produtivo incrementado pelo aproveitamento de toda a tecnologia disponível, maiores produtividades e pela verticalização da produção, o qual somente pela implantação dos programas de solos e de redimensionamento das propriedades, gerariam um aumento de receita significativo através de maior injeção de recursos na econo-



Afonso Haas



Artur Schmitt



Diogo Damiani

mia regional.

Paralelamente aos dois programas foi salientado aos empresários, vereadores e funcionários, o potencial agroindustrial que representa a instalação da indústria de cereais da Cotrijuí, prevista para o final do próximo ano. A partir do beneficiamento de milho, de aveia, cevada, centeio, arroz, trigo, painço e ervilha, a região ganha a possibilidade de trabalhar novos setores da indústria alimentícia, através da fabricação de produtos de segunda geração, como os snacks, alimentos infantis, etc., de largo consumo em todo o mundo.

INTEGRAÇÃO - Reafirmando as preocupações levantadas pela Cotrijuí, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Ijuí, Afonso Haas,



Arl Hintz



Danilo Zanella

diz que "a agricultura está tendo sérios problemas e que, em consequência, isso vem a afetar diretamente o desenvolvimento da indústria e do comércio não só de Ijuí mas de toda a região". As propostas lançadas pela Cooperativa, principalmente no que diz respeito a aglutinação da iniciativa privada, são vistas pelo empresário como "fundamentais". Primeiro porque trazem uma modificação para a própria entidade, e em segundo porque provocam um novo ânimo no setor industrial.

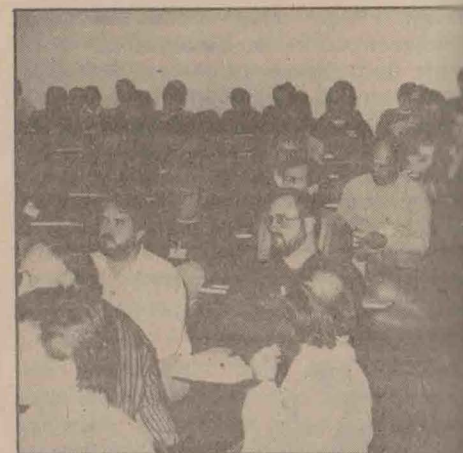
"Já tivemos períodos de antagonismos e acho que alguns setores até vão continuar a ter, reflete Afonso, mas acima de tudo, agora, há a necessidade de respeitabilidade e trabalho integrado entre os setores produtivos". Pelo lado do produtor, o empresário vê como necessário ao momento econômico, uma maior organização das suas atividades, porque segundo ele, "se o setor primário sucumbir, vai com ele toda uma economia como a nossa".

Para o vice-presidente comercial da ACI de Ijuí, Artur Schmitt, os dois programas propostos pela Cotrijuí são analisados como uma "redenção de um processo econômico que por ora se apresenta em decadência". Avaliando os programas pela sua totalidade, trata de qualidade de solos e dos produtos retirados dela - e pela sua abrangência, pois envolve não somente uma cultura ou um segmento econômico -, o empresário diz que eles devem recuperar econômica e socialmente o agricultor, o que somente vem a somar para a cooperativa, a indústria e comércio.

E para arrematar, diz ainda o empresário, apresenta-se ainda o projeto da agroindústria, que "de forma brilhante complementa este processo, dando à região a oportunidade de produzir milho, aveia e outros produtos

sem mandá-los para os grandes centros, para que retornem para cá industrializados. "Estou empolgado", admite o empresário, apontando o potencial de comercialização dos produtos industrializados aqui "e tudo que vem atrás disso, como a ampliação da construção civil, a geração de mais empregos e maior geração de ICMs para o município".

Endossando a opinião dos seus colegas de entidade, o vice-presidente industrial, Diogo Damiani, julga os dois programas lançados pela Cotrijuí, como sendo de extrema importância, e mesmo que sejam colocados tardiamente quando comparados a exemplos de outros estados como Paraná e Santa Catarina, "têm um incentivo muito forte para a conquista de nossos objetivos". Quanto ao projeto da agroindústria, Damiani diz que esse é um grande passo dado pela Cotrijuí, porém, "não se pode deixar que ela faça tudo sozinha. Temos que trabalhar unidos com a concepção de maior criatividade e competitividade, para que a médio prazo, se produzam resultados satisfatórios para a comunidade".

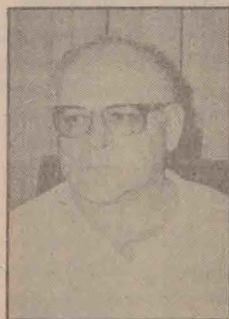
Funcionários
Debate interno

Um marco de aproximação

"Quando as coisas ficam difíceis é que surgem as melhores oportunidades para as pessoas se reunirem e acharem as soluções". A afirmação é do empresário ijuense Guilherme Seidler Filho e também faz parte de uma avaliação sobre os programas lançados pela Cotrijuí, os quais segundo o empresário, terão uma repercussão favorável na região. Como outros empresários, Seidler também aponta o atraso do lançamento, quando comparado a outras regiões e países que já o fizeram com sucesso.

"Acho que a Cotrijuí está no caminho certo ao propor alternativas concretas ao modelo decadente do monocultivo e que devem viabilizar tudo aquilo que nos resta", diz Seidler. "Só temos que mudar a nossa mentalidade", considera ainda o empresário, lembrando "o entrelaçamento natural do corpo de associados da cooperativa com a comunidade em que vive". Salienta, por isso, a reunião no dia dez de dezembro, como um marco dessa nova aproximação. "Ninguém mais pode trabalhar isolado".

MAIOR COMPETIÇÃO - Assim como até as empresas estrangeiras beneficiam o nosso produto e vendem para todo o Brasil, por que nós aqui não



Guilherme Seidler



Harley Huff

podemos fazer o mesmo? A indagação pretensiosa é de um outro empresário e vereador de Ijuí, Harley Huff, que diz ver com muito bons olhos, os programas e o projeto de agroindustrialização mantido pela Cotrijuí. A produção desta região, uma vez canalizada e verticalizada pela Cotrijuí, pode ser o primeiro passo para um outro tipo de industrialização. Pode servir de exemplo para outras cidades, diz Huff, no que pode ser feito em época de crise, tanto pelo lado técnico e econômico como pelo da aproximação entre vários segmentos da região. "A Cotrijuí está usando desse expediente para que o município venha a se tornar um polo regional", afirma.

Participação do Legislativo

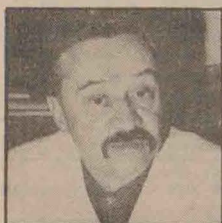
Uma legislação mais ágil e específica para o meio ambiente foi uma das questões debatidas com os vereadores de toda a região, que estiveram reunidos com a direção da Cotrijuí, no dia 27 de setembro

Maior estabilidade econômica ao produtor, incentivo ao desenvolvimento industrial e maior incremento à arrecadação municipal. Estes e outros pontos também foram apresentados e debatidos com os vereadores da região, numa reunião em que se buscou destacar a importância da participação do poder legislativo municipal na reestruturação do sistema produtivo regional. Além de tomarem conhecimento dos dois grandes programas lançados pela Cotrijuí, os vereadores puderam ainda observar legislações municipais específicas de incentivo à agropecuária, a partir de exemplos já existentes em outras regiões do país, como é o caso do Paraná, onde o cuidado do solo mais do que uma questão de educação tomada pelas entidades, virou objeto de lei para as câmaras municipais. Seguramente, estes incentivos junto a outros trazidos por programas semelhantes aos elaborados pela Cotrijuí já produziram retornos econômicos comprovados pelo aumento da produtividade agrícola.

Interados da situação econômica da região, os vereadores que estiveram reunidos com a direção da Cotrijuí avaliaram os programas de Ocupação Racional do Solo e o de Verticalização da Produção Diversificada, como "propostas que vêm ao encontro da realidade regional", como afirma o vereador do PMDB de Ijuí, Gilberto Pereira Gomes. "O Estado hoje tem mostrado dificuldades em enfrentar seus problemas, assim como a União tem deixado de lado a agricultura", disse o vereador, salientando a necessidade de soluções próprias para evitar perdas cada vez maiores para o produtor".

Essas soluções traduzidas pelos programas lançados pela Cotrijuí, terão que ser viabilizados por todos os segmentos políticos e econômicos dos municípios, assinala o vereador, "sob pena de serem inviabilizados concretamente". Pela parte do legislativo, o vereador até sugere que as vereanças tomem uma posição independente de partido e abram uma discussão baseada em conhecimentos de ordem técnica, social e econômica. A partir daí, continua sugerindo o vereador, podem ser criadas condições legais para que as prefeituras, de acordo com duas disponibilidades econômicas, possam dar aos agricultores melhores condições de infraestrutura, como melhoramento de estradas, auxílio às microbacias, entre outros aportes.

Quanto a legislação espe-



Gilberto Pereira Gomes



Álvaro Rutilli

Dessa forma, considera o vereador, o município poderá contribuir para a tranquilidade do agricultor, através da obtenção de lucratividade a longo prazo. As leis que originaram este processo, contudo, segundo Gilberto, especialmente aquelas que dizem respeito a um maior controle do ambiente, "não podem onerar o produtor, a fim de que se evite o risco de nunca serem cumpridas".

VALORIZAÇÃO - Em resumo, o que o vereador peemedebista coloca em destaque para a formação de uma estrutura legal mais específica à agricultura e do meio ambiente, e que ela seja elaborada a partir de "uma consciência mais forte da importância de se manter o agricultor no meio rural. É preciso que o meio rural se mantenha e tenha condições de evoluir", resalta o vereador, dizendo ainda que cada município poderia dar uma boa contribuição aos programas, enquanto o poder legislativo pode fazer a sua parte, através da complementação das leis orgânicas municipais.

Álvaro Rutilli, do PDT e vice-presidente da Câmara de Vereadores de Coronel Bicaco também entende que a participação do legislativo na implantação dos programas de recuperação da agricultura regional deve se dar pela instrumentalização legal que sensibilize o executivo, no sentido de que este venha dar um maior auxílio em infraestrutura do meio rural. Como justificativa a esse incentivo, o vereador cita o valor econômico de várias atividades da diversificação agropecuária, especialmente o caso da pecuária leiteira. "A necessidade da verticalização da diversificação é também do município", avalia o vereador, na medida em que, através desse processo, a arrecadação também vai ser maior. "O Executivo tem que dar sua parcela, para que o trabalho de diversificação seja bem feito".



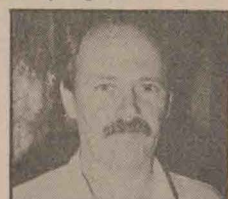
Com os vereadores
Participação fundamental para viabilização dos programas



Aristeu Felipe



Nestor Mattes



Artemio Fritzen

cífica sobre o meio ambiente, o vereador pedetista diz que o seu município, em particular, já conta com alguma legislação que vem obrigando os proprietários rurais a cuidar da arborização e da renovação das matas. É pouco, reconhece o vereador, mas segundo ele, para ampliar essa legislação que hoje se encontra a nível de Lei Orgânica, é preciso que se faça um maior trabalho de conscientização junto aos produtores. "Se houvesse consciência, não haveria necessidade de lei", pensa o vereador.

NOVOS RUMOS - As atividades de diversificação, em especial a pecuária leiteira são novamente lembradas, como uma atividade que tem contribuído para a permanência do agricultor na sua propriedade. O vereador do PMDB e presidente da Câmara de Vereadores de Ajuricaba, Aristeu A. Felipe, também tem esta opinião e por isso vê os programas da Cotrijuí como uma oportunidade para fortalecer estas atividades e dar um novo direcionamento à agricultura da região. O melhoramento do solo é outra questão fun-

damental, comenta o vereador, apontando as experiências de seu município com a organização de microbacias e por outro lado, o impulso às Apsats.

Apesar de Ajuricaba já contar com alguns dispositivos legais de apoio às microbacias, através da Lei Orgânica, o vereador peemedebista diz que ainda falta uma legislação própria para o assunto. "Agora na hora de elaboração do orçamento é preciso que se coloque algo mais específico em termos de destinação de maiores recursos para a Secretaria de Agricultura do Município".

"Se não fizermos isso, daqui a 10 anos não teremos mais nada". A afirmação é do vereador Nestor Mattes, do PDS de Augusto Pestana, que avalia os programas lançados pela Cotrijuí como uma forma de aproveitar toda a tecnologia disponível. "Se aplicarmos bem, acho que não tem como não evoluirmos", diz. De Chiapetta, o vereador do PMDB Artêmio Fritzen, diz que a iniciativa da Cotrijuí é um grande começo para desenvolver a conservação do solo nos municípios e também de incentivar a agroindustrialização. Em seu município, o vereador diz que a Câmara deve se empenhar para aprovar uma legislação mais forte em termos de reflorestamento.



O NPK e as misturas de grânulos TREVO, por terem grãos redondos, resistentes, secos e recobertos com óleo mineral, garantem muito mais facilidades para quem planta:

- Não empedram e não melam, durante o armazenamento.
- Evitam o trabalho e o custo para desempedrar.



- Não formam pó, nem embucham a adubadeira.
- Eliminam paradas para desentupir e trocar rosetas.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

CEASA REGIONAL

Decisão de bom senso

Instalação de uma filial da Ceasa em Ijuí continua à espera de uma decisão política de bom senso que atenda os interesses reais da produção e do consumo

Uma antiga proposta de organização da comercialização de hortigranjeiros está mobilizando o setor público e a área de produção de Ijuí nos últimos meses. Tanto a Cotrijuí, que há vários anos vem trabalhando com a organização do setor, seja pelo lado comercial ou produtivo, como a equipe municipal da Emater receberam com satisfação a proposta de descentralização da Ceasa - Central de Abastecimento do Rio Grande do Sul, o que, em outras palavras significa interiorizar um trabalho de comercialização e com isso encurtar caminhos entre produtores e consumidores, além de possibilitar a consolidação da atividade produtiva de olerícolas e frutas na região. Com a Ceasa em Ijuí, o município ganha um canal de comercialização organizado para atender até 50 municípios da região onde residem 1.260.705 habitantes, que hoje se abastecem principalmente de produtos trazidos da Ceasa de Porto Alegre, já que aqui não existe nenhuma estrutura local capaz de garantir este serviço.

Tanto empenho jogado através dos anos, contudo, não serviu para atitudes mais decisivas, pois passados alguns meses de seu lançamento, a proposta de interiorização ainda continua pendurada. Mesmo frente a uma série de estudos e levantamentos técnicos que comprovam a preferência natural da instalação da sede da Ceasa Regional para Ijuí, outros municípios da região também passaram a reivindicar a instalação do órgão, desconsiderando vários aspectos como densidade demográfica, localização, produção. Fatores estes, que, segundo os próprios técnicos da entidade, se não forem respeitados, inviabilizam de antemão a proposta de sua instalação.

ADEQUAÇÃO - Se a proposta da interiorização já significa o encurtamento da intermediação, por que uma filial da Ceasa ao ser instalada não respeitaria esse princípio? A indagação feita pelos técnicos se justifica por algumas re-



Ijuí
Incremento tecnológico à atividade

gras como a da localização do órgão que deve estar o mais próximo possível da área de produção e também dos principais centros consumidores. Qualquer proposta que não levar em conta estes aspectos pode se caracterizar como uma aventura e não como um projeto técnico adequado à realidade, manifestou o engenheiro agrônomo da Ceasa em Porto Alegre, Rogério Willi Lermen, que esteve em Ijuí em setembro para discutir a questão. Neste sentido, o parecer salientado pelo técnico da Ceasa somente reafirma a substancialidade de uma reivindicação da região do Noroeste Colonial e também respaldada pelo seu Conselho Regional de Desenvolvimento.

A escolha de Ijuí para ser o município sede da Ceasa Regional significa, portanto, maior proximidade com o potencial de produção já estabelecido em função da tradição do produtor e trabalhos da Cotrijuí e Emater, além da melhor posição geográfica para o estabelecimento", afirma o supervisor da área de hortigranjeiros da Cotrijuí, engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro. A argumentação do agrônomo se sustenta em estudo realizado pela equipe da Cotrijuí e Emater, o qual está registrado no quadro abaixo. Sem apelar para uma proposta meramente bairrista, esse parecer técnico apenas faz uma abordagem das condições técnicas, que em caso de dúvida, pode ser o

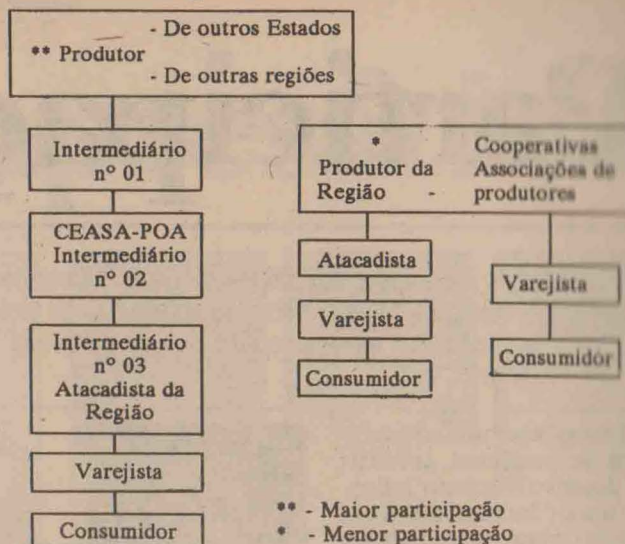
melhor indicador para qualquer decisão política mais séria.

ESPECIFICAÇÃO	Nº DE HABITANTES	%
Nº de habitantes beneficiados	1.260.705	100%
Nº de habitantes a menos de 100 km de Ijuí	546.322	43,33%
Nº de habitantes residentes de 100 a 150 km de Ijuí	545.837	36,07%
Nº de habitantes residentes a distância superior a 150 km de Ijuí	259.546	20,60%

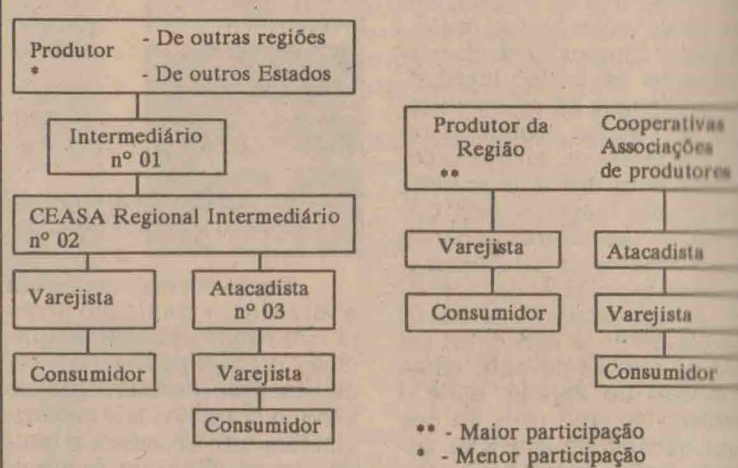
FONTE: IBGE

Abastecimento e comercialização atuais e a situação que teríamos com a CEASA regional:

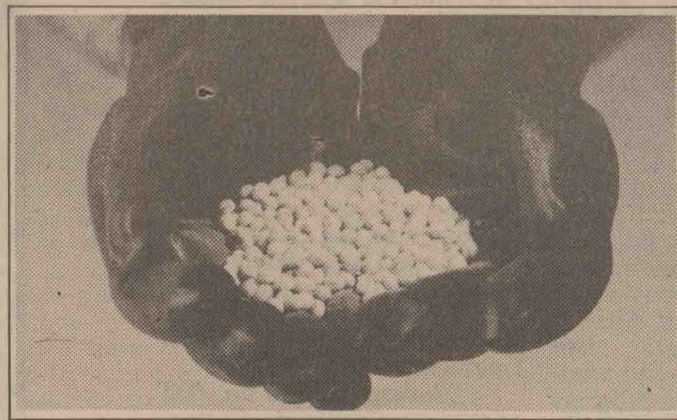
Abastecimento regional atual



Abastecimento com CEASA Regional



Proteção Nunca é Demais.



Proteja a Semente da Soja com TECTO 100.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças. Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



TECTO₁₀₀
A Proteção Necessária

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
FARMACÊUTICA E VETERINÁRIA LTDA.
Av. Brig. Faria Lima, 1815 - 2ª and - Tel. (011) 814-5266 - SP

AC 16/87

*Marca Registrada

(B) A - TT - A - 16/87

Qualificação comprovada

Estudos realizados na região e respaldados por técnicos da Ceasa em Porto Alegre confirmam a competência do município de Ijuí para sediar a Ceasa Regional

Depois de inúmeros anos de trabalho voltado a produção qualificada de hortigranjeiros, a Cotrijuí não poderia deixar de ser uma das principais torcedoras para a organização comercial de um setor que hoje, somente em Ijuí, é responsável pela manutenção de mais de 300 propriedades rurais. Compilando toda a estrutura de produção da região Pioneira da Cooperativa, são mil 244 produtores dedicados a uma atividade que abrange cerca de 35 por cento da produção regional, incluindo-se aí as principais culturas do Estado e também uma boa parte de citricultura.

Uma comprovação desse trabalho dirigido ao setor de hortigranjeiro pode ser observado pela estrutura tecnológica das propriedades pertencentes a região de Ijuí, que em uma rápida comparação com as propriedades de outras regiões concorrentes, já se colocam bem a frente em fatores como o número de estufas e túneis plásticos,

A TECNOLOGIA EMPREGADA NA PRODUÇÃO DE HORTIGRANJEIROS NA REGIÃO DE IJUÍ E OUTROS MUNICÍPIOS				
ESPECIFICAÇÕES	MUNICÍPIOS			
	IJUÍ	STO ÂNGELO	STA ROSA	S. L. GONZAGA
Nº de estufas plásticas	25	3	10	6
Nº de túneis plásticos	4.000m ²	1.000m ²	2.000m ²	2.000m ²
IRRIGAÇÃO				
Nº Produtores	150	3	10	7
Área Irrigada	450	9	30	21
Nº de Micro tratores utilizados na produção de Olerícolas	30	6	12	8

Fonte: Emater e Cotrijuí

área irrigada, etc, demonstrado na primeira tabela. Mas não é somente isso. Estudo realizado pela área técnica da Cotrijuí em conjunto com a equipe da Emater revela ainda que a disponibilidade de técnicos hoje alocados ao setor supera ao número encontrado em outros municípios, mesmo se considerada as previsões de investimentos em recursos humanos. Atualmente, segundo estes levantamentos, são quatro técnicos atuantes em Ijuí, e com a previsão de se chegar a uma equipe de seis pessoas, contra o máximo de apenas dois em lugares como Santa Rosa e Panambi, por exemplo.

DIFERENÇA SIGNIFICATIVA - Mas se essas diferenças já são significativas para demonstrar o potencial de pro-

dução da área de Ijuí, outros fatores como o número de produtores participantes em feiras livres, total das áreas olerícolas e até mesmo o acesso rodoviário encontrado em Ijuí, também vem confirmar a adequação do município para a instalação da Ceasa. "Todos estes dados levantados pelos técnicos da região, e confirmados pela matriz da Ceasa em Porto Alegre, referendam a determinação de Ijuí para instalação da Ceasa Regional, a qual já foi complementada com vistoria de local no município, pelos integrantes da entidade".

A afirmação é do supervisor de hortigranjeiros da Cotrijuí, João Agostinho Boaro, que destaca ainda dentro dos estudos técnicos para a

Encurtando o passeio

Uma melhor organização dos canais de abastecimento, com uma menor intermediação e redução do transporte dos produtos hortigranjeiros. Em função disso, uma nova estrutura estimulando a produção local e os produtos chegando ao consumidor com mais qualidade e preços mais adequados. Em síntese, são esses os grandes benefícios trazidos pela intenção de uma Ceasa regional, os quais por muitos anos tem mobilizado a comunidade regional, através da cooperativa, prefeitura, Emater, sindicatos e até entidades de consumidores.

A Cotrijuí, por exemplo, desde o momento em que se passou a incrementar a produção de hortigranjeiros na sua área de atuação, tem mantido esta proposta, buscando através de encontros e discussões com técnicos e dirigentes da entidade aprofundar o conhecimento sobre os canais de comercialização. A estrutura de produção, também, e principalmente, foi a mais incentivada nestes anos todos. (veja a matéria ao lado). "Sempre entendemos que o hortigranjeiro é uma alternativa altamente econômica, especialmente para as mini-propriedades", afirma o engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro, sa-

lientando que até hoje o avanço dessa proposta esteve limitado ao fato de não existir um canal de comercialização organizado.

Coordenando um trabalho técnico que hoje atende cerca de mil e 500 produtores, o agrônomo também vem insistindo num ponto fundamental para a viabilização de qualquer atividade produtiva, que é a constante busca de qualidade. "A partir da existência da Ceasa regional em Ijuí, haverá certamente uma redução na intermediação dos produtos importados de outras regiões (veja o gráfico) e uma maior participação da produção regional, com a possibilidade de se garantir melhores preços para produtor e consumidor", constata Boaro. A melhor remuneração, contudo, é uma conquista individual de cada produtor, ressalta o agrônomo, lembrando que o espaço de cada um será conquistado através do mercado. Como já vem repetindo há um bom tempo, "o produtor, portanto terá que ser cada vez mais eficiente e se orientar pelos três pontos-chaves da produção de hortigranjeiros, que é a manutenção de volume, constância na oferta a qualidade de produto."

DEMONSTRATIVO DA PRODUÇÃO REGIONAL DE ALGUMAS ESPÉCIES DE HORTIGRANJEIROS

Municípios	Culturas	Nº Produtores	Produção (t)	% Sobre Prod. Regional
Relação da Região de Ijuí	Tomate	60	355	35,5%
	Cebola	115	532	28,0%
	Alho	238	315	87,5%
	Cenoura	45	380	28,78%
	Beterraba	38	250	30,23%
	Repolho	74	1.096	25,9%
	Alface	85	385	24,18%
	Pepino	200	680	27,20%
	Moranga Cabutia	104	450	80,0%
Laranja p/ Mercado	35	150	50,0%	Novos plantios de laranja
260	165.000 lts			
Total:		1.244 produtores	4.593 (t)	

Fonte: Emater e Cotrijuí

Região de Ijuí: Área de ação Cotrijuí: Ijuí, Tenente Portela, Coronel Bicaco, Jói, Santo Augusto, Chiapetta, Augusto Pestana, Ajuricaba.

Município	Cultura	Nº Produtor	Produção (t)	% Sobre Prod. Regional
Sto Ângelo	Tomate	Nº de	39,96	4,00%
	Cenoura	Produt. 18	60	4,54%
	Cebola	(Para estes	75	3,95%
	Repolho	Produtos)	159,60	3,78%
	Alface		65	3,79%
Sta Rosa	Tomate	Nº de	40,8	4,08%
	Cenoura	Produt. 80	68,4	5,18%
	Cebola	(Para estes	150,0	7,90%
	Repolho	Produtos)	681,6	16,15%
	Alface		180,0	11,30%

Fonte: Emater Regional de Santa Rosa e IBGE

implantação do órgão, as perspectivas da produção regional de mais de 38 espécies de hortigranjeiros totalizando um volume de 369 mil e 518 toneladas por ano. "Apenas uma parte deste volume de produtos se destina ao mercado in natura", informa ainda o técnico enfatizando que as reais possibilidades de produção se expressam também

pelas formas de organização dos produtores na região, através de associações, da identificação de um grande número de produtores com a atividade da disponibilidade de mão-de-obra, e da existência de microclimas que permitem a produção em épocas diferenciadas de espécies tropicais, como é o caso do abacaxi e do mamão.

SÉRIE "AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO" FATO Nº 2

Trevo é Economia

O NPK e as misturas de grânulos TREVO, pela alta tecnologia de sua produção, garantem muito mais economia para o agricultor. Com eles se ganha mais, porque:

- Asseguram maior produtividade e grãos melhores.
- Eliminam despesas com mão-de-obra para desempedrar.
- Escorrem muito bem na adubadeira, poupando paradas.
- Possibilitam um plantio mais rápido, na época certa.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

Um novo pacote

A meta é produzir 65 milhões de toneladas. Médios e grandes produtores têm juros reduzidos de 18,2 para 12,5 por cento

O susto de uma safra espremida - pelas previsões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - ela não deverá passar dos 56,6 milhões de toneladas, fez o governo repensar suas intenções em relação a atividade agrícola brasileira. Tendo como meta uma produção de 65 milhões de toneladas, o governo muda sua estratégia acenando com um plano de emergência para socorrer uma agricultura já em estado adiantado de desnutrição. Se o tratamento de choque pode ainda refletir sobre a próxima safra, só o tempo e a lavoura que já começa a ser plantada poderá dizer. No segundo pacote lançado para a lavoura deste ano, e ainda não muito bem deglutido pelo setor, um volume maior de recursos e juros 6 por cento menores.

"O grande pacote para a agricultura seria aquele em que o governo financiasse a propriedade como um todo e não apenas as culturas", diz o diretor vice-presidente da Cotrijui, Euclides Casagrande, sem deixar de reconhecer, no entanto, que as novas medidas podem surtir ainda algum efeito sobre a próxima safra de verão. Acredita que um número considerável de produtores ainda pode se beneficiar do maior volume de recursos que vão ser liberados, "principalmente aqueles mais atrasados". Serão mais Cr\$ 579 bilhões - dos quais Cr\$ 300 bilhões deverão chegar aos bancos ainda em outubro - para financiar a próxima safra.

A comemorar, num primeiro momento, Casagrande cita a redução das taxas de juros "de 18,2 para 12,5 por cento" e ainda a extensão da equivalência-produto aos médios e grandes produtores. "A idéia em si é muito boa", observa, pois acredita que o importante é o produtor plantar sabendo ao certo o quanto deverá pagar no final da safra. Diz que além de atender as necessidades do produtor, essa nova política adotada pelo governo deixa o produtor mais tranquilo. Casagrande junta ainda às medidas positivas, a possibilidade do produtor que já financiou a sua lavoura, ter seu contrato refeito e adaptado à nova sistemática de cobrança de juro.

As opiniões de lideranças da economia agropecuária do Estado, a res-

peito do pacote anunciado pelo governo, não são unânimes. Enquanto os que representam grandes e médios produtores colocam mais pontos positivos às medidas anunciadas, os representantes dos pequenos somam mais pontos negativos.

A Fecotriga, através de seu presidente em exercício, Rui Polidoro Pinto, considera positivas as medidas constantes do pacote, na medida em que seguramente, poderá salvar a safra de verão. A chegada dos recursos de financiamento com a consequente redução do percentual de juros, de 18,2 por cento para 12,5 por cento, é fator positivo. Também a garantia da comercialização da safra de trigo, para o que o governo garante Cr\$ 80 bilhões, é outra decisão confortadora.

TRIGO TRIBUTADO - Outra decisão racional do governo, diz Polidoro, é a taxa do trigo importado, antes isento, e que passa para 25 por cento de imposto. Nada mais justo do que essa decisão, pois vem tornar mais igualitária a situação do produtor nacional com os dos demais países exportadores, pois todos eles, de maneira direta ou indireta, são privilegiados com fortes subsídios à produção do cereal.

UM BOM COMEÇO - O presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul, Hugo Giudice Paz, pensa de maneira semelhante. Considera que as medidas que foram anunciadas pelo governo tem o efeito de, talvez, abrir caminho para a implantação no país de uma política agrícola definitiva e que tranquilize, de uma vez por todas, os produtores rurais.

Ele acha que até aqui, todos os governos, inclusive os do regime militar, não tiveram uma política firme e clara para com a agropecuária, que tem vivido em sobressaltos. Espera que a partir destas medidas, que caracterizam um bom começo, seja definida uma situação que perdure, permitindo que o agropecuarista se programe não somente para a safra seguinte, mas, sobretudo, trace seus planos para os anos seguintes com a convicção de poder investir com a certeza de retorno de seu capital, acrescido de juros.

JUROS AINDA ALTOS - No entanto, ele ainda considera os juros excessivos para uma boa resposta dos produtores em termos de produção. É sabido que nos países agrícolas de economia forte a produção agropecuária é altamente privilegiada, seja por subsídios diretos aos produtores ou indiretos, visando o mercado exportador externo. Dai a impressão que fica nos países de economia frágil, como o Brasil, que os produtos agrícolas importados são mais baratos. O caso do trigo, por exemplo, é o que apresenta a mais flagrante distorção que se conhece sobre esse assunto. Por isso, considera das mais lúcidas a medida adotada pelo governo ao tributar o trigo importado, que até aqui vinha entrando no país sem qualquer ônus, diz o presidente da Farsul.

COM UM PÉ ATRÁS - Já a Fetag - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, não comunga da mesma idéia das outras entidades representativas da produção. Seu presidente, Ezídio Pinheiro, acha

que os pequenos agricultores foram alijados do pacote. O fato de ter sido elevada a faixa do pequeno produtor para um teto até 17 milhões de cruzeiros, vai dificultar a obtenção de crédito bem mais do que até aqui, quando a faixa era de 13 milhões.

Por outro lado, diz Ezídio, parece ter ficado claro que o governo, quando fala em agricultura, tem em mente apenas a produção de grãos e esquecendo a cesta básica. Para nós, produção não é apenas grãos. É também leite, feijão, hortigranjeiros. Tudo aquilo que vai na mesa para alimentação do povo.

Vamos nos unir nos próximos dias para estudar medidas que, a nosso ver, venham melhorar as condições dos pequenos no sentido de sobreviver nos pequenos espaços. Essa é a nossa meta, e que, mais uma vez, passou despercebida pelo governo", reclama Ezídio Pinheiro, que diz estar com um pé atrás. Para ele, pacote agrícola que contempla, ou pretende contemplar apenas uma parcela da sociedade da produção, em vez de solucionar problemas já crônicos da nossa economia, virá agravá-los. Daí, diz, a decepção que o pacote veio causar aos pequenos produtores.

As novas regras

As medidas contidas no novo pacote agrícola do governo

* **Juros** - O governo está fixando em 12,5 por cento o limite máximo para juros de crédito agrícola. Os minis e pequenos produtores continuarão obtendo empréstimos a juros de 9 por cento, mais a TR. Os médios e grandes passarão a pagar, em vez dos 18,2 por cento, os 12,5 por cento, mais a TR.

* **Recursos** - O Banco do Brasil deverá liberar Cr\$ 365 bilhões para o crédito rural ainda em outubro e outros Cr\$ 550 bilhões até o final do ano.

* **Cooperativas** - O governo está anunciando a destinação de Cr\$ 80 bilhões - Cr\$ 40 bilhões na forma de complementação das cotas partes para capital de giro - e o restante para ser aplicado em investimentos.

* **Equivalência** - A equivalência-produto, antes beneficiando apenas os minis e pequenos está sendo estendida também aos médios e grandes produtores. A equivalência em produto será aplicada na avaliação dos empréstimos e na correção dos débitos dos produtores. Esta medida significa que sobre os empréstimos contratados pelos produtores só incidam juros de 9 e 12,5 por cento, já que a mesma TR, que corrige as dívidas, também vai corrigir os preços mínimos.

* **Preços mínimos** - Os preços mínimos e VBCs da próxima safra serão corrigidos em 22 por cento no dia 10 de outubro. A partir desta data, os preços serão corrigidos pelo mesmo índice que corrige as dívidas, a TRD - Taxa Referencial Diária.

* **EGF** - O governo vai liberar recursos para o EGF - Empréstimo do Governo Federal - do trigo, com opção de venda. Até o final do ano

deverão ser liberados Cr\$ 100 bilhões.

* **Operações** - Tanto de custeio agrícola como de comercialização serão formalizadas simultaneamente, permitindo que, num único contrato, os produtores rurais, além do financiamento de custeio, assegurem prazos para a comercialização de seus produtos.

* **Reciprocidade** - Será proibida a reciprocidade exigida pelos agentes financeiros onde se condiciona a liberação de empréstimo à aplicação de parte do crédito no próprio banco.

* **Proagro** - Estão sendo destinados Cr\$ 105 bilhões para cobertura de indenizações que ainda estão em atraso. As lavouras plantadas com recursos próprios também receberão cobertura do Proagro.

* **Dívidas** - Está sendo prorrogado até o dia 15 de outubro o prazo para renegociação da dívida dos produtores. Elas deverão ser ajustadas às novas condições de encargos financeiros. Dependendo da capacidade de pagamento de cada produtor em dívida, elas poderão ser renovadas anualmente pelo prazo de cinco anos.

* **Contratos anteriores** - Todos os contratos de financiamentos já assinados para a próxima safra serão refeitos, para incluir as novas taxas de juros.

* **Refinanciamento** - Todas as operações de financiamento de custeio e comercialização não terão mais solução de continuidade. Ou seja, quando chegar o dia de resgatar o custeio, se o produtor não tiver vendido a safra, ele poderá fazer um refinanciamento automático e o financiamento de custeio se transformará em financiamento de comercialização.

OS NOVOS PREÇOS MÍNIMOS

Produto	Região	Unidade	Preços mínimos atualizados Cr\$/Unidade	Último mês de Atualização
Arroz Agulhinha, em casca (1) Arroz de Sequeiro, em casca	Brasil	50 Kg	5.145,00	Jul/92
	Sul, Sudeste	60 Kg	4.541,40	Jul/92
	Nordeste (exceto MA)	60 Kg	4.138,20	Jul/92
	MS, GO e DF	60 Kg	3.520,20	Jul/92
	Sul do MT, TO e MA Norte do MT, RO, AC AM, PA, RR e AP (2)	60 Kg	2.838,60	Jul/92
Feijão Cores e Preto Milho	Centro-Sul	60 Kg	14.249,40	Mar/92
	Sul, Sudeste e BA-Sul	60 Kg	3.417,60	Jul/92
	MS, GO e DF	60 Kg	2.970,00	Jul/92
	Sul do MT e TO	60 Kg	2.515,80	Jul/92
	Norte do MT e RO	60 Kg	1.994,40	Jul/92
Soja	Sul, Sudeste, BA-Norte e NE (3)	60 Kg	4.177,20	Jul/92
	MS, GO, DF, MA, BA	60 Kg	3.835,80	Jul/92
	Sul do MT e TO	60 Kg	3.495,60	Jul/92

(1) Vigência a partir de 01.09.92 para Roraima

(2) Preço Mínimo válido também para as áreas irrigadas das regiões Nordeste e Centro-Oeste

(3) Exceto Maranhão

Agricultura: previsão otimista

O próprio mercado está a exigir que a agricultura saia do fundo do poço. A afirmação é de Silmar Müller, durante Seminário Safras e Mercado que também contou com a participação de Carlos Cogo, Paulo Molinari e Flávio Roberto França Júnior



Silmar Müller

ção". Faz essa observação considerando que o Rio Grande do Sul tem espaços para crescer em produtividade, "basta apenas que leve a sério a necessidade de correção do solo, hoje totalmente sucateado".

Para Silmar Müller, questões como preços mínimos, crédito, não passam de mero artificialismo para mascarar uma situação real. "A situação real se chama mercado e competência", diz ele apostando na possibilidade do Brasil levar vantagens em relação a Argentina. Entre as vantagens aponta a boa estrutura viária e portuária, e os custos baixos em termos de escoamento. Garante que o Rio Grande do Sul, por exemplo, tem vantagens que não está sabendo explorar. Se conseguir crescer a produtividade da sua lavoura é maximizar melhor a sua estrutura de escoamento e transporte, o Rio Grande do Sul não tem porque se assustar da Argentina", aposta.

go, o diretor de Safras Mercado, Silmar Cesar Müller se mostra otimista com relação ao momento vivido pela agricultura brasileira. Não espera muita coisa desta safra de meio caminho andado, mas aposta em melhores resultados na próxima, "quando o Brasil retomar seus patamares de crescimento".

O otimismo do diretor de Safras & Mercado bate em dois pontos que considere relevantes. Primeiro, que

a agricultura chegou a um ponto de saturação que não tem mais para onde cair. Dentro deste contexto diz que o próprio mercado e isso tanto a nível interno como externo, está a exigir uma reversão da situação. Para o analista esta reversão deverá acontecer independente de qualquer política de incentivo do governo. O segundo ponto levantado por Silmar Müller passa pela constatação do próprio governo de que é hora do setor receber alguma espécie de estímulo, "única forma do país retomar seu desenvolvimento econômico".

"A agricultura tem respostas rápidas e movimentada a economia a curto prazo, além de ser uma fonte geradora de divisas", continua Silmar Müller exemplificando essa intenção do governo com os estímulos que estão sendo dados para as culturas de exportação, como soja, café, algodão, cacau e laranja.

O diretor de Safras & Mercado vê o novo pacote agrícola sob este novo prisma, mas não acredita nos seus efeitos imediatos sobre o crescimento da produção. Destaca como aspecto positivo a questão da maior disponibi-

lidade de recursos, "isso em relação a safra passada", mas não acredita que ele possa servir de fator de estímulo para um aumento da produção. Diz que até prova em contrário, prefere apostar no mercado como fator estimulante da produção. Garante que, enquanto a disponibilidade de recursos continuar cara e incompatível com a produção agrícola, ela não deverá alterar a lavoura num curto espaço de tempo. "A agricultura só vai responder melhor a estímulos do governo quando a economia do país se estabilizar. A liberação de recursos por si só não garante nenhum aumento da produção", reforça.

PREOCUPAÇÃO - A integração dos mercados dos países do Cone Sul deve ser encarado "com uma certa preocupação, mas sem sustos", assegura o analista. "A concorrência não deve assustar", frisou durante sua palestra. Entende que só devem temer pela concorrência aqueles países um pouco mais atrasados ou setores ineficientes. Admite que o Rio Grande do Sul precisa ter certa cautela em razão da sua ineficiência na agricultura, "embora essa não seja uma ineficiência crônica, sem solu-

Vantagens com a desvalorização

A nova safra brasileira de trigo e a política agrícola para o setor, passando ainda por questões como importações, oferta, demanda, comercialização; a integração do mercados do Cone Sul e as tendências para a próxima safra, foram os temas abordados, durante palestra, pelo analista do Conselho Nacional de Agricultura, Porto Alegre. Carlos Cogo também esteve em Ijuí participando do Seminário Safras e Mercado.



Carlos Cogo

Ao analisar as consequências da maxi-desvalorização do cruzeiro, Carlos Cogo previu um pouco mais de fôlego para os triticultores nacionais na medida em que existe possibilidade dos preços, a nível de mercado interno, evoluírem um pouco mais, "podendo, inclusive, ultrapassarem o preço mínimo". Aposta na medida, com benefícios imediatos para o produtor pelo simples fato de que, depois da maxi, o trigo importado passa a ficar entre 15 e 16 por cento mais caro que o produto nacional. Contra Cr\$ 100 mil cruzeiros pagos pela tonelada de trigo importado, os moageiros vão pagar em torno de Cr\$ 85 mil pela tonelada do produto nacional, "representando realmente uma certa margem para o produtor, até porque uma boa parte das importações autorizadas não deverá ser cumprida".

É claro que o Carlos Cogo não descarta a possibilidade, pelo menos a médio prazo, de dificuldades para a triticultura nacional e que não vão ser resolvidas com alterações cambiais. As indústrias, por um certo tempo, ainda vão continuar dando preferência para o produto importado, "não só pela questão do PH, mas também porque atende melhor as suas necessidades, principalmente na área de panificação". Apesar de vislumbrar, a curto prazo, algumas mudanças em função do câmbio, Carlos Cogo continua preocupado com a qualidade da produção nacional e coloca nas mãos da pesquisa a grande virada que deve ocorrer na triticultura nacional. "O que precisa mudar é a qualidade do produto nacional", disse ainda defendendo a necessidade do governo canalizar mais recursos para a área. Garante que com apenas um décimo do que o governo já consumiu com subsídios - cerca de 15 bilhões de dólares - a pesquisa já poderia fazer muita coisa. Depois é só o governo não atrapalhar o mercado, colocando regras claras para as importações e definir sobretaxas para todo o produto que entrar subsidiado, não permitir que o trigo subsidiado faça concorrência desleal com o trigo nacional e não vender desorganicamente os seus estoques. A resolução destas questões poderá criar condições para a produção nacional. "Isso, acredito, já seria suficiente para o produto nacional".

INCÓGNITA - Carlos Cogo não quis traçar nenhuma tendência de crescimento para a triticultura nacional, por considerá-la ainda uma incógnita. Concorde que a queda na produção foi muito grande, entre 40 e 50 por cento em relação ao ano passado, mas é preciso ficar atento para a fase de transição pela qual passa o setor. Mas disse esperar que dentro desta nova fase, de economia de mercado, o produtor encontre espaços para o seu produto e reative uma lavoura que já fez história no País. "Vai depender do rumo do mercado, o crescimento da lavoura", observou ainda.

SERIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 3

Trevo é Produtividade

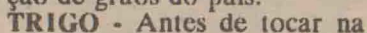
O NPK e as misturas de grânulos TREVO garantem os nutrientes certos para a maior produtividade da lavoura. Com eles, sua plantação ganha:

- Forte "arranque" inicial, devido à alta solubilidade em água.
- Maior percentagem de flores férteis, que resultam em mais grãos.
- Grãos maiores e mais pesados.
- Grãos com elevados teores de proteína e óleo.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

Citou o trigo como um exemplo do que vem ocorrendo com a lavoura brasileira. De uma produtividade alcançada entre 2.000 a 3.000 quilos por hectare, baixou para 1.000 a 1.200 quilos por hectare.

A virada na lavoura



dades que o produto nacional não podia suplementar. A volta deste esquema é indispensável, pois caso contrário teremos sérios problemas", ressaltou colocando-se a favor da privatização da comercialização do trigo. "A nossa maior satisfação é que com a privatização, os produtores atingiram melhores resultados que com a estatização", disse por fim.

O grande objetivo da aeração, segundo Celaro, é o de resfriar os grãos. "Se conduzirmos um processo adequado de aeração, de resfriamento, dá para reduzir os custos de instalação de uma termometria em 90 por cento", disse ainda Celaro lembrando que os armazéns da Cesa, construídos em sua maioria na década de 50, apesar de pioneiros, têm suas deficiências por não incluírem no processo de estocagem, na construção de suas unidades, um adequado sistema de aeração. Os silos eram equipados com uma quantidade grande de sensores

O uso de sensores termométricos, na opção de Celaro, não deixa de ser uma alternativa, embora de custo mais elevado "e sem a mesma eficiência". Garante que para o grão não é a melhor alternativa, embora concorde que o processo conduza a resultados razoáveis. Sob o ponto de vista econômico, para atingir um grau de eficiência, é inadequado. Atualmente já existe uma quantidade razoável de unidades armazenadoras dotadas de sistema de aeração, só que o processo é elevado ao máximo de sua potencialidade. Este tipo de atitude tem a ver, na opinião do diretor da Ceca, com o retardamento da entrada do processo no país, somado à falta de informações a respeito das vantagens do uso de aeração na secagem do grão. "Ainda hoje existe muito receio a respeito do uso da aeração na secagem do grão", reconhece.



Antes de qualquer decisão, faça uma reflexão.



**Com Flex,
as ervas vão
e a soja fica.**



Agroquímicos

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

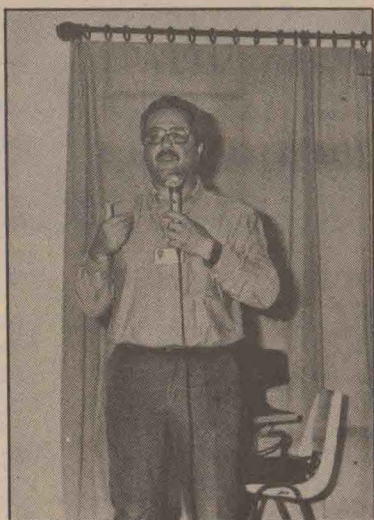
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO

Ratos: prejuízo certo

Além dos prejuízos econômicos, os ratos transmitem doenças, algumas delas fatais, como a leptospirose

Um estudo do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos mostra que um rato significa 24 dólares de prejuízo por ano. Mil ratos num graneleiro resultaria em 24 mil dólares/ano de prejuízo direto, físico, sem somar no caso a deteriorização das estruturas, das redes elétricas e hidráulicas, de motores, entre outros. A informação foi transmitida pelo pesquisador da Itai e instrutor do Convênio Centreinar/Fao, Ivan Vaz de Mello Cajueiro durante palestra em que tratou do Manejo de Roedores em Armazenamento. Estimativas dizem que 25 por cento dos incêndios tidos como de causas desconhecidas são causados por roedores. Soma-se ainda os problemas de saúde, que também são sérios e preocupantes - existem 36 doenças conhecidas causadas pelos roedores, com algumas delas fatais, como a leptospirose.

A nível doméstico e industrial, existem três espécies problemáticas: a ratazana, o



Ivan de Mello Cajueiro

rato comum e o camundongo. Para o controle, Cajueiro apontou três opções: a biológica, o físico e o químico. Não aconselha a idéia de um tipo isolado de controle, pois o rato se adapta muito bem a modificações feitas no ambiente, "inclusive na própria oferta de isca". Qualquer novidade que aparecer no ambiente, a

tendência dos ratos é a de, por um determinado tempo, manter distância.

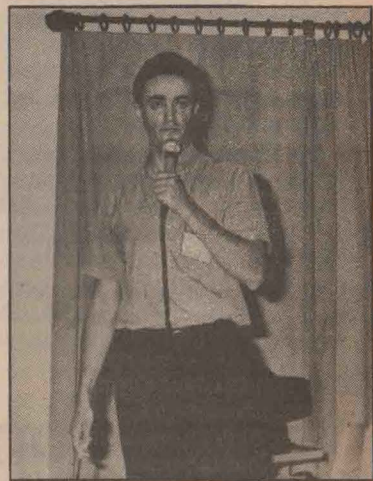
Para o pesquisador, a forma de controle biológica ainda é a mais eficiente, "pois é muito arriscada". A opção por predadores tipo cobras e gatos apresentam também algumas variações. Os gatos, por exemplo, só são eficientes em caso de camundongos.

Vê o controle físico como o primeiro passo a ser tomado na atividade do manejo de populações de roedores. Garante que impedir o acesso dos roedores à fonte de alimentos, por si só já é um fator de controle. "É importante que desde o projeto de construção da unidade, se pense na presença do rato", diz o pesquisador aconselhando a colocação de ângulos de base em plataformas de armazéns. Diz que são medidas simples que se tomadas no momento

da construção da unidade não só simplificam como barateiam o custo, contribuindo ainda para a redução de pontos dentro da unidade de acesso à população de roedores.

QUÍMICO - Neste tipo de controle podem ser usados raticidas de efeitos fulminantes, que são os anticoagulantes de primeira e os de segunda geração. Diz que a vantagem dos produtos anticoagulantes é que a morte ocorre vários dias depois da ingestão. "Isso dá uma segurança de que a população toda vai ingerir o produto". Mas diz que é importante saber alguns detalhes da vida dos ratos, antes de partir para um controle químico. Os ratos têm uma quantidade muito grande de pulgas que vetoram uma série de doenças. Então, aconselha ainda, sempre que se fizer um tratamento raticida, é conveniente que na estrutura também se faça um tratamento de inseticida para prevenir problemas com pulgas.

Como os ratos não sobem em paredes lisas, sugeriu o reboco pelo menos de um metro e meio de parede para que eles não subam, tomando o cuidado, ainda, de manter sempre limpa a área em volta da unidade, "porque uma vegetação pode estar abrigando tocas de ratos". "O controle dos ratos começa na periferia da unidade armazenadora, e não dentro dela, avisou. Pediu que seja evitada a colocação de hidrantes muito próximos à janelas de silos e unidades armazenadoras, "pois é por onde os ratos podem penetrar", disse ainda citando a coruja como um dos predadores mais eficientes.



Gilberto Carvalho

Medidas de controle

Manejo de roedores em armazenamento foi o tema da palestra do diretor de Comercialização da Shell do Brasil, Gilberto Carvalho. De acordo com o palestrante, antes de estudar qualquer medida de controle, se faz necessário avaliar se o custo benefício será realmente favorável.

Segundo dados estatísticos, existem, em média, no Brasil, quatro ratos por habitante, ou seja, 600 milhões de ratos, "representando, em termos econômicos, prejuízos consideráveis, sem considerar, no entanto, os problemas de saúde". A nível de propriedade rural, principalmente naquelas dedicadas a criação de suínos, a presença do rato está muito ligada ao aumento da taxa de aborto devido a contaminação da ração por fezes. O principal impacto causado pelo roedor, em termos de prejuízos não se resume apenas ao que ele come, "mas ao que ele suja ou estraga". Durante o seu ciclo de vida, um rato produz seis quilos de urina, defeca 15 mil vezes e perde, em média 300 mil pêlos.

CONTROLE - Os produtos químicos utilizados no controle dos ratos se apresentam nas formas tóxicas agudas e crônicas, caso em que a ingestão deverá ser feita várias vezes. Mas para que surtam efeitos, os raticidas precisam ser ingeridos várias vezes pelo rato. A vantagem do uso deste tipo de produto é a existência de um antídoto especial, "o que aumenta a segurança em termos de utilização ao homem e também para o tratamento de outros animais que possam sofrer intoxicações numa operação de desratização de uma propriedade", ressaltou o Gilberto.

Na década de 70 foram desenvolvidas duas outras moléculas - Fenacem e Bromadiolona - em condições de refrear e controlar os ratos e ratazanas resistentes aos produtos de primeira geração. No final da década de 80 apareceram os produtos de terceira geração - Braspaccon e Flocomafen. O produto Flocomafen, lançado com o nome de Storm, é vendido em formulações de grânulos e em bloco parafernado. É um produto de al-

ta potência, segundo Gilberto, sendo uma dosagem suficiente para causar a morte de um rato. "Basta apenas 1,3 gramas de granulação comercial para causar a morte de um rato de 200 gramas", avisou. Considerando que um rato de 250 gramas come de 20 a 25 gramas por dia, só no fato de experimentar os raticidas, ele já vai ingerir a dose letal.

O MELHOR - O rato é um animal que tem uma estrutura social e se comunica entre si, exigindo, portanto, no controle, cuidados redobrados, "no sentido de convencer o animal de que aquilo que lhe está sendo oferecido é melhor que o alimento que normalmente ele está acostumado a ingerir, explicou Gilberto sugerindo iscas de bom gosto para estimular o consumo. Garante que de nada adianta ter um produto de alta toxicidade, se não existe uma formulação capaz de fazer com que o rato coma o produto, "com riscos, no caso, de se perder a eficiência em termos de controle".

Durante toda a palestra, Gilberto alertou para os cuidados que se precisa ter em caso de uso de produtos de elevada toxicidade em uma propriedade agrícola, sugerindo um estudo do impacto desses produtos a nível de riscos primário e secundário. Em nível de risco primário colocou a galinha, o porco, o pato e o cão, "animais que poderiam ingerir a isca. A nível secundário se situam os animais que se alimentam de ratos.

Um porco de 50 quilos, por exemplo, só vai sofrer uma hemorragia interna se ingerir 480 gramas desse raticida de terceira geração. Uma galinha precisa comer em torno de 50 gramas e um cão, um animal mais sensível, pode apresentar problemas com a ingestão de apenas três gramas do Storm. As corujas e corvos, que se alimentam de ratos mortos pelo raticida, não correm riscos, porque o nível de resíduo na carcaça, em média, é de 25 vezes menor do que a quantidade ingerida pelo rato.

A grande preocupação de empresas fabricantes de raticidas tem sido com a questão do manejo em termos de risco do produto a nível de propriedade. "Este também tem sido uma preocupação da Shell", disse Gilberto referindo-se ao produto Storm, um produto de cor azulada, facilmente confundido com alimento. Uma gra-

ma na boca, provoca ânsias na pessoa "em função do sabor ruim, difícil de ser ingerido", além de aparecer uma

cor azulada. Mas a ingestão de 380 gramas pode ser uma dose letal para uma pessoa de 70 quilos.

SÉRIE
"AS GRANDES VANTAGENS DA TREVO"
FATO Nº 4

Trevo é Segurança

Os fertilizantes e corretivos de solo TREVO têm, por trás de si, a tecnologia, a tradição e a idoneidade de uma empresa líder, com mais de sessenta anos.

A marca TREVO é garantia de:

- Tratativas sérias e entrega do produto adquirido.
- Orientação técnica e apoio de serviços qualificados.
- Rigoroso controle de qualidade, para adubo e sacaria.
- Inexistência de perdas e certeza do peso correto.

ADUBOS TREVO
Segurança para quem planta.

Marcando passos

Área de arroz não vai passar das 22 mil hectares e a soja, talvez, chegue a quatro mil hectares

A expectativa de plantio da safra de verão no município de Dom Pedrito não difere em quase nada de anos anteriores. A previsão é de que as extensões a serem cultivadas se mantenham em idênticas proporções, talvez menos no arroz, por consequência da proibição dos "atacados" do rio Santa Maria. Mas com o crescimento de áreas nas outras culturas, deverá haver equilíbrio na extensão das lavouras, em seu todo.

É o que prevê o coordenador do Departamento Técnico da Cotrijuf Regional, agrônomo Gerson Rodrigues Ferreira. Ele dá como certo que o município pedritense vai cultivar 22 mil hectares de arroz, quatro mil hectares de soja, 4.500 de milho e dois mil de sorgo.

Essa estatística de plantio coincide com a previsão de outro técnico da Cotrijuf, agrônomo Flávio Espartel da Silva, assessor do Deteco.

OPINIÃO DE CONSENSO - Mas os técnicos da Cotrijuf fazem questão de dizer que essa previsão de plantio é resultante da opinião da totalidade

dos técnicos dos demais organismos voltadas para a agricultura no município, ou sejam: Emater, Instituto Rio-grandense do Arroz, Estação Experimental da Secretaria da Agricultura e IBGE, além da própria Cotrijuf. Quer dizer: uma opinião de consenso.

Eles se questionam, no entanto, até quando Dom Pedrito permanecerá marcando passo, com a produção estagnada, oscilando entre as 22 ou 25 mil hectares de arroz, e demais culturas tendo as áreas reduzidas a cada nova safra?

A cultura da soja já ocupou mais de 10 mil hectares de lavoura. Agora será reduzida para quatro mil hectares. Em menores proporções, também vem ocorrendo com o milho e o sorgo, que são as demais culturas de verão, mais extensas do município. **ESCASSEZ DE ÁGUA** - No caso específico do arroz existe o argumento, procedente, da escassez da água para irrigação. Enquanto não forem construídas mais barragens, conforme prevê o Plano Bourscheid, parece que a tendência é de continuidade da estag-

Agrônomos contra patenteamento de gens

Tramita no Congresso o anteprojeto de lei nº 824, de origem na Presidência da República, que tem o objetivo de estender patentes de propriedade a tudo que for criado no país, incluindo bactérias, vírus e todos os seres vivos (microrganismos) de uso na agricultura. Esse assunto foi levantado durante o XVII Congresso Brasileiro de Agronomia realizado recentemente - fins de setembro - em Salvador, Bahia.

O tema foi objeto de muitos debates no plenário do Congresso, merecendo moção de protesto dos agrônomos, que vêem na medida uma intenção clara de submeter cada vez mais a nossa agricultura, e também a pecuária, aos interesses dos grandes grupos econômicos, e principalmente às multinacionais, detentores dos maiores progressos científicos em todos os campos da biotecnologia.

O presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, Carlos Roberto Comassetto, considera que a lei, se aprovada, significará mais uma revés para o desenvolvimento da nossa agropecuária, que então se tornará totalmente dependente dos interesses mercantis dos maiores grupos no país e no exterior.

ROYALTIES À AGRICULTURA - Comassetto, que durante o Congresso na Bahia levantou a voz contra a aprovação da lei, em declarações à imprensa em Porto Alegre, disse que se essa aberração jurídica passar, os agricultores vão ser obrigados a pagar "royalties" a cada geração de espécies vegetais que comprem e reproduzam em suas lavouras. Os preços das sementes e raças "patenteadas" serão

muito mais elevados que as espécies tradicionais, ficando os agricultores obrigados a renovar as espécies vegetais ou animais, a cada nova safra ou recria.

Da mesma forma, disse, os melhoristas não terão livre acesso às fontes genéticas para conseguir novas variedades de plantas e animais. Os recursos genéticos, incluindo os genes, as linhagens celulares, o germoplasma e também as características de rendimentos, serão de propriedade exclusiva das principais empresas de biotecnologia. É aí que tem de entrar o pagamento de "royalties", disse.

PESQUISA PRIVATIZADA - A pesquisa do setor público será solapada e no final, privatizada, diz o técnico, pois com a introdução das patentes de propriedade a indústria privada será a única beneficiada. As universidades e instituições públicas de pesquisa serão obrigadas a guardar segredo sobre suas descobertas, preservando-as para a iniciativa privada, ressalta ele.

As consequências imediatas para o Terceiro Mundo serão a transferência da sua escassa tecnologia e patrimônio biológico natural, transferidos para os países ricos, adverte.

EMPREENHIMENTO COMERCIAL - Comassetto acha que as relações da sociedade com a natureza ficarão reduzidas e um mero empreendimento comercial baseado na exploração e no lucro. A possibilidade de patentear organismos vivos significa que alguns países predominarão sobre os outros, interferindo nos ciclos vitais, ou seja, na própria vida, o que considera uma aberração contra o ser humano e os fundamentos da vida.

Lavoura de arroz
Área não consegue crescer, assinalando uma estagnação da cultura

nação da lavoura arrozeira, nas atuais 22 mil hectares.

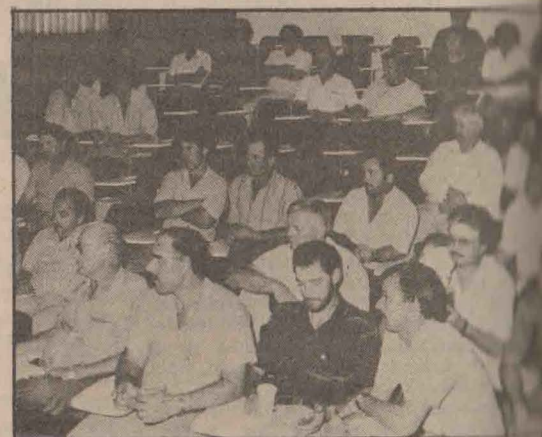
E há quem alegue que vai haver ainda maior redução de área, por consequência da proibição dos "atacados" do rio Santa Maria. O presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Ricardinho Luiz Pilecco, é um deles. Ele argumenta que, no mínimo, três mil hectares de lavoura serão reduzidos caso a lei que proibiu a retirada de água do rio, seja mantida. **LEI DOS ATACADOS** - Os plantadores de arroz, em sua maioria, são contra essa lei. Para eles, o mais importante é a produção, independente da

preservação de um curso de água que desaparece mesmo, levado na correnteza e absorvido pelos "poros" do terreno, sem aproveitamento local. Mas os ecologistas, que lutaram pela aprovação da lei, têm um sólido argumento: dizem que os atacados estavam assoreando o rio em tal proporção que, em muitos pontos, ele já não existia.

O secretário da Agricultura do município, Tomás Silveira, foi o que maior carga fez contra os atacados. Chegou a movimentar o Ibama para fazer cumprir a Lei. Mas ela continua provocando litígios e controvérsias.

CLUBE AMIGOS DA TERRA

Tratamento de sementes: eficiência comprovada



Reunião do Clube Amigos da Terra de Ijuí
Dois assuntos em pauta: tratamento de sementes e Mercosul

Tratamento de Sementes e Agricultura no Mercosul foram os temas das palestras da última reunião do Clube Amigos da Terra de Ijuí, realizadas no dia 12 de setembro, no auditório da Cotrijuf. Coordenada pelo vice-presidente do Cat de Ijuí, o produtor Waldemar Michael, a reunião contou com a presença do engenheiro agrônomo Hélio Pohlmann, do técnico agrícola Cláudio Gonchoroski e do gerente de Comercialização da Cotrijuf, Nelvir Zardin, como palestrantes.

O tratamento de sementes é uma prática cada vez mais usada pelos produtores e que atinge diretamente a planta, "sem que precise usar como meio de absorção a parte aérea da planta, onde se tem muitas perdas de produto", explicou Hélio Pohlmann aos produtores presentes à reunião. Além de atingir os maiores níveis de eficiência no controle de doenças e pragas, o tratamento de sementes também vem sendo utilizado como complemento na área de fertilização.

Ao destacar a importância do tratamento de sementes, o Hélio, que conversou com os produtores em conjunto com Cláudio Gonchoroski, alertou para a questão da competitividade, "a ser acirrada com a abertura de novos mercados a partir da integração dos Países do Cone Sul. "Na verdade, destacou o técnico, hoje não existem mais fatores isolados capazes de incrementar os níveis de produtividade de uma lavoura. Todo o resultado é a soma de pequenos detalhes". Disse ainda que teoricamente todas as lavouras são iguais. O que difere uma da outra são pequenos detalhes", reforçou insistindo na questão da necessidade de fazer o tratamento de sementes. "Entre tratar a semente e não tratar está a diferença entre ganhar e não ganhar dinheiro".

Nelvir Zardin falou sobre a produção agrícola de algumas regiões argentinas - Corrientes e as províncias Del Chaco, Santiago Del Estero, Tucumán, Salta, Santa Fé e de Entre Rios - e da preocupação dos agricultores em relação ao Mercosul, embora a produtividade e a qualidade dos produtos lá produzidos não sejam grandes problemas. Disse que nestas regiões percorridas, a produtividade média tanto do milho como do trigo tem ficado entre 2.500 a 4.000 quilos por hectare e a do feijão preto entre 25 a 40 sacos por hectare. Só não é usado adubo nestas lavouras e a semente de trigo é tratada antes de semear. Ao mostrar dados de produção da Argentina, Nelvir reforçou o alerta das palestras anteriores à competitividade e à qualidade dos produtos produzidos na Argentina. "Como vamos disputar um mesmo mercado, também temos que tratar de ser eficientes", disse ainda.

O CTC como suporte

"A par de cuidarmos da há necessidade de bus-
mos a verticalização das
as atividades". A afirma-
é do diretor presidente
Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz
Silva ao falar para os mais
1.100 produtores presen-
dia de campo, repetin-
posição que vem manifes-
do nas reuniões com asso-
e lideranças da região.
dizer que não existe na-
de novo no que vem sen-
discutido, Ilgenfritz refor-
no entanto, a necessida-
de se ter escalas de produ-

ção. Com a motivação prou-
ta, o próximo passo é o treina-
mento, a qualificação do pro-
dutor. "É com qualificação
que vamos saber qual a for-
ma de fazer pastagem ou qual
a forma mais adequada de pro-
duzir leite," insistiu mais uma
vez, colocando o CTC como
suporte para os programas
que estão sendo propostos.

Insistindo na necessida-
de de profissionalismo para
se buscar escalas de produção,
o diretor presidente da Cotri-
juí colocou ainda a questão
da uniformidade de posições

como algo importante no de-
sencadeamento do processo.
Disse reconhecer que cada
agricultor tem uma larga his-
tória. Sabem muito, têm mu-
ito a ensinar, "mas também têm
muito a aprender", disse colo-
cando a falta de continuidade
de ao que há anos vem sen-
do discutido na região. "Tal-
vez agora se possa dar uma
forma mais definitiva a al-
guns projetos no sentido de
se estabelecer aproximações
cada vez mais capazes de ge-
rar uma transformação social
e econômica para a região",
ponderou.

Como os problemas da
região não são só dos agricul-
tores, mas da comunidade co-
mo um todo, Ilgenfritz refor-
çou a necessidade de todos
trabalharem no sentido de fa-
zer o processo de mudanças
no perfil econômico da região
avancar. "Este é um trabalho
que deve começar com os mu-
nicípios, com os poderes cons-
tituídos, com os poderes Exe-

cutivos, com os vereae-
dores, com a socieda-
de como um todo", dis-
se ainda recordando
do que representou para
a região a frustração
desta última safra e in-
sistindo na necessida-
de de alianças, "pois
cada um tem uma fun-
ção a cumprir com a
sociedade".

Ao chamar a aten-
ção dos produtores para
a necessidade de
uma melhor valoriza-
ção, "porque somos
muito mais importan-
tes do que muitas ve-
zes nós achamos", Il-
genfritz destacou a par-
ticipação da agricultu-
ra na economia como
um todo. "Não representamos
apenas 9 ou 10 por cento do
PIB - Produto Interno Bruto.
Representamos 40 por cento,
que é gerado, seja através dos
insumos necessários para a la-
voura, da produção e do que

Promovido pelo
Departamento
Agrotécnico da Cotrijuí, o
dia de campo realizado no
CTC, em fins de
setembro, reuniu, num
só dia, mais de 1.100
produtores de todas as
unidades da cooperativa e
de alguns municípios de
fora da área de ação,
como Panambi, Catuípe e
Não-Me-Toque. A
presença maciça de
produtores no CTC
representou uma
resposta à proposta da
Cotrijuí de provocar
mudanças no perfil
agropecuário da região

é industrializado para ser con-
sumido". Por esta razão de-
fendeu a idéia do produtor
multiplicar muito mais a sua
capacidade de entender esse
processo e adquirir mais co-
nhecimento.

Grande desafio

"Foi realmente um momento histórico", avalia o geren-
do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, o engenheiro
rônomo Léo Góti, ao falar da importância não só para o
CTC como para a cooperativa, da presença de mais de 1.100
produtores no dia de campo realizado no dia 25 de setembro.
A presença maciça de agricultores e seus familiares num dia
de campo representa, segundo o Léo, a materialização de
toda a discussão que a cooperativa vem fazendo com seus
associados, lideranças e comunidade regional em torno do
Programa de Racionalização da Agropecuária e da Explora-
do Preservacionista do Solo e do Meio Ambiente.

"Foi uma resposta ao chamamento que a cooperativa
em fazendo no sentido de provocar mudanças no perfil da
agricultura regional", completa ainda o pesquisador e geren-
do CTC, Luiz Volney Mattos Viau. Mas este tipo de rea-
do do produtor associado da Cotrijuí, materializado no
dia de campo, não é nova. Em outros momentos decisivos
mudanças e já vivenciados pela cooperativa, o produtor,
sempre que chamado, esteve presente, dando o seu aval.

Dentro desta nova perspectiva de mudanças no perfil
da agropecuária da região, o agricultor está vendo no CTC,
uma das poucas instituições de pesquisa em condições de
colocar, num só dia, tanta informação de forma sistemáti-
a disposição dos produtores", um local onde pode encon-
ar as informações técnicas necessárias para as suas aspira-
ões de mudanças. "Ele juntou, neste dia de campo, duas
necessidades", disse o gerente do Departamento Agrotécni-
associando a questão da mudança do perfil econômico
da região com a vontade de buscar conhecimento para ser
aplicado na propriedade.

EFICIENTE - Para o Volney Viau a primeira etapa do pro-
mo, "a conscientização", já está vencida na medida em
que o produtor está conseguindo entender que tem de bus-
car e usar outros meios para tornar seu sistema de produ-
ção cada vez mais eficiente. "Quem hoje não for eficiente,
força o pesquisador em tom de alerta, não terá condições
de permanecer no processo produtivo". E o CTC, dentro des-
sa nova ordem econômica a ser criada na região, vai servir
de suporte para toda a expectativa que já começa a ser vi-
venciada pelo agricultor. "Esse vai ser o grande desafio pa-
ra o CTC", reconhece o pesquisador apontando para a ne-
cessidade de se investir, cada vez mais na geração de conhe-
cimentos através de pesquisas que possam apresentar respos-
tas satisfatórias para os problemas apresentados. Também
reconhece que todas as mudanças propostas passam necessa-
riamente pelos programas desenvolvidos no CTC.

DURANTE ANOS - Para dar suporte a estas mudanças,
na geração de conhecimentos ou na difusão de informa-
ções, o CTC vem trabalhando já há alguns anos. E o mais
importante hoje, na avaliação do Volney e isso precisa ser
considerado pelo produtor, é que a equipe de profissionais
do CTC tem possibilidade não só de conhecer como de acom-
panhar os processos mais modernos, "tanto de pesquisa co-
mo de difusão de informações". Mas mesmo que venha se
preparando para este novo processo a ser vivido na região,
o CTC passa, de agora em diante, por um outro grande desa-
fio de intensificar a qualificação da sua produção científifi-
ca. "A geração do conhecimento é um processo dinâmico e
temos o compromisso de estar na vanguarda deste pro-
cesso", salientou o pesquisador sem deixar de mostrar preo-
cupação com este novo desafio.

FAZENDO O CULTIVO
TRADICIONAL
VOCÊ PRODUZ MILHO.

MAS
TRATANDO O MILHO
COM TECNOLOGIA,
VOCÊ TEM
PRODUTIVIDADE E
RENTABILIDADE
NA LAVOURA.

USE TODA A TECNOLOGIA. APLIQUE

PRIMEIRA

Milho no limpo produz mais.

CIBA-GEIGY

PRODUTO REGISTRADO NA DIPROFISOSVIMA SOB Nº 007186-88 - MARCA REGISTRADA DA CIBA-GEIGY, BASILEIA, SUÍÇA.

ATENÇÃO Este produto pode ser
perigoso à saúde do
homem, animais e ao meio ambiente. Leia
atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber
ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os
equipamentos de proteção
individual (macacão, luvas,
botas, máscara, etc).
Consulte um
Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

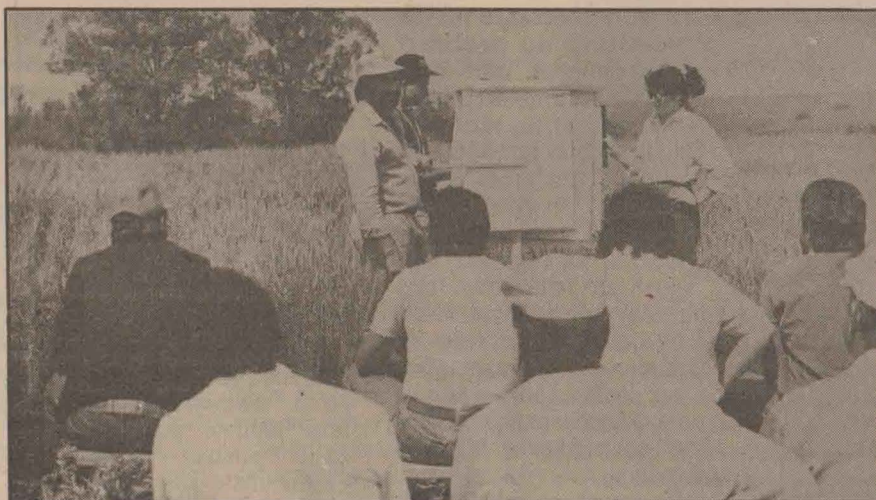
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

Trigo, soja e linhaça

Os resultados de pesquisas feitas com culturas de grãos de inverno e ainda alguns dados obtidos com a soja nestes dois últimos anos, foram apresentados aos produtores pelo pesquisador e engenheiro agrônomo Roberto Carbonera. Os experimentos com a soja não apresentaram, na safra 90/91, os resultados esperados, principalmente as cultivares precoces, porque foram afetados pela estiagem. A médias de produtividade ficou reduzida para 900 quilos por hectare. Entre os cultivares que conseguiram alcançar melhores resultados, citou a IAS-5, alcançando na média dos últimos dois anos, 1.731 quilos por hectare. A Embrapa-5, cultivar lançada na safra 90/91, alcançou rendimentos médios 3 por cento superiores ao alcançado pela IAS-5.

Dos cultivares de ciclo médio, "com resultados razoavelmente bons", o Carbonera apresentou o Bragg, o IAS-4 e o BR-4. O cultivar RS-7, um material da Secretaria da Agricultura, também vem se destacando na média da pesquisa do Estado nestes últimos dois anos, "superando, inclusive a IAS-4 e o BR-4, apresentando um rendimento médio de 2.295 quilos por hectare. Dos cultivares de ciclo semi-tardios, aparecem o RS-5, com um rendimento médio um pouco melhor que o Cobb e ainda o CEP-20, com 1.819 quilos por hectare. Dois cultivares novos - RS-9 e FT-Abyara - apresentaram bons resultados. O RS-9 conseguiu ficar, em termos de rendimento, 4 por cento acima do Cobb e o FT-Abyara alcançou média semelhante.

Ao falar sobre os resultados alcançados com ensaios de trigo, Carbonera lembrou da condição do Brasil de grande importador de trigo - só neste ano está importando 4 milhões de toneladas, contra 1,5 milhão adquiridas em 89,



Roberto Carbonera, pesquisador
Alguns cultivares de trigo apresentam bons resultados, mesmo sem tratamento fúngico

"período em que chegamos perto da autosuficiência" -, resultante do dismantelamento da política agrícola do governo. Entre os materiais de trigo apresentados aos produtores e em avaliação no CTC, alguns apresentaram baixo desempenho, "perdendo, inclusive, a resistência a ferrugem". Entre estes, o CEP-19 e o CEP-20. A ferrugem, no entanto, é uma doença que pode ser controlada. Só que o tratamento implica em disponibilidade de recursos por parte do produtor. E, como nesta safra não houve condições, a ferrugem está refletindo negativamente na qualidade e no rendimento da lavoura. Mas esta é uma situação que pode ser amenizada com o plantio de cultivares que apresentem um potencial de rendimento mais elevado, "sem aplicação de fungicidas".

O Ensaio Sul Brasileiro - outro trabalho apresentado e conduzido no CTC -, é o responsável pela recomendação de novas cultivares. Neste ano, por exemplo, foram recomendados dois novos cultiva-

res, o BR-43 - conhecido como trigo de proveta - e o RS-8. No CTC, o cultivar BR-43 produziu 21 por cento a mais do que a sua testemunha, o BR-32.

Do Ensaio Nacional de Cevada, organizado pelo Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, destacou-se o cultivar MN 642, destinado a produção de cerveja, apresentando um rendimento médio de 2.775 quilos por hectare. Mas outros cultivares conseguiram alcançar rendimentos em torno dos 2.400 quilos por hectare. Um outro ensaio preliminar de cevada vem sendo conduzido com o propósito de produção de grãos para alimentação animal, destacando-se, no caso, os cultivares IAC 75741, com 2.629 quilos por hectare e o PFC 8603, com 2.573 quilos por hectare.

O CTC ainda vem trabalhando com seleção de linhagens de fava, objetivando um duplo propósito: o da produção de grãos e a sua utilização como adubação verde. "Neste sentido, disse, temos procurado linhagens adaptadas para a região".

Distribuídos em 10 pontos diferentes — um dos quais de máquinas e implementos — os pesquisadores receberam os produtores para apresentar os trabalhos conduzidos no CTC nas áreas de forrageiras, piscicultura, suinocultura, conservação de solos, hortigranjeiros e pecuária de leite e de corte

Em destaque

Os experimentos com forrageiras anuais de inverno e de alfafa foram apresentados pelo pesquisador e engenheiro agrônomo João Miguel de Souza. Na área de forrageiras, apresentou experimentos com leguminosas, "onde o grande destaque é uma linhagem nova de ervilhaca peluda, de alta produtividade tanto para a forragem, como para adubação verde". A ervilhaca também vem se destacando pela qualidade, apresentando em torno de 30 por cento de proteína bruta. O João Miguel mostrou ainda aos produtores experimentos de produção de sementes desta ervilhaca consorciada ou pura e com um corte ou sem corte. "Estamos em busca de tecnologia para aumentar a produção de sementes destas leguminosas", disse na ocasião o pesquisador, lembrando ainda que, na região, dois produtores estão trabalhando na área de produção de sementes.

Dos experimentos de gramíneas anuais, o pesquisador apresentou dados dos últimos dois anos mostrando que a aveia branca - linhagem CTC - tem produzido mais forragem que a aveia preta e o próprio azevém, "embora este último nem sempre tenha apresentado melhor qualidade". Outro trabalho salientado na ocasião, embora sem grandes resultados, foi o conduzi-

do com trigo de grãos e forrageira Uruguai, "que teve bom desempenho".

Ainda na área de linhagens de ervilhaca, destacou-se a linhagem CTC, consorciada com milho, apresentando resultados satisfatórios. Nos experimentos de inverno para desempenho de ta, trigo, cevada e azevém.

Ao falar de pastagens, apresentou resultados provando que a grama híbrida o milheto; o capim 70 por cento de burro ou teos nas a metade de lhetos. "Estas produzem mais pela facilidade

Introdução adaptada forra

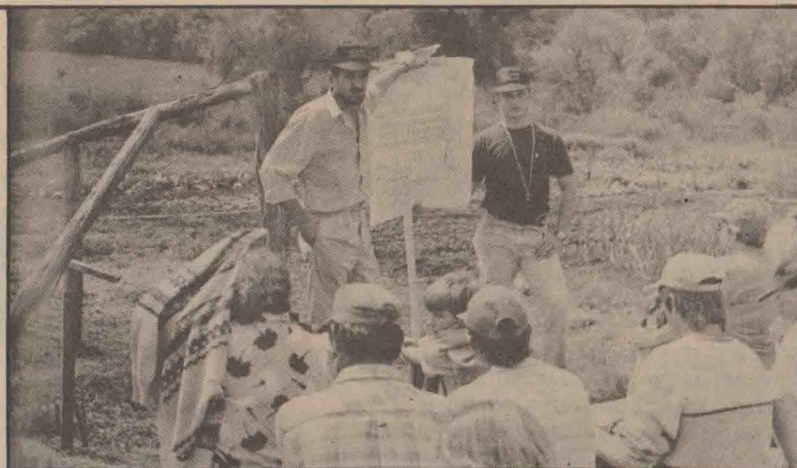
A plasticultura na produção

Antes da visita à estufa plástica e à lavoura de alho, o engenheiro agrônomo João Agostinho Boaro, Supervisor da Área, falou aos produtores sobre os trabalhos que vêm sendo conduzidos no CTC em hortigranjeiros. Começou sua conversa pela plasticultura, um trabalho que tem por finalidade demonstrar e avaliar a possibilidade técnica e econômica do uso da plasticultura na agricultura. Ressaltou a importância da plasticultura dizendo que ela terá de fazer parte das tecnologias de produção a serem empregadas pelo produtor.

Utilizando uma estufa modelo capela com 500 metros quadrados, o CTC vem avaliando culturas como pepino, feijão de vagem, tomate e alfafa. Os resultados obtidos mostram ser possível produzir, em 500 metros quadrados, 6 toneladas de tomate, 1,5 tonelada de feijão de vagem e 3,5 toneladas de pepino. Além da alta produtividade, o Boaro destacou a qualidade do produto devido a menor incidência de doenças, pragas, porque ficam abrigados dos efeitos das chuvas e ventos. Garantiu que o resultado econômico é satisfatório porque a produção é obtida na entressafra, quando há melhor mercado e preços compensadores.

Numa segunda etapa o Boaro apresentou trabalhos em canteiros demonstrativos que vêm sendo realizados com o alho. Disse que apesar do número de produtores - em torno de 400 - envolvidos com a cultura na região não ser tão expressivo, o alho é uma atividade com expressão econômica bastante razoável, "exigindo, portanto, alguns avanços", disse mostrando-se preocupado com a garantia de espaços no mercado. "Temos que melhorar a nossa produção e a qualidade do nosso produto", insistiu.

Na visita aos canteiros demonstrativos, mostrou que, utilizan-



João Agostinho Boaro, Supervisor da Área de Hortigranjeiros
A plasticultura como tecnologia de produção

do-se alta densidade - de 60 a 70 plantas por metro quadrado - e com cobertura de palha de soja para manter a umidade e evitar a ocorrência de invasoras, foi possível colher 8.500 quilos por hectare, contra uma produtividade média obtida na região, situada entre 2.500 a 3.000 quilos por hectare. Os canteiros demonstrativos foram conduzidos de forma semelhante a maioria das lavouras da região, com o plantio da variedade Lavínia e o uso de uma adubação moderada, na ordem de 200 quilos de superfosfato triplo, 100 quilos de cloreto de potássio, 50 quilos de uréia, 10 toneladas por hectare de esterco de suínos e correção da acidez. "Os únicos fatores que se alteraram, numa comparação dos canteiros com a maioria das lavouras da região, foram a densidade e a cobertura com palha de soja", explicou o agrônomo provando aos produtores que existe possibilidade de se aumentar a produtividade apenas realizando um manejo adequado, sem necessidade de maiores investimentos.

O trabalho de adaptação de espécies foi apresentado pelo Dr. Odales Guth. A importância da pesquisa, Odales chamou a atenção para a adaptação de várias partes, inclusive, do exterior. Os trabalhos visam testar a produção, qualidade e preferência animal. A posterior distribuição aos associados", relatou.

Nas duas últimas, os melhores materiais foram avaliados no teste de reio dos animais e o rendimento médio de matéria comido por hectare de pastagens. Dos materiais testados, a IJ-7138 e o IJ-7139 tem se destacado, por apresentarem uma produção de 13 toneladas por hectare de cultivar Cameroon e destacado, por apresentarem uma adubação e resistência a mero de cortes. Para o to tem sido indicada a 534-A.



João Miguel de Souza, pesquisador, apresentando resultados com forrageiras anuais de inverno.

a ervilhaca

propósito - oriundo do região não

de cereais, desempenho pretas, sele- Duas destas li- sendo mais for- preta comum. com gramíneasagem, falou do branca, pre- centeio

experimentos de verão, mos- passado com- um sorgo for- duziu mais que- dão produziu- to e o dente- produziu ape- dução do mi- eiras, embora- importan- implantação,

tanto no cedo como no tarde, quan- do o milho tem dificuldades pa- ra germinar", explicou.

Dois experimentos com legu- minosas anuais de verão, o João Miguel destacou a alta qualidade destas leguminosas com mais de 20 por cento de proteína e alta produtividade, "especialmente do Lab- lab, Crotalaria Juncea, Feijão Mi- údo e Guandú.

Dados de dois anos de experi- mentos no CTC mostram que não é recomendado a consorciação de leguminosas anuais de verão com milho, porque a competição entre as plantas é muito grande, "reduzin- do a produtividade de ambas", avi- sou sugerindo o plantio de forma isolada, tanto para pastagens co- mo para a produção de grãos. Mas um dos grandes objetivos do CTC é a introdução de leguminosas de inverno de ciclo mais curto com trevos subterrâneos e de sementes duras, com vistas a implantação de sistemas de rotação com grãos de verão.

ução e ação de eiras

Odales Guth, técnico agrícola. Seleção de cultivares para posterior distribuição aos associados



ESTIMATIVA DE PREFERÊNCIA ANIMAL E PRODUÇÃO DE M.S. DE CULTIVARES, HÍBRIDAS E/OU ECOTIPOS DE CAPIM ELEFANTE AVALIADA APÓS 4, 24, 31 HORAS DA ENTRADA DOS ANIMAIS NO EXPERITO

GENÓTIPO	* PRODUÇÃO MS KG/HA	PREFERÊNCIA MÉDIA DOS 3 PERÍODOS (0-5)*	* PROTEÍNA BRUTA
IJ — 7138	13.922	2,00	6,0
TAIWAN A-144	13.196	0,00	7,0
CAMEROON	12.665	0,00	6,0
IJ — 7136	12.030	0,22	9,4
NAPIER MERXER SEA	10.872	0,33	6,1
IJ — 7141	10.275	0,00	8,3
PORTO RICO 534-B	10.058	3,33	6,4
NAPIER ROXO	9.926	—	8,0
CNOGL — 477	9.456	0,00	8,9
MINEIRO	9.325	0,42	7,3
HÍBRIDO 534-A	9.280	2,33	8,7
TAIWAN A-148	9.010	0,42	7,0
MERKER*	8.986	1,78	6,4
MERKER PINDA	8.899	3,00	9,0
TURRIALBA	8.842	1,44	8,2
TAIWAN A-25	8.634	0,86	8,1
ALBANO	8.357	0,00	8,0
MOLE VOLTA GRANDE	8.065	0,53	7,3
PUSA NAPIER I	7.209	0,00	6,7
GRAMAFANTE	5.068	1,22	9,3
CELETIA (ANÃO)	4.582	4,55	9,6
EEA-5 (COMUM)	4.577	—	6,4

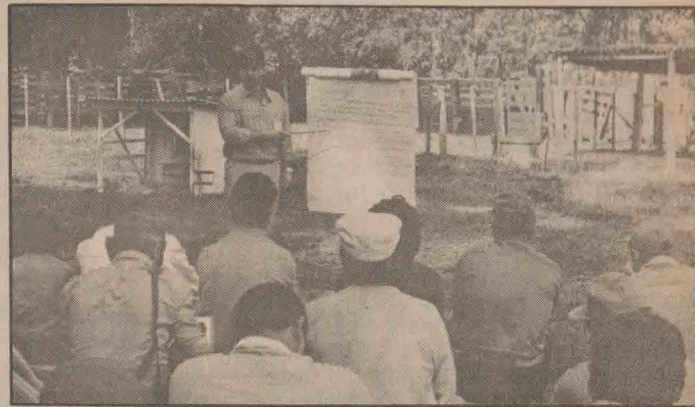
* 0 — sem consumo 5 — consumo máximo
** — média de 83 à 87

O manejo dos animais e o melhoramento genético

Ao médico veterinário Orland- do Bohrer coube mostrar aos pro- dutores o trabalho que o CTC vem fazendo com gado leiteiro, abordan- do aspectos de manejo dos animais e melhoramento genético. "A idéia, ressaltou aos produtores durante suas palestras, é mostrar que todo o trabalho que o CTC vem fazen- do no sentido de melhorar a quali- dade do plantel, pode ser feito por qualquer produtor na sua proprie- dade". Contou que de um plantel de animais das raças Holandês e Jersey considerados ruins, de des- carte, o CTC deu início a um traba- lho que resultou em animais de ex- celente qualidade. Todo o aperfei- çoamento alcançado aconteceu via manejo e uso de excelentes touros na inseminação artificial.

Para melhor orientar os pro- dutores, o Orlando falou dos proce- dimentos de manejo feitos com os animais no CTC. Até os 6 dias, as terneiras, abrigadas em ternei- reiras construídas com paredes de madeira e cobertura de fibra de ci- mento, recebem dois litros de lei- te por vez, feno à vontade e ração diária no cocho. Uma vez por mês recebem uma dosagem de vermífugo. A partir dos 60 dias elas passam para os piquetes, onde permanecem até os oito meses. Recebem como complementação da alimentação 1,5 quilos de ração diária e mais o feno. Neste período elas são vaci- nadas para o Carbúnculo Sintomá- tico e a Aftosa.

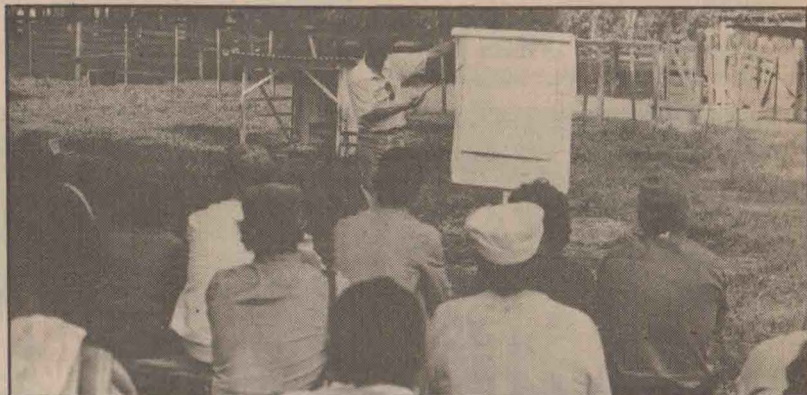
Orlando Bohrer, médico veterinário. Mostrando o trabalho que o CTC vem fazendo com gado leiteiro



Aos oito meses de idade, es- tas novilhas vão para junto das va- cas secas. Assim que atingirem o peso ideal - Holandesa 340 quilos e Jersey 260 quilos - as terneiras podem ser destinadas a cobertura. Na fase final de festação, as novi- lhas com cria vão para junto do

gado de leite, para receberem, em média, um quilo de ração por dia. Recomendou aos produtores não esquecerem de guardarem os atesta- dos de inseminação para encami- nharem até as Associações específi- cas, os avisos de cobertura até o dia 10 do mês seguinte.

Forrageiras e silagem na alimentação bovina



Jair Mello, engenheiro agrônomo. O uso de consorciações possibilita aumento do período de pastejo

A importância das forrageiras e da silagem na alimentação dos bovinos, tanto de leite como de corte, foi o assunto abordado pelo engenheiro agrônomo Jair Mello aos produtores que, em rodízio passaram pelo seu ponto demonstrativo. Disse que trabalhos, realiza- dos no próprio CTC já demonstraram que o uso de consorciações de espécies forrageiras, principalmente de inverno e com picos de produção de massa diferenciados possibilita o alongamento do perí- odo de pastejo. Esse tipo de consorciação pode ser feita com a aveia preta, o azevém e o trevo vesiculoso, semeadas na ordem citada. "Desta forma a área permite fornecimento de pasto desde maio/ju- nho até fins de outubro", enfatizou, insistindo ainda na questão do escalonamento de épocas de semeaduras.

Explicou que em áreas divididas em quatro ou cinco piquetes é possível escalonar as épocas de semeaduras de pastagens de inver- no/verão, sendo a semeadura da aveia preta/centeio feita na segun- da quinzena de março e estendendo-se até julho. Desta forma, a pri- meira área, semeada no outono, poderá ser também a primeira a ser semeada com forrageiras de verão - teossinto e sorgo forrageiro. O milho poderá ser semeado em fins de janeiro. "dando uma pasta- gem de boa qualidade no final do verão e início do outono - mar- ço e abril.

O Jair também colocou a silagem como um alimento indispen- sável para a atividade leiteira, "visando a estabilidade da produção durante todo o ano". Mostrou vários trabalhos que estão sendo conduzidos no CTC, no sentido de determinar o ponto de cor- te e/ou aditivos para verificar a melhoria na qualidade da silagem e também os resultados obtidos com silagem pré-emurchecida de alfafa, azevém e aveia branca. "A idéia, explicou, é avaliar o aumen- to na qualidade da silagem, pois o corte é feito durante o estágio vegetativo das plantas, período em que o teor de proteína é mais alto".

O CTC também iniciou, em 1990, um trabalho sobre confina- mento de bovinos de corte. Mas por enquanto, está comprovado que tanto a produção de carne como a produção de leite, feita através de pastagens de boa qualidade, é ainda a forma mais econômica. Pelos resultados do primeiro ano de trabalho, pode-se verificar uma vantagem para os animais com livre acesso a pastagem, não só em termos de ganho de peso como na redução de custos.

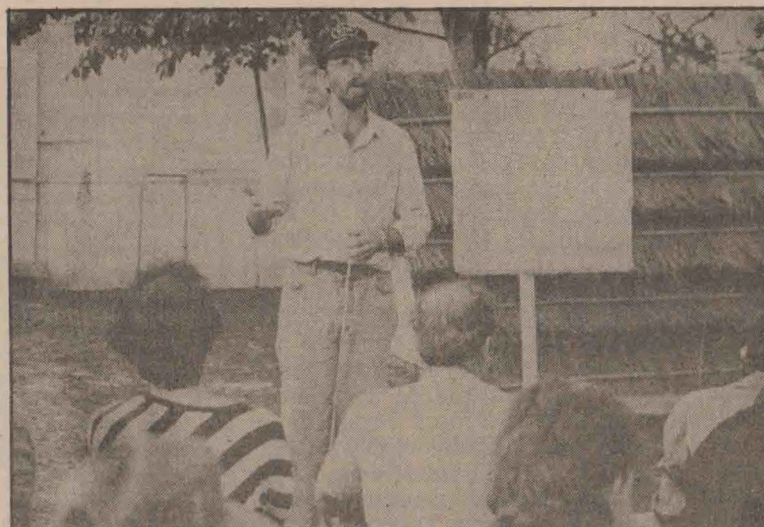
Sistemas de produção em estudo

O médico veterinário Jorge Severo recebeu os produtores para falar sobre uma atividade que já teve tradição na região: a suinocultura, "tendo o milho como alimentação básica". O sistema de produção era bastante simples, "com predominância para as raças Duroc, Wessex, Comum - tipo banha - e suas cruzas", observou Severo. Há 10 anos atrás, a Cotrijui, apostando na diversificação agropecuária, iniciou um trabalho de fomento a suinocultura no CTC, "optando por um sistema de produção menos intensivo e com acesso dos animais a pastagens. Neste mesmo trabalho, a Cotrijui se propôs a resgatar ou impedir o desaparecimento da raça Wessex, "tida como a mais adaptada para este sistema de criação", produzindo reprodutores para repassar aos seus associados.

Dentro de uma nova realidade vivida na região, o CTC trabalha "e estuda", três sistemas de produção de suínos de modo a encontrar um sistema que melhor se adapte a cada tipo de produtor. Dentro da proposta, o Severo mostrou as vantagens do sistema intensivo a campo - cabanas de parição e pastagens, que começam pelo baixo custo das instalações, pelo bom desempenho sanitário dos animais, pela produtividade, pela alta ocupação da área, entre outras.

Pelo sistema intensivo com acesso a pastagens em algumas fases, apontou o custo moderado das instalações

Jorge Severo, médico veterinário. Três sistemas de produção em avaliação



e a área ocupada, que é considerada. Já o sistema intensivo confinado altamente tecnificado apresenta como características o alto custo das instalações, alta produtividade e o uso de raças altamente especializadas em carne magra.

Dentro dos seus objetivos, Severo garantiu que o CTC vai continuar produzindo reprodutores, "porém buscando, cada vez mais o aprimoramento deste trabalho. A idéia é transformar o CTC numa Granja Multiplicadora de Reprodutores, "em conjunto com granjas de associados. Disse que a única mudança a ocorrer, se dará

na área de produção de reprodutores testados, buscando aprimorar características de ganho de peso diário e espessura de toucinho. A raça Wessex, cujo maior rebanho do Brasil se encontra no CTC, é também a mais prolífica - maior número de leitões nascidos dentre as raças puras - continuará sendo trabalhada, com ênfase para cruzamentos com raças de melhor qualidade de carcaça como as brancas Landrace e Large White. "Buscando o que se chama de "efeito complementar", entre raças, poderemos obter uma fêmea altamente prolífica, com boa qualidade de carcaça e com Tes-

te de Ganho de Peso e Espessura do Toucinho", explicou o pesquisador aos produtores.

O CTC ainda vem realizando experimentos com alimentos não convencionais, "ditos alternativos", visando baratear os custos de produção. Abaixo, os trabalhos já realizados ou em andamento no CTC, na área de alimentação, citados pelo Severo:

* Experimentos de terminação em pastagens com resultados favoráveis. Este trabalho vem sendo conduzido em conjunto com o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves da Embrapa/Concórdia, em Santa Catarina.

* Trabalhos tendo a aveia como substituta do milho. Os resultados deste trabalho foram sempre favoráveis, podendo-se recomendar até 36 por cento de substituição do milho pela aveia, "sem prejuízo do ganho de peso, da conversão alimentar e da qualidade de carcaça. Os resultados são melhores, quando usada aveia desaristada. No caso da aveia preta, a substituição pode ocorrer em até 45 por cento.

* Trabalho conduzido com a fava mostra que a participação na ração animal pode acontecer em até 24 por cento na ração, "sem prejudicar o ganho de peso, a conversão, o consumo e a qualidade da carcaça", mostrou Severo.

PIVOT. O HERBICIDA DUPLA AÇÃO.



O ÚNICO PÓS-PRECOCE SISTÊMICO QUE CONTROLA INVASORAS DE FOLHAS LARGAS E ESTREITAS DA SOJA.

Pivot é um produto próprio para quem gosta de fazer o trabalho uma só vez. E fazer bem feito.

Pivot é o único herbicida pós-precoce sistêmico para soja.

Pivot é dupla ação, um herbicida eficaz que controla invasoras de folhas largas e um graminicida para médias e baixas infestações.

Por isso, Leiteiro, Guanxuma,

Corda-de-violão, Picão-preto, Trapoeraba, Cheirosa ou Mata-pasto e João-de-capote têm seus dias contados. E são poucos.

Pivot deve ser aplicado até 20 dias após o plantio.

Sua ação de sementeira controla as invasoras que vão nascer.

Por todas essas razões, Pivot é o herbicida de dupla vantagem.

Ervas daninhas controladas:

Folhas largas

Carrapicho-carneiro

Amendoim-bravo ou

Leiteiro

Guanxuma

Cheirosa ou

Mata-pasto

Trapoeraba

Corda-de-violão

Picão-preto

Carrapicho-rasteiro

Caruru

João-bravo

Acanthospermum

hispidum

Euphorbia

heterophylla

Sida rhombifolia

Hyptis suaveolens

Commelina virginica

Ipomoea

aristolochiaefolia

Bidens pilosa

Acanthospermum

australe

Amaranthus hybridus

Solanum

sisymbriifolium

Apaga-fogo

Poa-branca

Nabo

João-de-capote

Alternanthera ficoidea

Richardia brasiliensis

Raphanus

raphanistrum

Nicandra physaloides

Folhas estreitas

Capim-carrapicho

Capim-colchão ou

Milhã

Capim-arroz

* Capim-mormelada ou

Papuá

Cenchrus echinatus

Digitaria sanguinalis

Echinochloa colonum

Brachiaria

plantaginea

PIVOT

CYANAMID
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRÍCOLAS

ATENÇÃO

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual, (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

O uso, o manejo e a correção do solo no CTC

O Programa de Uso, Manejo e Conservação do Solo, conduzido a nível de Cotrijuí, especialmente pelo CTC, foi apresentado aos produtores pelo pesquisador e engenheiro agrônomo Rivaldo Dhein, responsável pelos trabalhos em andamento.

O Rivaldo começou sua palestra falando dos objetivos do Programa: realizar trabalhos de experimentação, pesquisa e divulgação nas áreas de uso, manejo e conservação do solo; desenvolver tecnologias alternativas, buscando a prática de uma agricultura mais autosustentada, tão independente quanto possível, dos fatores de produção externos à propriedade e ainda buscar um melhor balanço energético na agropecuária.

A estratégia adotada, segundo o pesquisador visa diagnosticar os níveis de fertilidade do solo na região; estudar formas e práticas de preservação e de recuperação do teor de maté-



Rivaldo Dhein, pesquisador
Resultados de trabalhos já realizados

ria orgânica do solo; avaliar sistemas de rotação de culturas, consorciações e sobre-semeaduras; investigar alelopátia, adubação verde, adubação orgânica - resíduos -; avaliar sistemas de preparo mecânico do solo e também implementar trabalhos a nível de micro-bacias.

Dentre os resultados experimentais já obtidos no CTC, o Rivaldo destacou alguns para serem apresentados aos participantes do dia de campo, através de números, tabelas e gráficos. Entre os mais importantes, deu ênfase para:

* A conservação do solo contra

a erosão começa pela cobertura vegetal do solo;

* O plantio direto é uma ótima alternativa - cobertura vegetal "morta" do solo - para conservação do solo, entretanto é uma prática que tem se mostrado pouco eficiente na conservação de água na lavoura por ocasião de enxurradas;

* Mesmo no plantio direto é muito importante manter os terraços - de base larga, em nível -, na lavoura;

* O cultivo de leguminosas no

PERDAS DE SOLO E ÁGUA POR EROSIÃO, EM SOLO SANTO ANGELO (LATOS-SOLO ROXO DISTRÓFICO), COM 7,5 POR CENTO DE DECLIVE - CTC, AGOSTO/PESTANA-RS-1989

TRATAMENTOS	Perda solo 1/		Perda água 1/	
	mm	%	mm	%
1 SET x SIR x DESM (24.05.78 a 24.06.85)	0,02	0,03	2,90	1,14
2 TRIGO-SOJA CONV. (25.06.85 a 25.06.88)	0,48	0,63	25,89	10,13
3 ALFAFA (24.05.78 a 24.06.85)	0,19	0,25	7,79	3,07
4 TRIGO-SOJA CONV. (25.06.85 a 25.06.88)	0,11	0,15	7,35	2,90
5 TRIGO-SOJA CULT. MIN. (24.05.78 a 25.06.88)	2,77	3,66	52,10	20,54
6 AVEIA-MILHO CONV. (24.05.78 a 25.06.88)	9,00	11,88	83,80	33,03
7 SOLO DESCOBERTO (24.05.78 a 25.06.88)	75,74	100	253,60	100
8 TRIGO-SOJA P. CONV. (24.05.78 a 25.06.88)	9,28	12,25	68,60	27,05
9 TRIGO-SOJA P. DIRETO (24.05.78 a 25.06.88)	0,50	0,66	12,43	4,90
10 AVEIA-MILHO P. DIRETO (24.05.78 a 25.06.88)	0,86	1,14	19,92	7,85
11 SET x SIR x DESM (20.11.86 a 25.06.88)	0,21	0,28	37,34	14,72
12 ALFAFA (20.11.86 a 25.06.88)	1,58	2,10	46,26	18,24

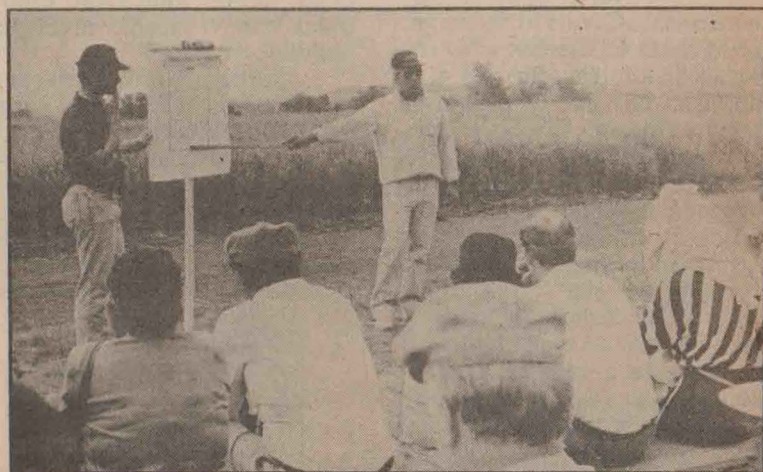
OBS: Em 25.06.85, preparo convencional - correção do solo - em todo o experimento inclusivo perenes
1/ Média anual

inverno pode suprir as necessidades de nitrogênio para as culturas de verão, como o milho, substituindo as adubações químicas;

* O uso do gesso como suposta fonte de correção da acidez do solo, não aumentou os rendimentos de trigo e soja, em dois anos de experimentação;

* A inclusão de micronutrientes nas formulações de adubos químicos não influenciou os rendimentos da cultura de soja.

Os programas de aveias e azevém



Volney Viau, pesquisador
A importância da aveia na rotação de culturas

Os programas de melhoramento das aveias branca e preta e de azevém desenvolvidos no CTC foram apresentados pelo pesquisador e gerente do Centro, o engenheiro agrônomo Luiz Volney Mattos Viau. "O CTC dispõe do que existe de melhor em termos de material genético de aveia para o cultivo na região", disse Volney, responsável pelos programas citando como exemplo a CTC-1, também conhecida como Pioneira. Esta variedade, em três anos de experimentos, apresentou um rendimento médio de 3.383 quilos por hectare, "9 por cento superior aos rendimentos obtidos pela melhor variedade cultivada na região". É uma cultivar que caracteriza-se por apresentar resistência à ferrugem da folha e do colmo.

Integrado ao Ensaio Regional - das 23 linhagens em avaliação, seis foram selecionadas pelo CTC -, o Centro de Treinamento vem desenvolvendo trabalhos em conjunto com as universidades Federal do Rio Grande do Sul e de Passo Fundo. O resultado deste trabalho é que algumas variedades vêm apresentando um alto potencial de rendimento de grãos de excelente qualidade. Algumas delas têm se destacado por apresentarem um peso do hectolítro em torno de 60.

O Volney destacou ainda, duran-

te os 10 encontros com produtores no dia de campo, a importância da aveia na rotação de culturas, principalmente seus efeitos sobre os rendimentos da soja. Mostrou que a soja, quando cultivada em cima da aveia, pode apresentar rendimentos - dados comprovados em experimentos no CTC -, de 2.670 quilos por hectare, sendo superior ao cultivo em outras restevas. "Quem quiser potencializar o rendimento da soja no verão, tem que plantar a soja na resteva da aveia e o milho na resteva de ervilhaca", avisou.

Outro trabalho de melhoramento apresentado pelo Volney aos produtores foi o de aveia preta. "É um trabalho pioneiro na região", disse o pesquisador, prevendo para o próximo ano a distribuição de sementes destas cultivares para os produtores da região. Esse material é destinado a produção de forragens e de grãos. Outro experimento mostrado foi o de azevém que, apesar dos três anos de avaliação, ainda se encontra em fase inicial de pesquisa. O CTC começou trabalhando com 5.000 linhas, mas hoje dispõe de 500 linhagens. A expectativa em torno do trabalho é que o CTC consiga desenvolver cultivares de ciclo mais precoce, "buscando oferecer uma disponibilidade de forrageira mais no cedo".



Altamir Antonini, Supervisor da Área de Piscicultura
A criação de peixes como alternativa econômica para a região

Peixe como alternativa

A preocupação do Altamir Antonini, Supervisor da Área de Piscicultura da Cotrijuí, foi a de levar a todos os produtores participantes do dia de campo, a idéia da importância da criação de peixes como alternativa de produção de proteínas agropecuárias na propriedade, obtidas a baixos custos. Mas deixou claro que a piscicultura não é uma atividade para ser conduzida de forma isolada. "Ela tem que existir na propriedade inserida a outras alternativas econômicas, ressaltou mostrando, por outro lado, preocupação com a necessidade de se conquistar alguns avanços na atividade.

Os avanços citados pelo técnico começam pela produção "que precisa crescer de forma significativa", mas que ainda hoje esbarra no número de alevinos produzidos por espécies promissoras. O Altamir acredita que a transformação da Estação do CTC em Centro Regional de Piscicultura é um passo significativo em direção a uma maior produção de alevinos e também na melhor qualificação da atividade via pesquisa e investigação. Aponta ainda como necessidade urgente para a região a incorporação, num prazo de três anos de mais 1.000 açudes novos para a produção de peixes, "que deve acontecer associado a implantação de melhorias no recebimento e industrialização do pescado. "A Cotrijuí é hoje um ponto de referência no Estado em termos de piscicultura, então, a industrialização é um processo que precisamos começar a pensar", ressaltou, intensificando, a questão do aumento da produção.

Do peixe só não se aproveita o berro, porque ainda não se ouviu, comentou o Altamir referindo-se ao amplo leque de benefícios e opções que o peixe pode proporcionar, tanto industrializado como in natura. Ele pode ser consumido tanto fresco, como em conservas, congelado e concentrados. No uso industrial pode ser utilizado na fabricação de óleos, cosméticos, tintas, couros, peles, colas, entre outros. Também do peixe pode ser obtido a farinha para ração animal e adubos. Além de rica em cálcio e fósforo, a farinha de peixe apresenta 54 por cento de proteínas.

Com o objetivo de demonstrar e difundir tecnologias na área de piscicultura, a Estação de Piscicultura do CTC vem trabalhando com o pacu, uma espécie nativa e ainda com algumas exóticas, como os peixes chineses, capim grateado, cabeça grande e o clárias, um peixe de couro, "apropriado para cultivos consorciados".

Colheita na época certa

Colheita é uma fase decisiva para a manutenção da qualidade fisiológica da semente

A exemplo de outras fases da produção de grãos, a colheita também exige cuidados e atenção redobrada, principalmente quando se trata de uma lavoura cara e bem manejada como aquelas destinadas a produção de sementes. É dessa lavoura também que depende o sucesso de toda uma estrutura de pesquisa que tem como objetivo colocar no mercado, a cada safra, um número maior de sementes com melhor qualidade possível.

Este foi o recado trazido pelo Curso sobre Colheita e Qualidade Fisiológica de Sementes, realizado no dia quatro de outubro na Afucotri de Ijuí, onde estiveram presentes aproximadamente cem pessoas, entre técnicos, pesquisadores e produtores, ligados à área de sementes da Cotrijuf. O curso foi ministrado pelo pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, Silmar T. Peske e complementado por apresentação sobre regulação de automatizantes a cargo das equipes técnicas da Ford New Holland, de Curitiba, e da S.L.C., de Horizontina. **QUANDO COLHER** - "O retorno de um trabalho integrado, que envolve a pesquisa, cooperativas e Estado é que, em curto espaço de tempo se possa colher volumes cada vez maiores de sementes nota 10", salientou de início Silmar Peske, considerando a época da colheita e a sua forma como fatores fundamentais para a manutenção de uma quantidade buscada a campo, através de uma boa variedade, lavoura limpa e manejo adequado. Para conseguir isso, é preciso entender que a semente

possui uma estrutura evolutiva semelhante a do ser humano. Ao atingir o seu estado adulto, ela fica pronta ou madura, e o produtor ao se decidir pela sua colheita tem obrigação de manter a sua qualidade na maior quantidade possível, disse o pesquisador.

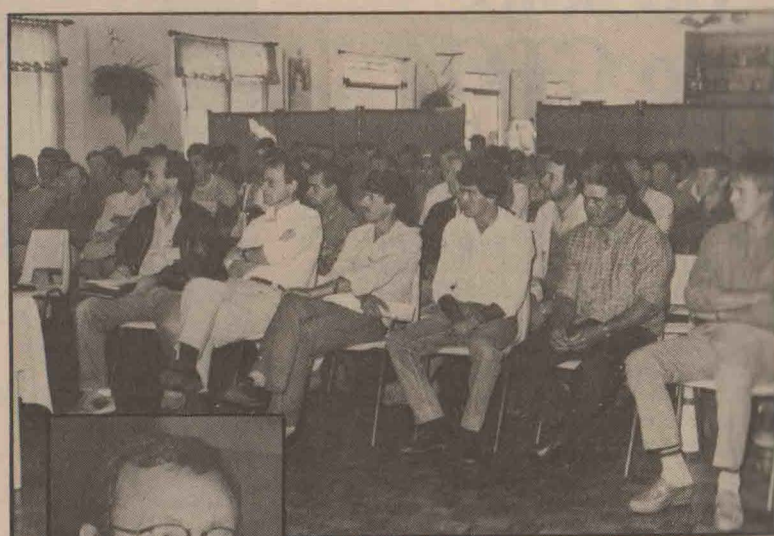
Para manter a qualidade fisiológica dessa semente, o produtor precisa ficar de olho num fator crucial, que é a umidade, continuou explicando Peske, ao lembrar que a semente como um material higroscópico, está totalmente exposta às alterações constantes da umidade do ar. "Ela absorve ou perde água, conforme as suas características naturais e as condições do tempo", disse, alertando para os riscos de uma grande frustração, caso o material permaneça no campo mais do que o tempo devido. "Não se pode esquecer, contudo, que a umidade é uma questão calculada por média", salientou várias vezes o pesquisador, deixando claro que numa lavoura as plantas nunca vão estar todas com o mesmo nível de umidade.

Colher no momento certo, portanto, é a receita para manter a qualidade, mas este momento varia muito de acordo com a cultura, lembrou ainda o pesquisador, ao apontar os níveis recomendados pela pesquisa. A soja por exemplo, com 13 ou 14 por cento de

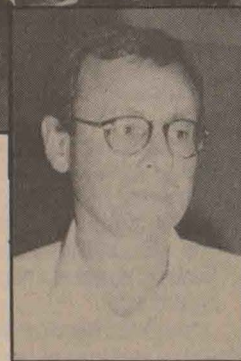
umidade pode ser colhida sem nenhum risco. Se o tempo não for bom, a orientação manda observar o limite de 20 por cento. O milho em espiga pode ser colhido até com 33 por cento, o trigo com 16 por cento, o arroz com 18 por cento, o feijão com 16 por cento, a alfafa com 25 por cento e o aveia com 30 por cento.

Esperar que o tempo se encarregue de emparelhar a lavoura pode ser um erro fatal, assinalou Peske, mostrando efeitos danosos como a ruptura da casca, que é a parte fundamental para evitar a proliferação de fungos, além de outros estragos. Um bom exemplo é o de aveia que se baixar dos 30 por cento de umidade, passa de uma colheita de até mil quilos por hectare para apenas 150 quilos e ainda de péssima qualidade. Outro exemplo, válido para qualquer cultura é o da perda do valor de germinação para aquelas sementes que extrapolaram o seu tempo de vida na lavoura.

DANOS MECÂNICOS - Grande problema das leguminosas, os danos mecânicos, decorrentes ou não da época de colheita inadequada foi o segundo aspecto tratado por Peske. Grãos partidos, casca rompida são muito comuns em lavouras mal colhidas e trazem sérios prejuízos à comercialização", disse Peske,



Curso de sementes
Qualidade em debate



Silmar
Peske

exemplificando o seu argumento com uma lavoura de arroz que teve colheita atrasada. "O índice de grãos perdidos chega a 40 por cento". Minimizar estas perdas, então, significa aliar a época certa de plantio com o equipamento adequado e bem regulado, adiantou o pesquisador.

Quanto a este ponto de equipamentos, o mais importante é o cuidado com a debulha, pois é a maior responsável pelos danos mecânicos.

Uma pequena danificação sempre acontece, conforme demonstram os experimentos, mas com desajuste de máquina essa quebra fica alarmante. Na soja, considera Peske, 400 r.p.m. é uma boa rotação, mas acima disso não sobra muita coisa. "No milho, por exemplo se a máquina estiver a 500 r.p.m., a semente vira farinha", brincou.

Para finalizar, o pesquisador falou das características naturais das sementes, lembrando que quanto maior o material, maior a quebra por dano mecânico. Por isso, feijão e soja são mais suscetíveis à danificação do metal, enquanto o arroz e o trigo mais resistentes.

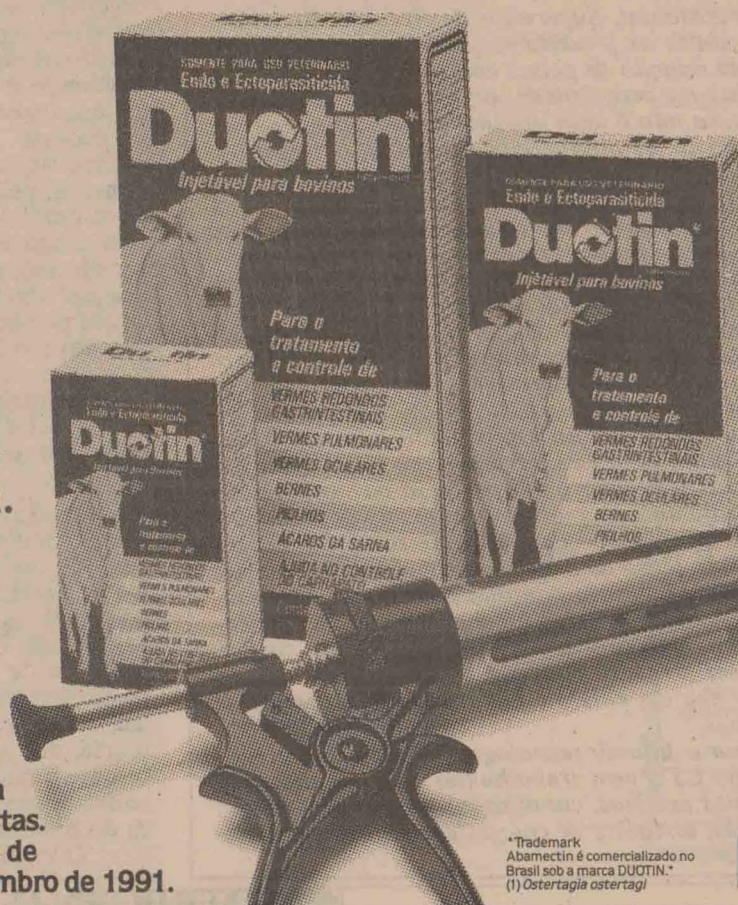
Pontos de regulação

Aspectos teóricos e práticos sobre regulação de colheitadeiras de sementes foram tratados pelos representantes da Ford New Holland, Milton dos Santos e da S.L.C., Darci Gizeria. Os dois instrutores enfatizaram as perdas acentuadas decorrentes da colheita, as quais chegam a atingir até 12 por cento de quebra, e que em grande parte são provocados pela ausência de regulação das colheitadeiras e pelo uso inadequado das máquinas específicas para cada cultura.

De acordo com Milton e Darci, a regulação correta e a operação adequada da automotriz são fatores que complementam o bom desempenho na produção de sementes. "Colher sementes atualmente é uma atividade especial", destacaram os instrutores, ressaltando a importância de o produtor conhecer o funcionamento total da máquina assim como contar com operadores competentes para fazer o trabalho. Como pontos básicos para uma perfeita regulação, os dois instrutores fizeram uma apresentação prática sobre código de captação, unidade de trilha, unidade de separação da palha, área de limpeza e de transporte e armazenagem.

DUOTIN* DÁ A ARMA PARA VOCÊ MATAR OS PARASITAS INTERNOS E EXTERNOS.

Na compra de 5 litros de Duotin você ganha uma pistola dosificadora.



Esta promoção é válida somente para pecuaristas. Promoção válida de 16 de setembro a 31 de dezembro de 1991.

DUOTIN* é a munição para ajudar você a ter um gado forte, bonito e saudável. Se você já conhece DUOTIN*, sabe o quanto ele é eficiente no combate aos parasitas internos e externos. Com uma só dose, controla de uma só vez vermes adultos e jovens (larvas inibidas¹), piolhos sugadores, sarna e vermes pulmonares. Também controla o BERNE e ajuda no controle do carrapato. Mas se você ainda não experimentou, não perca tempo. Com uma única dose de DUOTIN* você vai comprovar tudo isso. Aproveite esta promoção que DUOTIN* está oferecendo para você. Afinal, não é todo dia que você encontra uma arma tão certa como essa. Para ganhar sua pistola dosificadora, mande a cópia de sua nota fiscal de compra de qualquer revendedor ou cooperativa para a Caixa Postal 8088, PROMOÇÃO DUOTIN, São Paulo, com seu nome e endereço legíveis, e você receberá sua pistola via Sedex.

*Trademark
Abamectin é comercializado no Brasil sob a marca DUOTIN.
(1) Ostertagia ostertagi

Agente de Vendas
Coopers
Duotin*
© 1991 Farnam, Inc.

Porco exige conforto

As instalações são tão importantes quanto a alimentação adequada, comprova pesquisador da Embrapa durante curso de suinocultura



Paulo Armando da Oliveira
Pesquisador do CNPSA

Como em outras reuniões, dias de campo, seminários, o grande número de produtores registrado na terceira etapa do curso de atualização sobre suinocultura para produtores, no dia 26 de setembro, veio confirmar o interesse, especialmente dos jovens, por um dos instrumentos mais baratos que é a informação. "O produtor também começa se dar conta da importância de se socializar o conhecimento nessa época de crise altamente seletiva", afirmou o médico veterinário Gerson Madruga, durante a abertura do Curso, que contou com a participação de aproximadamente 150 pessoas, e que foi realizado no Centro Comunitário de Parador, em Ijuí.

Complementando a discussão de vários pontos fundamentais para a especialização da suinocultura, como a nutrição, sanidade animal, reprodução e manejo, este terceiro encontro priorizou o debate em torno de construções, através da palestra com o pesquisador do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves da Embrapa de Concórdia, Paulo Armando Oliveira, e também sobre o uso do esterco na adubação, com palestra do engenheiro agrônomo e pesquisador da Cotrijuí Rivaldo Dhein. Uma segunda parte do curso foi dedicada a duas visitas feitas às propriedades de Jaime Wender e João Rosanelli, suinocultores da localidade do Parador que hoje mantêm duas das granjas multiplicadoras de suínos no município.

CONTROLE AMBIENTAL - Autoridade no assunto, Paulo Armando foi minucioso e convincente ao demonstrar a importância que o produtor deve dar às instalações, já que elas influem decisivamente no controle ambiental. Este por sua vez é determinado pela temperatura, ventilação, umidade do ar, espaço usufruído pelos animais, tipos de baias, pisos e volume de gases e poeira, os quais afetam diretamente o desenvolvimento dos animais, tanto quanto a alimentação adequada ou a vacinação.

"De nada adianta criar um animal geneticamente bem melhorado, se ele for sufocado pelo calor ou sofrer estresse por falta de espaço", disse Paulo Armando, numa comparação simples e lógica de que, como o homem, o animal também exige condições adequadas para viver e reproduzir bem. Ainda mais, considera o pesquisador, que este animal foi alheado das suas condições naturais de reprodução - vivia solto e hoje está confinado - e que não possui os mesmos mecanismos de superação para conseguir o equilíbrio térmico.



Curso
Interesse crescente

CONFORTO TÉRMICO - A ênfase colocada por Paulo Armando se justifica pela ausência de instalações adequadas no Sul do Brasil, tanto em grandes como pequenas criações. Todas elas foram copiadas do modelo europeu ou norte-americano, mas poucas respeitam as condições climáticas características de cada região. As edificações para suínos no Sul do Brasil têm que ser preparadas para enfrentar uma temperatura média, onde o calor é predominante na maior parte do ano, ressalta o pesquisador, lembrando que "as nossas edificações são extremamente fechadas".

Feita a análise, o pesquisador passou a detalhar as recomendações da pesquisa para todos os pontos de edificação, incluindo aqui o espaço externo e interno dos prédios, o tipo de piso, do telhado e muitos outros. Tanto cuidado com o ambiente dos animais é necessário, segundo Paulo Armando, porque os animais na suinocultura precisam ser distribuídos conforme sua fase de desenvolvimento. "Como o ser humano, cada animal, sendo uma porca em gestação ou um leitão tem uma determinada faixa de conforto térmico", insistiu. Como exemplo, citou o caso dos leitões que ao nascer exigem uma temperatura entre 30 e 32 graus, enquanto na terminação a temperatura deve ficar entre 17 e 21 graus.



Jaime Wender



João Rosanelli

Mas como essa temperatura, assim como a ventilação e a umidade relativa do ar podem ser controladas? Segundo o pesquisador, os cuidados começam já na escolha do local onde

ficarão as cabanas. Para isso é preciso conhecer o caminhar do sol, no inverno e no verão, um procedimento que não se equivale ao cálculo do norte magnético e sim da latitude existente em cada município. Sabendo a rota do sol, o produtor, então, tem condições de construir um prédio, em que no verão o sol não incidirá diretamente no seu espaço interno, e no inverno ocupará dois terços da instalação. Somente quanto a este aspecto os erros são muitos, disse o pesquisador, lembrando que é "por aí que começam a ocorrer o estresse, os problemas de úlcera e consequentemente um menor ganho médio de peso diário".

Controlada a incidência do sol nas pocilgas, o produtor tem ainda pela frente os cuidados com a escolha do material e o modelo da edificação, como é o caso do tipo de cumeeira a ser construída. Se a telha for do tipo francesa, o pé-direito deve ter 2,80 metros e o ar quente e os gases serão eliminados automaticamente. Se forem de fibrocimento, o pé-direito deve ter 3,50 metros e ainda há necessidade de deixar um canal de saída para os gases ao longo de toda a cobertura.

É do espaço externo e interno das pocilgas que vem uma das maiores exigências, conforme assinalou o pesquisador, ao apontar os níveis ideais de ventilação para a média de uma criação de suínos em ciclo completo. Pela parte interna referente as aberturas, a recomendação é pelas cortinas plásticas, devido a facilidade de remoção nas épocas em que a temperatura supera os 20 graus e permitindo uma ventilação de 0,2 a 0,5 metros por segundo na fase de crescimento e terminação. Em caso de temperaturas mais baixas ou para adequação dos animais leitões, esta ventilação pode ser ainda mais reduzida.

Para chegar a esta ventilação adequada também não é tão complicado como alguns podem pensar e nem

TABELA 1 — TEMPERATURAS ÓTIMAS PROPOSTAS PARA AS DIFERENTES CATEGORIAS DE SUÍNOS E FAIXA DE ESTRESSE (°C)

FASE	FAIXAS DE TEMPERATURA (°C)		ESTRESSE	
	CONFORTO		FRIO	CALOR
Recém nascidos	32	34	—	—
LEITÕES				
Até desmama	29	31	21	36
Desmamados	22	26	17	27
SUÍNOS				
Crescimento	18	20	15	26
Acabamento	12	21	12	26
REPRODUTORES				
Gestantes	16	19	10	24
Lactantes	12	16	7	23
Vazias — machos	17	21	10	25

Fonte: Aumatre & Dividich (1981), Pointer (1978)

tão caro como pode se sugerir. Existem equipamentos sofisticados, é claro, que fazem este serviço, mas o produtor pode ele mesmo fazer a observação exata utilizando apenas uma vela acesa. No inverno, a posição em ângulo zero da chama indica a ventilação de zero a um metro por segundo que é a recomendada. No verão, a vela não deve permanecer acesa, indicando que ela está em ambiente com uma ventilação superior a um por segundo. **ESPAÇO ADEQUADO** - Em relação ao espaço externo das pocilgas, Paulo Armando chama a atenção para os riscos de uma proximidade acentuada entre os prédios e da sua instalação junto a estradas cascalhadas. O melhor é que estejam colocados junto a uma área verde e que sigam uma regra bem objetiva de espaçamento: a distância entre cada prédio deve ser de três a cinco vezes a altura máxima da edificação. Fazendo isso, o produtor garante a livre circulação do vento característico da região e certamente não estará desperdiçando o gasto que teve para obter uma boa performance com os animais".

Baias bem planejadas

Mas se alguém pode pensar que os cuidados milimétricos com o prédio, sua localização em relação ao vento resumem o perfil das instalações se engana. Há que se tomar cuidado com o tipo de piso, que segundo a pesquisa deve ser o menos abrasivo possível e obedecer declividades adequadas e cada baia específica de acordo com a fase de desenvolvimento do suíno. A estrutura divisória das baias também interessa ao bom desempenho do rebanho, podendo o produtor optar pelo sistema de pré-moldados para a fase de engorda e de ferro para as gaiolas individuais de gestação. Estes dois sistemas ao contrário da madeira, têm maior duração e não provocam machucaduras nos animais.

Bebedouros também foram analisados pelo pesquisador, levando em conta o desperdício de água causado por cada um dos modelos, especialmente na fase de lactação e de crescimento. O melhor sistema é o bebedouro em nível, pois apresenta uma economia de 10 litros de água contra o tipo chupeia. Em relação ao comedouro, existem alternativas variadas, mas para sua garantia, o produtor deve sempre optar pelo tipo semi-automático para todas as fases do suíno.

Para encerrar sua explanação, o pesquisador da Embrapa falou sobre medidas adequadas das baias e loteamento dos piquetes, que deve seguir o número de 18 animais, em todas as fases. Dedicou ainda muita atenção ao escoamento de dejetos, um assunto que deve dar continuidade ao curso de suinocultura numa próxima etapa, quando também serão tratados pontos como armazenamento de grãos na propriedade.



Rivaldo Dhein
Pesquisador da Cotrijuí

ze de uma análise química para o material. "O esterco varia muito de acordo com o tipo de suíno e o local de produção", explicou Rivaldo, lembrando que o excesso de Nitrogênio acaba poluindo o solo, e faz com que o produtor deixe de ganhar em outras atividades.

Sem perdas e poluição

Uma avaliação completa da composição do esterco de suínos, formas de estocagem e de aplicação, índices de poluição e efeitos sobre a cultura do milho foi realizado pelo pesquisador da Cotrijuí, Rivaldo Dhein. De forma sucinta, Rivaldo demonstrou a importância econômica e ambiental deste material que há muito vem sendo utilizado em países desenvolvidos, com resultados de produtividade agrícola amplamente comprovados.

Como qualquer operação agrícola que deve ser bem gerenciada, o uso do esterco como adubo também depende de alguns cuidados. Para exemplificar este argumento, Rivaldo baseou-se no material resultante de uma produção de dez matrizes em ciclo completo.

Com esta produção tem-se no final um volume de 323 toneladas de dejetos líquidos, com uma composição de 3220 Kg de Uréia, 2870 Kg de Superfosfato Triplo e 870 Kg de Cloreto de Potássio. Conforme explicou Rivaldo, isso significa ainda mil e 500 dólares ou 750 mil cruzeiros, e de uma aplicação de 18 toneladas por hectare deste material se suprime integralmente as necessidades de fósforo exigido pelo milho, sendo necessário apenas uma suplementação de Nitrogênio e Potássio. "Comparada a adubação química completa, este material representa uma economia de 40 mil cruzeiros por hectare", frisou o pesquisador.

Tudo isso comprova o grande aproveitamento do esterco, caso o produtor se utili-

Maior integração

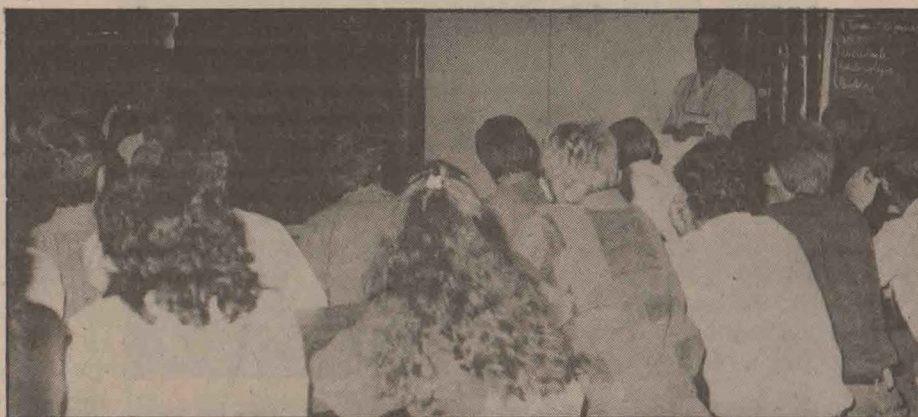
Produtores da região visitam o Irfa para conhecer melhor seus trabalhos na área de pesquisa veterinária e de inoculantes para a soja

"Uma integração obrigatória", comentou o gerente geral do Instituto Rio-Grandense de Febre Aftosa, o médico veterinário Carlos Quintana da Rosa, referindo-se a visita dos coordenadores de representantes da Cotrijuí ao Irfa, em fins de agosto. Ao classificar a visita de imprescindível para o Instituto, "ainda mais partindo do próprio associado", Quintana chamou a atenção para a necessidade de intensificação dessa integração. "É conhecendo o Irfa que os associados poderão fazer uma avaliação mais criteriosa da sua potencialidade", reforçou ainda.

"De uma maneira ou de outra, os produtores usam o Irfa, então, nada mais natural do que conhecê-lo mais a fundo", disse ainda o gerente reforçando a necessidade de um maior número de associados da Cotrijuí tomar conhecimento do trabalho na área de pesquisas que o Irfa vem fazendo. A sugestão do Quintana é a de que uma vez por mês, passe um grupo de associados pelo Irfa, "com o objetivo apenas de conhecer e discutir as nossas propostas de trabalho."

Carlos Quintana recebeu o grupo de associados da Cotrijuí assessorado pela equipe técnica do Instituto, constituída pelo gerente-técnico Luis Francisco Cruz Ferreira, pelo gerente de produção, Ivo Farenzena, pela bióloga Luciana Doyle, pelo responsável técnico pela produção de vacinas, Cláudio Silveira e por Manoel Fialho, do setor de bacteriologia.

O grupo de associados conversou com Carlos Quintana... sobre as metas do Irfa na área de medicamentos veterinários e produção de inoculante



CRESCER - Fundado há 35 anos atrás, mas incorporado à Cotrijuí em 1987, o Irfa tem como meta crescer em resultados, contando, para tanto, com a venda de vacinas e toda uma linha de produtos quimioterápicos de uso animal. No grupo das vacinas destacam-se a anti-aftosa, oleosa, e a Foot-Vac, única da América Latina destinada ao combate da podridão do casco de ovinos. Desde que foi criada, em 1988, a Foot-Vac já vendeu dois milhões de doses. Essa meta de crescimento deverá ser incrementada a partir do próximo ano com a entrada no mercado do inoculante para a soja, produto que vem sendo desenvolvido pelo Irfa em conjunto com o Instituto de Pesquisa Tecnológica de São Paulo, IPT.

A meta é produzir um milhão de doses de inoculantes que chegarão ao produtor em turfas esterilizadas, "podendo substituir a adubação nitrogenada com uma certa economia", informou aos produtores. A atuação deste inoculante ocorre através de uma



Soprosul, fábrica de embalagens plásticas
O reconhecimento pelos produtores

bactéria - rizóbio -, com capacidade de fixar o nitrogênio do ar no solo e nas raízes das plantas. A idéia dos pesquisadores e, daqui alguns anos, desenvolver uma espécie de inoculante para ser utilizado em outras leguminosas, como feijão, a alfafa e a ervilha.

Divididos em grupos, os associados conheceram todos os setores do Instituto, passando pelo biotério - vivei-

ro de cobaias para experiências; pela área onde se processará a fabricação do inoculante para a soja; pelas salas de produção de vacinas; pela área de bacteriologia e ainda pela Soprosul, uma pequena fábrica de embalagens plásticas. Ocupando uma área de 56 hectares, no Bairro do Lami, em Porto Alegre, o Irfa possui 104 funcionários, distribuídos entre o Instituto e a Soprosul.

PRODUTOS IRFA

A. Linha Veterinária

- A1 - Vacinas víricas
 - * Anti-aftosa
 - a) oleosa
 - b) hidróxidas
- A2 - Vacinas bacterianas
 - * C. Hemáticos
 - * C. Sintomático
 - * H. Bacilos
 - * Foot-Rot - Foot-Vac
 - * Ceratite Infecciosa dos bovinos
- A3 - Quimioterápicos
 - * Endoparasiticidas sistêmicos
 - * Endro/Ecto Parasiticidas sistêmicos
 - * Ecto parasiticidas tópicos
 - * Antibióticos
 - * Fortificantes

B. Linha Agrícola

- B1 - Inoculante
 - * Soja
 - * Feijão
 - * Alfafa
 - * Trevos

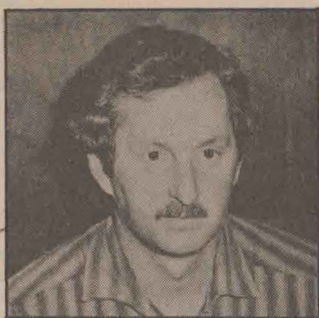
C. Plásticos

- * Embalagens

D. Dorisanitários

Uma máquina a ser usada

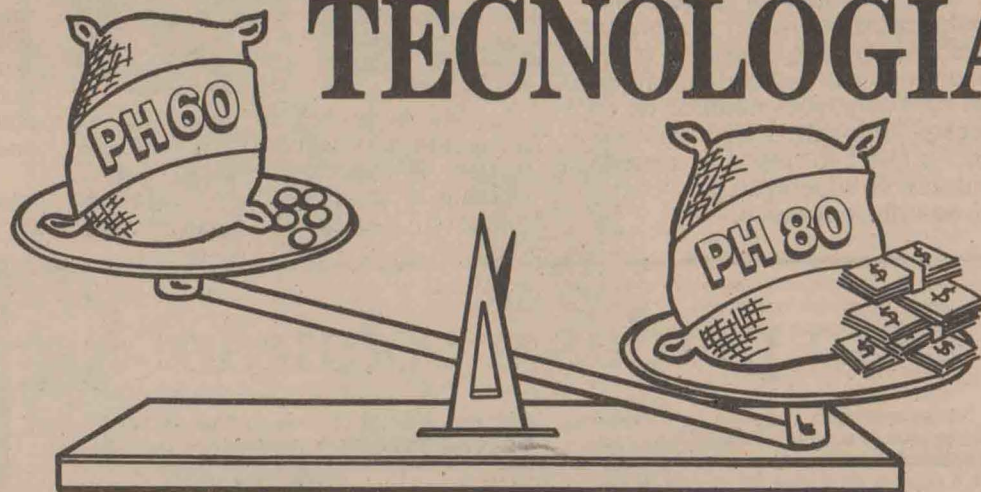
A necessidade do associado da Cotrijuí conhecer melhor o Irfa também foi reforçada pelo produtor Léo Foletto, coordenador do Conselho de Representantes de Ijuí. Avaliou essa primeira visita como um fato "relevante", pois até então, toda a informação relacionada com o Instituto chegava ao conhecimento do associado através da direção ou pela imprensa. Mas garante que a visita, "específica ao Instituto", proporcionou aos coordenadores de representantes conhecer melhor a potencialidade do Irfa, "uma empresa que hoje se destaca no cenário nacional pela fabricação da vacina anti-aftosa".



Léo Foletto

"Temos uma máquina na mão, que sabendo usar, pode render bons resultados para a Cotrijuí", disse ainda Foletto, referindo-se a consolidação do Instituto na fabricação de vacinas e outros produtos da linha veterinária. Acredita que o trabalho com inoculante pode ser um passo decisivo para a conquista de novas fatias de mercado, "inclusive fora do Brasil", embora reconheça as dificuldades de competir com empresas multinacionais. Diz que o trabalho com inoculante deve ser considerado pela empresa como apenas mais um passo, pois entende ser possível, "pelo que puder", levar adiante alguma pesquisa na área de adubação foliar.

CALCULE O PESO DA TECNOLOGIA



Triticultr: conte com o peso da tecnologia. Ela vai elevar o PH do trigo e, consequentemente, multiplicar o valor de comercialização da sua safra.



PALAVRA DE
TILT

CIBA-GEIGY

018 0591

Fecotrigo e Sindetrigo firmam pacto de intenções

Reunião conjunta entre Fecotrigo e Sindetrigo dá início a campanha de conscientização para a importância da lavoura tritícola na economia do País

A cultura do trigo no Brasil está ameaçada. E não por fatores de clima, de solos, ou outros elementos de ordem natural que geralmente interferem no melhor resultado das safras agrícolas. A ameaça vem de onde menos se poderia imaginar e até mesmo, admitir. Ela vem da política governamental. Há no país, é fácil constatar, uma má vontade, um corpo mole, uma resistência contra a triticultura que qualquer pessoa sensata verifica, mesmo à distância.

Foi essa conclusão que chegaram dirigentes e técnicos da Fecotrigo e do Sindicato da Indústria do Trigo do Rio Grande do Sul, durante reunião conjunta realizada na sede do Sindetrigo, no dia 16 de setembro, em Porto Alegre.

Ambas as entidades firmaram pacto de intenção no sentido de reivindicar, em ação conjunta, medidas governamentais para assegurar a "normalidade da comercialização da safra que começa a entrar no mercado já no mês de outubro.

Segundo Rui Polidoro Pinto, presidente em exercício da Fecotrigo, o movimento terá desdobramentos que se sucederão com outros encontros na Comissão de Agricultura e Cooperativismo da Assembleia Legislativa, culminando, talvez, num Fórum Nacional do Trigo a realizar-se em Brasília. Para Polidoro, é preciso que além de pressionar o governo a tomar medidas sérias para solucionar a questão do trigo, será muito importante "sensibilizar a sociedade brasileira como um todo, pois o sucateamento da economia que adviria com a destruição da triticultura será nefasto para toda a comunidade nacional", disse o dirigente cooperativista.

REDUÇÃO DO ICMS - O presidente do Sindicato da Indústria do Trigo, Walter Otto Bing, defende o mesmo ponto de vista. Considera que a cultura do trigo, que pode ser um esteio para a economia do país, ajudando-o a sair da crise em que se encontra, vive seu pior momento, podendo ser sucateada.

E segundo ressaltou, o sucateamento da lavoura de trigo não afeta somente os agricultores. Ele atingirá outros segmentos da economia, inclusive da indústria de máquinas agrícolas e todos os demais setores de semoventes e de fertilizantes. E logicamente, enfatiza Otto Bing, o setor moageiro, que então passaria a depender, exclusivamente, do trigo importado. Ele acha que o bom é a competição.

Por essas e outras, a indústria moageira pleiteia a redução do ICMS dos 17 por cento atuais para 12 por cento, como ocorre nos países do Prata, especialmente na Argentina. Agora, com a implantação do Mercosul, quando se faz necessário maior competitividade, essa igualdade na tributação é de extrema necessidade por se tratar de uma medida realista, ressalta o industrial.

Com o propósito de sensibilizar a opinião pública, fazendo-a entender a importância do trigo no conserto da economia nacional, as entidades vinculadas ao sistema Fecotrigo vêm realizando encontros de debates com a Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembleia Legislativa, por entender que o povo, através de seus legítimos representantes no parlamento, devem ser chamados a opinar, dada a gravidade do momento que vivemos e a significação do trigo para nos ajudar a sair do sufoco.

A questão do trigo e a consciência nacional

Rui Polidoro Pinto*

E o nosso velho trigo está de volta ao palco das discussões, como personagem central de uma novela típica de Terceiro Mundo, às voltas com seus vilões e seus surrealistas jogos de poder.

Iludem-se os arautos que pregam o fim da triticultura nacional, priorizando as importações a preços subsidiados na origem para garantir o abastecimento nas nossas grandes cidades - obviamente queimando divisas em dólares ao invés de investir cruzeiros - que retornariam aos cofres públicos - na produção brasileira.

O próprio presidente Collor bateu na mesa, cobrando os US\$ 2 bilhões gastos em importações de alimentos, capitaneados pelo trigo argentino e canadense - substituto estrangeiro a um cereal em que temos condições de alcançar a auto-suficiência, da qual até já andamos perto. Devia ter cobrado mais, se achasse culpados para deles exigir a reposição da fantástica soma de US\$ 8 bilhões que o país perdeu com a redução de 20 bilhões de toneladas de grãos nos dois últimos anos.

Ao triticultor gaúcho e brasileiro exige-se, ante a abertura do Mercosul, qualidade, produtividade e competitividade. Mas retira-se dele o instrumental necessário, interrompendo a formidável escalada empreendida nesta lavoura a partir da base montada nos anos 60 - quando o petróleo, o aço e o trigo eram nossos - e o impulso tecnológico da década de 70. Os financiamentos chegaram ao seu limite mínimo e o preço foi de tal forma achatado que o atual equivale a um terço do que foi fixado em 1985. A pesquisa e a assistência técnica foram praticamente abandonadas. E toda uma florescente economia

tritícola parou de crescer e gerar empregos, alimentos e riquezas.

Mas não temos medo. Não somos um país rico como a França, que chega a gastar mais de US\$ 200 para produzir uma tonelada de trigo para vender ao exterior (Brasil) por menos de US\$ 100 - com pesados subsídios, portanto. Nossa produção média é de 1.650 quilos por hectare, em anos normais. Na Argentina é 1.840. Mas vai aqui o desafio: que alguém prove se o nosso trigo nacional não é hoje o mais barato do mundo, quando chega ao moinho para virar farinha, pão ou biscoito.

Se tudo isso por pouco, deixem a triticultura caminhar para a extinção. Desmantelando a única lavoura empresarial de inverno, num dos pouquíssimos países onde a natureza permite duas safras por ano em sistema de rodízio de solos, e estaremos liquidando também com as culturas de verão. Porque a triticultura no Sul do Brasil, com o que movimenta de maquinário e ocupação de terra ociosa, reduz em no mínimo 15 por cento os custos de produção da soja, do milho, do feijão e etc.

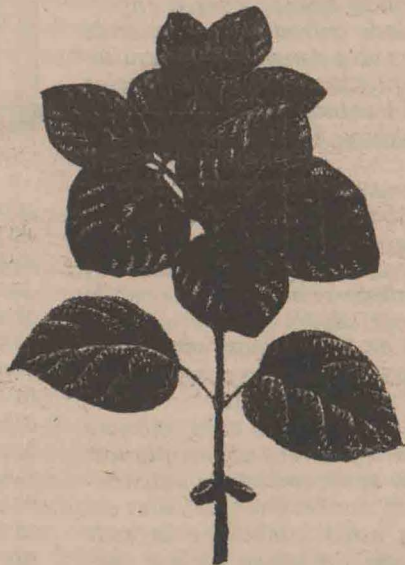
Na "Carta Aberta ao Presidente da República" que esta entidade, juntamente com as demais federações de cooperativas gaúchas, divulgou na imprensa nacional em abril de 1990, alertava-se para o que hoje ocorre. Fomos chamados de alarmistas. Agora, no entanto, em vez de plantar, colher e comercializar, cumprindo nossa função, temos que fazer novas mobilizações para salvar o setor primário da crise em que foi atirado.

Temos conosco os demais setores da economia e o Poder Público do Estado. E agora também, parece, o apoio do próprio Presidente da República...

* Presidente da Fecotrigo

DUAL: ESPAÇO RESERVADO PARA A SOJA.

RECOMENDADO
TAMBÉM
PARA O
PLANTIO DIRETO



ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Não use este produto sem a orientação de um profissional qualificado (médico, veterinário, engenheiro, etc.). Consulte um Agente Agrônomo ANDEF.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO

CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

Produto registrado na DIPROFIS/MA sob o nº 000889 - DUAL - Marca registrada da Ciba-Geigy - Suíça.



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar
Fone 33-50-32

COTRIJORNAL

Página 21

CONFINAMENTO DE BOVINOS

Do aperto a criatividade

Dois produtores, um de Augusto Pestana e outro de Ajuricaba, contam as suas experiências na terminação de bovino em confinamento

Quando começou a trabalhar com confinamento de bovinos, isso há uns cinco anos, o agricultor Claudenor Bruisma, proprietário de 25 hectares e arrendatário de mais 10 no interior de Augusto Pestana, não pensava que a atividade pudesse tomar o caráter econômico que tomou dentro da sua propriedade. "Dizem que o aperto leva o agricultor a ser criativo. Trabalhar com confinamento de bovinos foi a saída que encontrei para criar uma nova fonte de renda na propriedade", explica o agricultor de Linha Progresso.

A agregação dessa nova atividade às demais já praticadas na propriedade dos Bruisma resultou em mais seis horas diárias de trabalho, "chova ou faça sol, seja domingo ou feriado". Quando sai para passear, não desgruda os olhos do relógio para não perder a hora do trato dos terneiros.

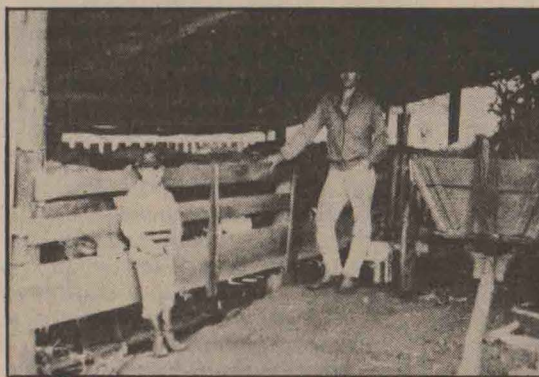
POUCO INVESTIMENTO - Gastar muito dinheiro na nova atividade foi algo que nem passou pela cabeça do Claudenor. Até hoje a atividade é tocada com muita simplicidade, sem grandes investimentos na sua infra-estrutura. "Não tenho nada de luxo", costuma contar aos amigos curiosos, referindo-se às duas instalações que servem para terminar os animais confinados. Uma delas, medindo 27 metros quadrados, é uma instalação simples, de chão ripado, com meia parede lateral de madeira, com capacidade para abrigar de oito a 10 animais. A outra é um estábulo para semi-confinamento, com capacidade para 16 animais.

Para o agricultor o que vale mesmo é o trato dos animais. "A comida é o que conta", insiste ainda, apresen-

tando um esquema rígido de fornecimento de alimento. Nas três vezes ao dia em que trata os terneiros, oferece cana e mandioca picada, milho moído, capim elefante e aveia preta à vontade, complementados com resíduos de grãos e ainda farinhas de trigo e soja. Todo esse esquema de alimentação é garantido pelo plantio de 10 hectares de milho - na safra 90/91 colheu 800 sacos -, um hectare de mandioca, área a ser ampliada para dois hectares nesta safra, um hectare de cana-de-açúcar e por mais 1,5 hectare de capim elefante.

Mesmo sem nunca ter colocado no papel as suas despesas, o Claudenor calcula que a sua margem de lucro anda ao redor dos 15 a 20 por cento na terminação de cada animal. "Trabalho em cima de economia", diz, certo de que se reduzisse o fornecimento de concentrados e aumentasse o pastoreio, a margem de lucro seria ainda maior. Também acredita que poderia terminar os animais num tempo menor, mas neste caso, o custo se elevaria ainda mais, reduzindo a sua lucratividade. Prefere, portanto, terminar os animais num prazo de um ano e três meses no máximo, com um peso médio ao redor dos 350 quilos.

Para pegar uma época de bons



Claudenor Bruisma, de Augusto Pestana
A saída para buscar nova fonte de renda para a propriedade

preços, o Claudenor procura terminar os animais entre os meses de junho e agosto, comercializando-os em açougues, abatedouros e em festas.

Terminar terneiros em confinamento, segundo o Claudenor, não tem nenhum segredo. Basta ter vontade de trabalhar, fazer muita economia e montar um esquema de alimentação, "talvez o ponto mais importante da atividade". O resto depende de coragem de querer mudar ou inovar um pouco na propriedade, receita já pensando em alguns investimentos na construção de um novo estábulo para aumentar a capacidade de confinamento de animais. Diz ainda que o lucro até pode não ser grande, mas é mais uma fonte de renda na propriedade, "o que pode aumentar se o agricultor trabalhar com muita economia", diz ainda o agricultor que até hoje puxa todo o trato dos animais numa carroça.

Buscando mostrar o desempenho da atividade terminação de bovinos em confinamento na propriedade do

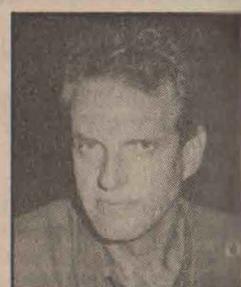
CUSTOS DESEMBOLSADOS	QUANTIDADE	CUSTO		%
		R\$	US\$	
Terneiros	10	300.000,00	895,52	41,99
— Milho moído	5.475	209.855,75	626,44	28,33
— Mandioca	19.950	109.500,00	326,87	15,00
— Farelo de trigo	913	27.390,00	81,76	3,80
— Farelo de soja	300	19.500,00	58,21	2,72
— Resíduo classificação	1.825	18.250,00	54,48	2,56
— Cana picada	10.980	19.764,00	59,00	2,78
— Capim elefante	5.475	9.855,00	29,42	1,38
— Sal mineral	8	1.515,00	4,52	0,21
TOTAL		715.629,75	2.136,22	100,00
RECEITA				
Venda	3.500	805.000,00	2.402,99	
Margem bruta		89.370,25	266,79	
Custo/Terneiro		71.562,98	213,62	
Custo/Kg		204,47	9,61	

Consideramos somente os custos de aquisição e alimentação

Claudenor Bruisma, de Augusto Pestana, a gerencia Agrotécnica da Cotrijul andou levantando e tabulando alguns dados. O Luiz Juliani, o responsável pelo tabulamento considerou, no caso, apenas os custos desembolsados - diretos -, tendo como base o fato do produtor produzir a maioria do trato fornecido aos animais na própria propriedade. Não considerou, no entanto, a mão-de-obra empregada durante o manejo dos bovinos. O resultado final bruto, que vem sendo obtido pelo produtor - ver tabela - é de 11,10 por cento.

Três pontos fundamentais

A regra apresenta todas as condições necessárias para o desenvolvimento da atividade terminação de bovinos em confinamento. A constatação é do professor João Restle, ligado ao departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, apontando a existência na região de toda uma infra-estrutura de maquinário que pode ser utilizada na produção de volumosos e grãos destinados a alimentação dos animais como o ponto fundamental. João Restle esteve no CTC no início do mês de setembro, ministrando um curso sobre manejo e alimentação de bovinos em confinamento.



João Restle

O manejo, a alimentação e a comercialização dos animais confinados foram os pontos levantados pelo professor durante os dois dias de curso. Recomendou instalações simples, "para não elevar os custos de produção." Maiores investimentos nas instalações - estábulos - devem ser muito bem pensados em função dos altos custos, e do retorno lento. Ele até sugeriu que investimentos em instalações só ocorram depois que o produtor tiver dominado a tecnologia aplicada à atividade. "Antes disso, deixa claro, não compensa investir em instalações sofisticadas".

Na alimentação recomendou o uso de volumosos concentrados e o aproveitamento de alguns subprodutos de limpeza de grãos, "ingredientes mais baratos". A farinha de carne, por exemplo, tem um custo em termos de proteínas, mais baixo que o do farelo de soja. Mas não é só na alimentação que o produtor tem que contar os seus gastos. A economia começa, principalmente, na hora da aquisição e da venda dos animais, "que devem ocorrer sempre na hora certa". A sugestão do professor é a de que o produtor faça a terminação dos animais na entressafra, para colocá-los no mercado em fins de setembro, período em que o preço se eleva. Já a aquisição dos animais magros deve ocorrer antes do outono, quando o preço está baixo, até porque nesta época não existem pastagens

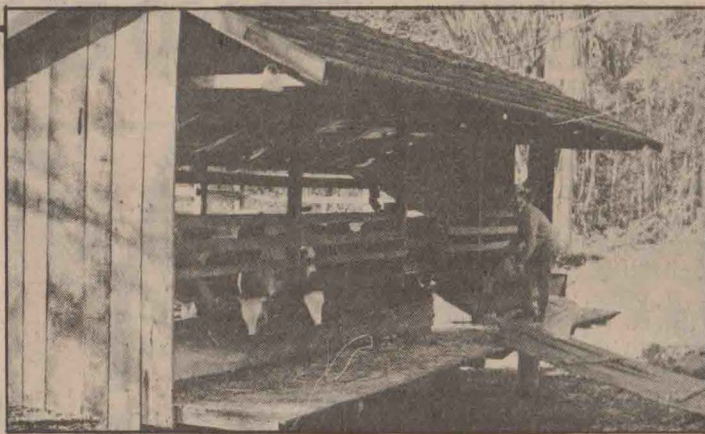
Falta experiência

Terminar bovinos em confinamento ainda é uma atividade nova para a Sadi Siede, um agricultor proprietário de 43,75 hectares de terra na localidade de Linha 26, interior de Ajuricaba. "Ainda está me faltando muita experiência e conhecimento sobre a atividade", reconhece o Sadi, até pouco tempo atrás trabalhando apenas com a engorda de gado solto. A nova atividade entrou na propriedade dos Siede meio de improviso, "mas vem dando alguns resultados", conta a dona Ingrid. Até fins de julho passado, eles mantinham em confinamento 13 animais, das mais diversas raças, em um estábulo modesto, construído em cima do açude.

Os animais entram na propriedade do Sadi através de doações dos vizinhos que trabalham com pecuária leiteira e para os quais não interessam animais machos. "Às vezes a oferta é tão grande que sou obrigado a recusar alguns animais", conta o Sadi referindo-se aos bezerros recém nascidos que chegam à sua propriedade. Somam-se aos animais confinados, um plantel de 50 cabeças, entre gado de corte e vacas de leite, que são mantidos no pasto. A atividade leiteira produz em torno de 50 litros/dia.

INVESTIMENTOS - O gosto de trabalhar com animais confinados está levando os Siede a fazerem alguns planos. De imediato, além de buscar um apoio maior na assistência técnica, "para ampliar nossos conhecimentos", eles estão pensando em construir um novo estábulo e investir na qualidade do trato dos animais. "A nossa idéia é chegar a 30 animais confinados", enfatiza a dona Ingrid satisfeita com o empreendimento e já fazendo comparações de resultados. "Um animal solto leva três anos para alcançar 150 quilos de carne, enquanto no confinamento, ele alcança esse peso em poucos meses", confirma.

Mas antes de partir para a construção de um novo estábulo, o Sadi anda preocupado e pensando em investir na melhoria da qualidade do trato que vem oferecendo aos animais, "ainda muito pobre". Como não trabalha com



Sadi Siede, de Ajuricaba
Falta experiência e conhecimento

silagem, tem oferecido, dependendo da época, milho cortado e milho em grãos, cana-de-açúcar triturada e ainda aveia e sorgo em grãos. Uma área de oito hectares com pasto nativo, complementa a alimentação. Mas a silagem já é uma decisão tomada pelo Sadi. Plantou uma área de aveia branca e entrou para um grupo para adquirir, em conjunto com seus vizinhos, uma ensiladeira. "Por enquanto vou fazer apenas a silagem de aveia, mas já estou de olho na silagem de milho", conta ele, reconhecendo, no entanto, que precisa investir devagar.

GANHANDO DINHEIRO - Sem saber ao certo em quanto andam os custos com a atividade, o Sadi acha que está tirando algum dinheiro de lucro. "Ainda não tive a oportunidade de colocar as despesas no caderno, mas já sei que é uma atividade para quem quer realmente trabalhar, avisa o Sadi que, além da ajuda da dona Ingrid, ainda conta com a colaboração de um dos filhos. Os terneiros terminados são vendidos nas redondezas, mas espera, para daqui algum tempo, depois que investir em alimentação, poder melhorar o ganho de peso dos animais. Parte do estérco os Siede deixam no açude e o resto levam para a lavoura. "A nossa idéia é consorciar peixe com gado", diz ainda planejando investir também na piscicultura.

Construção, o primeiro passo

Um açude é como uma lavoura ou uma pocilga. Bons resultados vão depender de instalações simples e manejo adequado

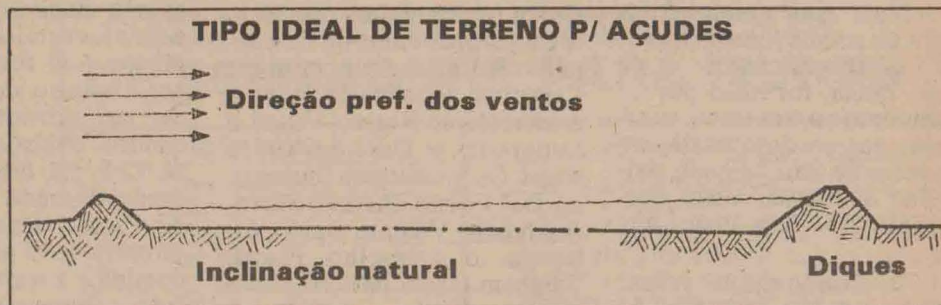
Até que ponto o tipo de açude pode influenciar no aumento da produção de peixes? Esta é uma questão que, até pouco tempo atrás não passava pela avaliação dos produtores e técnicos da região ao elegerem a piscicultura como uma atividade econômica importante dentro da propriedade. "A produção é o resultado do próprio dimensionamento e construção do açude", costuma pregar o supervisor do Programa de Piscicultura da Cotrijui na região, o técnico agrícola Altamir Antonini. Mas esse é um aspecto que só cresce em importância na medida em que a atividade assume um caráter econômico dentro do processo de piscicultura na região. Ainda hoje, grande parte dos açudes e represas construídos e existentes no Rio Grande do Sul não apresentam as condições ideais para a piscicultura.

Ao dar ênfase à questão da construção de um açude, o Altamir vai ainda mais longe, comparando-o a uma pocilga para a criação de suínos. Quem atua na suinocultura sabe muito bem que bons resultados dependem de instalações adequadas, "mesmo quando construídas com simplicidade, apresentando no mínimo facilidades de manejo para que a produção seja uma consequência do uso de técnicas aprimoradas", insiste, estendendo a sua comparação também a uma lavoura. Da mesma forma o produtor de peixes deve proceder em relação a

construção de um açude para criação de peixes, procurando investir numa obra que deve durar, no mínimo, 20 anos. Desaconselha os "modismos" de construção, pois eles só resultam em gastos desnecessários. "Em se tratando de construção de açudes, ou se faz bem feito, ou se gasta o dobro mais tarde", avisa.

ASPECTOS AMBIENTAIS - Além dos aspectos técnicos relacionados com a produção de peixes, o Altamir chama a atenção para os aspectos ambientais que podem ocorrer na área em função da construção de um açude não bem planejado. Alterações em função da acumulação da água e do volume de terra deslocado para a construção da barragem, a área a ser inundada, altura e pressão das vertentes - nascentes próximas -, seccionamento do córrego e o tipo de adubação orgânica que normalmente é administrado na água e as consequências biológicas, físicas e químicas da construção de um açude podem ser minimizadas se a obra for bem dimensionada e bem construída.

Observados todos estes fatores, o passo seguinte passa pela avaliação técnica e econômica da obra. Os custos só passam a interessar a partir do momento em que a atividade necessita de investimentos altos, "com retornos que nem sempre correspondem



às expectativas". Também é preciso avaliar a realidade do produtor", diz ainda o Altamir, preocupado com propriedades com problemas de administração. Entende que estas, com raras exceções, são candidatas sérias ao fracasso na piscicultura, "uma atividade ainda nova e que como as demais prá-

ticas agropecuárias, precisa de dedicação, cuidados e tecnologia". A piscicultura, prossegue ainda o Altamir, é uma atividade que cresceu muito nos últimos anos na área da pesquisa, no entanto, os tanques e açudes ainda carecem deste importante fator de produção".



A construção de um açude, assim como a sua localização ... e disponibilidade de água podem influenciar na produção final

Os cuidados necessários

A disponibilidade de água, a localização, o tipo de solo e a construção do açude. Este é o início de qualquer conversa entre um produtor que deseja construir um açude na sua propriedade e um técnico no seu trabalho de orientação. "Uma boa água é fundamental", diz o técnico agrícola da Cotrijui, unidade de Ijuí, Pedro Pittol, elegendo a disponibilidade de água na propriedade como uma questão prioritária. A água, salienta ainda, precisa não só levar o oxigênio para dentro do açude, como também jogar para fora os resíduos. Mas uma boa água também se justifica pelo fato de ocorrerem grandes perdas de água no açude. Em dias de sol ocorrem evaporações entre 15 a 20 litros por metro quadrado, o que corresponde a uma perda em torno de 150 a 200 metros cúbicos de água por hectare.

Esgotado o assunto água, vem a questão da localização do açude, "sempre de preferência perto da residência ou da sede da propriedade, facilitando, desta forma, o controle dos roubos de peixes, o ataque dos animais predadores como garças, nutras e outros e ainda o manejo. Nas observações diárias feitas nas visitas de no mínimo duas vezes por dia - o Pittol aconselha um exame dos níveis de oxigênio da água e do ataque dos animais predadores.

O QUE É IMPORTANTE - Um açude não precisa ter muita profundidade para facilitar a penetração dos raios solares. "Um metro e meio de profundidade é suficiente", observa o técnico, para o qual estes são os açudes com profundidade ideal para a região. Em açudes muito profundos a temperatura da água fica muito baixa, a luminosidade se torna insuficiente, a alimentação natural também fica reduzida, o oxigênio se estabelece apenas na superfície e a água contamina com mais facilidade.

O tamanho de açude ideal para a região fica entre três mil metros quadrados a um hectare. Por sair mais em conta para o produtor, o Pittol tem aconselhado para a região a construção de açudes barragens. "É o mais simples e econômico e consiste em erguer uma barragem, fechando uma bacia", explica. Os açudes escavados são os mais caros e, consequentemente os mais difíceis de serem construídos, pois toda a terra da área precisa ser retirada.

A largura da taipa também é importante, pois vai influir no represamento da água. Segundo o Pittol, para cada metro de taipa levantada, serão necessários cinco metros de base na horizontal. A taipa "muito bem compactada", tem que ter, no mínimo, três metros de largura para possibilitar a passagem

de tratores. Mas antes da construção da taipa, o técnico recomenda uma limpeza na área, "retirando os tocos, galhos, árvores, gramas, seguida de uma subsolagem para alcançar uma maior compatibilidade entre o solo e a terra colocada para erguer a taipa". A subsolagem pode evitar infiltrações.

Como os açudes são destinados a produção de peixes, devendo no mínimo uma vez por ano, serem esgotados, eles precisam ser construídos com tubulações para facilitar o escoamento da água. Essas tubulações deverão ficar de acordo com o volume de água e o tamanho da represa. Para açudes pequenos, usar tubos com 20 centímetros de diâmetros. Para açudes maiores, tubulações com um metro de diâmetro. Os tubos precisam ser bem chumbados com cintas de tijolos nas emendas para evitar vazamentos e infiltrações pelo lado de fora. O Pittol aconselha ainda forrar a taipa pelo lado de dentro com pedra, "procurando, desta forma, garantir uma maior durabilidade". Do lado de fora, colocar uma cobertura com grama, sendo a bermuda uma das mais recomendadas. Em áreas de muita lama, a recomendação do técnico é a de fazer a abertura de uma vala preenchida com terra vermelha compactada, "para evitar infiltrações".

"Muito cuidado com as águas de lavours", alerta o Pittol. Além de encherem os açudes com terra, ajudam a contaminá-los com agrotóxicos em épocas de enxurradas. Os açudes abastecidos com águas de vertentes são pobres em oxigênio, "devendo, por esse

motivo, serem menos povoados". Já os açudes abastecidos com águas de riachos e sangas têm maior quantidade de oxigênio, mas apresentam a desvantagem de possibilitarem a entrada de predadores, disputando com os peixes o oxigênio e a alimentação.

A IMPORTÂNCIA DA CORREÇÃO - Os peixes, como qualquer lavoura, apresentam um melhor desenvolvimento quando o pH da água é favorável. O pH ideal, para o caso do cultivo de peixes, fica entre 7 a 8,5, "nível possível de ser obtido via correção do solo com calcário".

Mas a melhor alimentação, no entanto, ainda é o plâncton, microrganismos favorecidos pela existência de matéria orgânica na água e pela incidência de raios solares. Excesso de matéria orgânica na água também não é recomendado por reduzir o nível de oxigênio, causando, consequentemente, a morte dos peixes por asfixia. Para verificar o nível de matéria orgânica existente na água, basta o produtor colocar um objeto ou prato branco dentro do açude, numa profundidade de 30 a 40 centímetros. Se, a essa profundidade, o objeto não for identificado, é porque existe excesso de matéria orgânica na água.

A atenção dispensada pelo produtor a estes pontos, vai levá-lo, segundo Pittol, a construir um açude dentro das orientações técnicas recomendadas para a região. "Um açude bem localizado dentro da propriedade e bem construído, não só terá uma duração longa, como vai refletir, ajudado pelo manejo adequado, na produção alcançada", observa Pittol.

Mais dois projetos de suínos para Ijuí

Mais dois condomínios rurais de suínos foram criados em Ijuí recentemente: o de Santa Lúcia, formado por 17 produtores e o Caxambu, constituído por produtores das localidades de São Miguel, Salto, São Valentim, Vista Alegre, Saltinho e Rincão da Laje.

O Condomínio Rural de Suinocultores de Santa Lúcia, fundado no dia 18 de setembro, tem como presidente o associado José Bertazon, assessorado pelo vice-presidente José Emílio Stumm. Izidoro Massafra foi indicado para o cargo de secretário; Álvaro Costa Beber para tesoureiro e Gilmar Hartmann para o cargo de vogal. O Conselho Fiscal ficou constituído pelos produtores Getúlio Baiotto, Homero Goettens e José Jorge Padoin. Ainda integram o Condomínio os produtores Albino Caçavara, Amarildo Vieira, Antônio Ficagna, Carlinho Zambon, Eraldo Goettens, Hugo Lino Costa Beber, Luciano Baiotto, Nilton Goettens e Vilmar Basso.

Os produtores Cláudio de Jesus e Euclides Mariano

Gabbi foram eleitos presidente e vice-presidente do Condomínio Rural de Suinocultores Caxambu. Romeu de Jesus é o secretário; Nelson Vilani o tesoureiro e Davi Sartori o vogal. Os produtores Fiorentino Dal Forno, Arthur Sartori e Igênio Vicente Gabbi, integram o Conselho Fiscal. Também fazem parte do mais novo condomínio rural de suinocultores de Ijuí os produtores Antoninho Vilani, Lufz Cossetin, Gimene André Bago, Leonildo Antônio Gabbi, Elis Andreolla, Jorge Bonfada, Atafdes José Bilibio, Heitor Cossetin, Júlio Gabbi e Nelson Trevisan.

CONTEMPLADOS - Na área de abrangência da Cotrijuí,

apenas cinco projetos de condomínios rurais foram contemplados com recursos do Feaper - quatro de suínos e um de mecanização, conforme quadro abaixo. O montante de Cr\$ 1,8 bilhões que está sendo liberado pelo governo do Estado deverá ser dividido entre os 95 projetos de condomínios rurais nas áreas de suinocultura, citricultura, hortifrutigranjeiros, máquinas e bovinocultura de leite selecionados pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento. 32 projetos condominiais são de suínos, 13 de armazenagem, 12 de mecanização, 16 de recuperação e conservação de solos, três de agroindústria, três de microbacias e 11 em outras atividades.

CONDOMÍNIO RURAL	GOVERNO ESTADO (milhões)	CONTRAPARTIDA (milhões)	TOTAL (milhões)
1) União Centenária (Alto da União-Ijuí) - Suinocultura	77	33	110
Progresso (A. Pestana-RS) - Suinocultura	49	21	70
Jóia I (Jóia-RS) - Suinocultura	51,8	12,2	64
São Judas (Chiapetta-RS) Suinocultura	14,7	6,3	21
Brço Forte (T. Portela-RS) Mecanização	12,6	5,4	18
TOTAL	196,7	86,3	283

horta & pomar

Recomendações para os meses de outubro/novembro:

- * Colocação de iscas nos pomares para o controle da mosca das frutas;
- * Adubação dos pomares de citros;
- * Controle preventivo das principais doenças dos pessegueiros, citros e videiras;
- * Controle preventivo das doenças que atacam os tomateiros.

ESPÉCIE	CULTIVAR	ESPÉCIE	CULTIVAR
** Alfaca	Reginak Kagraner Crespas	*** Melancia	Scharleston Gray - longa, clara Congo - longa escura Coroa - Verde
** Almeirão	Quatro Estações Pão-de-Açúcar Folha Larga	*** Moranga	Exposição - vermelha Cabutiá - híbrida Yolo Wonder - graúdo quadrado
*** Abóbora	Caserta - Tronco Longo Menina Brasileira Caravela	* Pimentão	Chapéu de Bispo - consumo Cultivada
** Beterraba	Early Wonder	*** Rúcula	Híbridos
*** Cenoura	Brasília	* Repolho	Louco de Verão Coração de Boi
* Couve-Flor	Schriomaru	*** Rabanete	Comet - redondo Comprido vermelho e branco
* Chicória	Escarola	* Tomate	Ângela - "paulista" Híbrido - salada
* Feijão Vagem	Macarrão Trepador	*** Pepino	Premier - conserva Gringa - conserva
*** Melão	Casca de Carvalho CAC - Espanhol Halles Best		Tamor - conserva Aody - salada
*** Melancia	Crimson Weet - redonda pouca semente		

- * Transplante necessário
- ** Admite transplante e semeadura direta
- *** Não devem ser transplantadas

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. Agr. M. SC Volney Vlau — Pesquisador do CTC

CTC

SEMINÁRIO DE BIOTECNOLOGIA

Realizou-se em Porto Alegre, de 2 a 5 de setembro, um Seminário sobre Biotecnologia e Produção de Alimentos. Participaram do evento pesquisadores de universidades de Munique e Hannover - na Alemanha; do Instituto de Qualidade Biológica e Ecotoxicologia, da Argentina; do Instituto Científico Técnico Pecuário S.A. do Chile e ainda de universidades e institutos brasileiros. Na área animal os processos de domínio tecnológico dizem respeito a inseminação artificial, transplante de embriões, diagnósticos de doenças através de anticorpos monoclonais, sexagem de espermatozoides e produções de vacinas sintéticas. Os procedimentos em fase experimental na suinocultura dizem respeito a: indução a ovulação, criopreservação de espermatozoides masculinos e femininos, sexagem e divisão embrionária e produção de embriões "in vitro". Técnicos do Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica da França já desenvolveram métodos para identificação dos períodos de ovulação em bovinos, ovinos, caprinos, suínos e patos. Esta técnica deverá contribuir sensivelmente para ampliar as possibilidades de êxito na inseminação artificial e transferência de embriões.

Na área vegetal é destaque a cultura de tecidos, do qual pode-se obter uma planta através de uma célula mantida em condições apropriadas. Um meristema de eucalipto pode produzir 100 mil mudas, ou um milímetro de suspensão de células 150 mudas. Além da rápida propagação, apresenta a vantagem de produzir mudas livres de doenças. A grande expectativa é produzir semente sintética, o que consiste no encapsulamento de pequenos embriões.

A Cotrijuí, juntamente com a Unijuí, encaminhou um projeto a Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul, para a instalação de laboratório de cultura de tecidos. O laboratório deverá ser destinado a pesquisa e ao ensino, servindo ainda de suporte para a produção de sementes da Cotrijuí.

SOJA MAIS PRODUTIVA

Em 1991 foram lançadas três cultivares de soja recomendadas para plantio do Rio Grande do Sul. A RS 9 foi desenvolvida na Estação Experimental de Julio de Castilhos - Secretaria da Agricultura. É de ciclo semi-tardio. Apresenta flor branca e palha cinza e é suscetível ao cancro da haste e a nematóides. O rendimento médio dos últimos três anos foi de 2.817 quilos por hectare, superando em 5 por cento as melhores testemunhas de cada local de experimentação.

Já a Embrapa 5 foi desenvolvida pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - Passo Fundo. De ciclo precoce, flor roxa e palha cinza, esta cultivar se apresenta suscetível a seca da haste e da vagem, crestamento bacteriano e vírus do mosaico comum da soja. O rendimento médio dos últimos três anos revela uma produtividade de 2.755 quilos por hectare, superando em 3 por cento a melhor testemunha.

A cultivar FT - Abyara foi desenvolvida pela FT - Pesquisa e Sementes. Apresenta flor roxa e palha marrom. É de ciclo semi-tardio, apresentando-se moderadamente resistente ao cancro da haste. A produtividade dos últimos três anos foi de 2.865 quilos por hectare, superando em 2 por cento a melhor testemunha.

APROVADO E
RECOMENDADO
PARA O
PLANTIO DIRETO

CORSUM

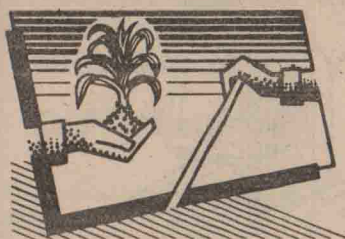
HERBICIDA PARA A SOJA

SOLUÇÃO NA DOSE CERTA.

ATENÇÃO
Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, botas, etc.). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

ANDEF
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO

CIBA-GEIGY



Cenoura: cultivares e épocas de plantio

No quadro 2, apresentamos os resultados de produção bruta e de produção comercial de cada cultivar por época de plantio, com anotações daquelas que se destacaram e podem ser semeadas em nosso município e região.

Os produtores que desejarem maiores informações a respeito desse trabalho de avaliação de cultivares e épocas de plantio de cenouras, podem procurar a Emater, escritório de Ijuí.

Peri Osmar Korb é engenheiro agrônomo - especialista em Economia Rural e Édio Arno Korb, técnico agrícola, atuando pela Emater de Ijuí.

CULTIVARES E PERÍODOS DE SEMEADURA PARA IJUÍ-RS

CULTIVARES	PERÍODO
Harumaki Kinko Gosun	Agosto a fevereiro/março
Nantes Meio Comprida	Agosto a outubro
Produco	Agosto a setembro
Kuronan	Novembro a março/abril
Brasília Alta Seleção	Novembro a março/abril
Nantes	Novembro a jan/fev (tolerada)
Forto RS	Agosto a novembro (tolerada)
Toponova Kuroda	Agosto a dezembro (tolerada)

A escolha da cultivar e a época de plantio... são indicativos importantes também para a cenoura

Peri Osmar Korb/Édio Arno Korb

A escolha de cultivares, bem como a época de plantio são indicativos muito importantes para qualquer cultura. A escolha incorreta de um ou de outro podem levar a frustração total de uma lavoura.

Em horticultura normalmente trabalhamos com muitas espécies de plantas e também com muitas cultivares. Normalmente as informações são escassas e os produtores se baseiam muito na tradição e no "ouvi dizer". Os técnicos também não possuem segurança absoluta numa recomendação, pois a bibliografia também é escassa.

Preocupados com uma série de frustrações ocorridas em lavouras de cenouras em Ijuí, resultante da escolha inadequada de cultivares, ou por plantio realizado fora da época recomendada, decidimos, em agosto de 1990, juntamente com o produtor Mário Müller de Alto da União, estabelecer um ensaio comparativo, inicialmente com 10 cultivares.

Foram semeados canteiros das 10 cultivares de cenoura lado a lado, durante os meses de agosto a novembro do ano passado e janeiro e abril deste ano, sendo incluída mais uma variedade no último plantio. As colheitas foram realizadas quatro meses após os plantios, com uma avaliação da produtividade, da qualidade da raiz e empalhamento.

Confirmando que a escolha da cultivar e da época são realmente fatores importantes, obtivemos produtividades que variaram de 300 quilos a 65 mil quilos por hectare de produto comercial. Já uma mesma variedade, plantada em épocas diferentes, apresentou variação que foi, por exemplo, de sete mil quilos para 63 mil quilos por hectare.

Como este trabalho teve apenas um ano de duração, e deveria ser repetido por mais duas ou três vezes, não podemos recomendar, com absoluta certeza, quais as variedades e épocas corretas de plantio de cada uma delas. Podemos, entretanto, fornecer uma indicação desse trabalho e seus resultados, pensando em reverter um pouco o atual quadro de frustrações na lavoura de cenoura - Ver quadro 1.

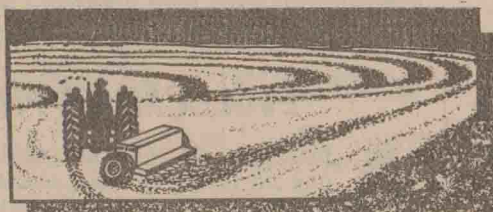
As cultivares Harumaki Kinko Gosun, Kuronan e Brasília Alta Seleção, quando cultivadas nas épocas apropriadas estiveram entre as mais produtivas. Já as cultivares Chantenay e Flaker Longa, em princípio não devem ser plantadas em nossa região, por não apresentarem boas características comerciais.

COMPETIÇÃO DE CULTIVARES DE CENOURA EM QUATRO ÉPOCAS DE PLANTIO - RESUMO DE PRODUTIVIDADE

QUADRO 2: COMPETIÇÃO DE CULTIVARES DE CENOURA EM QUATRO ÉPOCAS DE PLANTIO - RESUMO DE PRODUTIVIDADE

CULTIVARES	1º CULTIVO PLANTIO: 14.08.90 COLHEITA: 12.12.90		2º CULTIVO PLANTIO: 01.11.90 COLHEITA: 27.02.91		3º CULTIVO PLANTIO: 11.01.91 COLHEITA: 10.05.91		4º CULTIVO PLANTIO: 02.04.91 COLHEITA: 02.08.91		PRODUÇÃO MÉDIA	
	PRODUÇÃO BRUTA KG/HA	PRODUÇÃO COMERCIAL KG/HA	PRODUÇÃO BRUTA KG/HA	PRODUÇÃO COMERCIAL KG/HA	PRODUÇÃO BRUTA KG/HA	PRODUÇÃO COMERCIAL KG/HA	PRODUÇÃO BRUTA KG/HA	PRODUÇÃO COMERCIAL KG/HA	PRODUÇÃO BRUTA KG/HA	PRODUÇÃO COMERCIAL KG/HA
Chantenay	25.000	22.000	42.000	39.000	35.000	31.000	5.000	2.500	26.750	23.625
Toponova Kuroda	26.000	21.000 *	33.500	31.000	- 0 -	- 0 -	15.000	10.000	24.833	20.567
Flaker Longa	28.000	25.000	36.000	32.000	29.000	27.000	14.000	5.000	26.750	22.250
Brasília Alta Seleção	14.000	7.000	68.000	63.000 *	62.000	55.000 *	44.000	39.000 *	47.000	41.000
Produco	27.500	23.000 *	40.500	36.000	37.500	31.000	11.000	5.000	29.125	23.750
Harumaki Kinko Gosun	31.000	20.500 *	62.000	60.000	75.000	65.000 *	21.000	12.000	47.250	39.375
Nantes Meio Comprida	24.000	22.000 *	38.500	34.000	34.000	26.000	14.000	6.000	27.625	22.000
Forto RS	20.000	16.000	54.000	48.000	43.500	37.000	5.000	300	30.625	25.325
Kuronan	18.000	14.000	73.000	65.000 *	66.000	65.000 *	25.000	22.000 *	45.500	41.500
Nantes	15.000	12.500	54.500	47.000	70.000	65.000 *	12.000	4.500	37.875	32.250
Primavera	- 0 -	- 0 -	- 0 -	- 0 -	- 0 -	- 0 -	32.000	26.000 *	32.000	26.000

(*) Variedades que se destacaram, como boas e/ou muito boas



SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do técnico agrícola Pedro Pittol, da Cotrijuí, unidade de Ijuí

IX ENCANT

A valorização da assistência técnica

A assistência técnica, sua valorização como forma de evolução na condução do sistema, foi o tema destaque do IX Encant - Encontro Estadual do Clube Amigos da Terra, realizado em Tapera no último dia 13 de setembro. O Encontro reuniu em torno de 400 participantes entre produtores, técnicos, pesquisadores e estudantes.

A questão da assistência técnica foi abordada durante o Encant pelo engenheiro agrônomo Clayton Born Alves, chefe do Departamento Técnico da Cooperativa Batavo, de Carambel, Castro, Paraná. Clayton destacou as experiências e o trabalho de assistência técnica em plantio direto no Paraná. Mas para que o processo tecnológico evolua, disse ser de fundamental importância o aprimoramento do corpo técnico, tanto em plantio direto como em rotação de culturas. A condição de limitar o número de produtores por técnico, torna mais eficiente a relação pesquisa/assistência/produção.

O aumento da produção, segundo o engenheiro agrônomo, é a resposta de todo o investimento feito em cima do aprimoramento técnico. Para dirimir qualquer dúvida, citou os oito mil quilos de milho por hectare colhidos na última safra e os 3.200 quilos produzidos na lavoura de soja na região de Carambel. Ao falar da importância dada a uma assistência técnica eficiente, disse que na região onde atua, o solo é todo coberto tanto no inverno como no verão. A rotação de culturas é cuidadosamente observada, "buscando-se uma maior produção e redução no ataque de pragas e doenças do solo". A técnica de plantio dire-

to é usada para se ter maior produção e melhor conservação do solo, conseguindo, desta forma, melhor equilíbrio do meio ambiente, sem destruição da natureza.

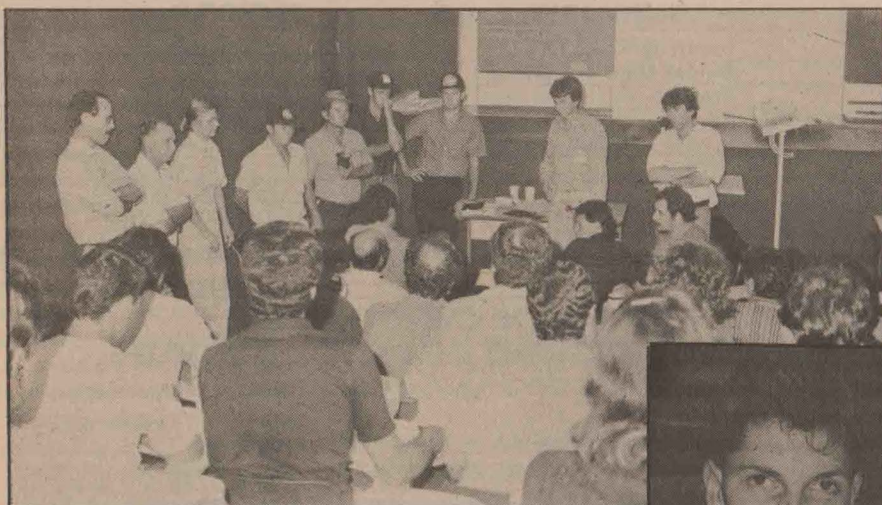
Além da questão da assistência técnica, os participantes do IX Encant ouviram o engenheiro agrônomo Armino Terhorst, da Cotrisa de Santo Ângelo, falar sobre "Novos rumos para a Agricultura". Pragas no Solo, com ênfase para os problemas do tamanduá da soja, foram os assuntos abordados pelo pesquisador da Embrapa/CNPT, de Passo Fundo, Dirceu Gassen. Armino Mugnoll, do Cat de Tupanciretã, Edgar Martin, do Clube de Amigos da Terra de Giruá; Luiz Graeff Teixeira, do Cat de Passo Fundo e Cláudio Macagnann, do Cat de Cruz Alta falaram sobre as suas experiências com plantio direto.

TROFÉUS - Produtores que se destacaram em plantio direto em 90/91 foram agraciados com troféus. Da região, foram contemplados os produtores Valter Luiz Driemeyer, de Ijuí; Edelmar Friedrich, de Ajuricaba e Mário Régis Spretto, por Santo Augusto.

De Ijuí, participaram do IX Encant os técnicos agrícolas Pedro Pittol, pela Cotrijuí e Rivaldo Polidoro Pinto, pela HZ Representações Agrícolas, os produtores Valdemar Michael, vice-presidente do Cat local, Sadi Reimann, Romeu Schmidt, Reinhart Kommers, Oneide Schmidt, Almir João Bigolin e Eloi Sandro Copetti e ainda o engenheiro agrônomo Ivan Agostini, pela Imasa. O próximo Encant deverá acontecer em Cruz Alta.

A visita dos uruguaaios

Produtores uruguaaios, ligados a Conaprole vêm conhecer as experiências dos produtores de leite da Cotrijuí



Os uruguaaios trocaram experiências com... os produtores de leite da região. Ao lado a foto do produtor Eduardo Veiga

Tomar conhecimento da experiência dos produtores de leite da Cotrijuí na região e seus projetos de diversificação de atividades foi a razão pela qual esteve em Ijuí, em meados de setembro, um grupo de 40 produtores uruguaaios. Ligados a Conaprole - Cooperativa Nacional de Produtores Leiteiros -, os produtores em visita a Cotrijuí somam um total de 4.700, responsáveis pela produção de 550 milhões de litros de leite/ano. A Conaprole reúne 15 unidades e seus associados se dedicam exclusivamente a produção de leite, "uma atividade bastante especializada, mas que devido aos altos custos de produção e aos baixos preços pagos pelo produto, começa a preocupar os produtores", assinala o engenheiro agrônomo e coordenador do grupo visitante, Fausto Borges. Os produtores que ainda resistem na atividade - uma média de 500 produtores por ano tem deixado a pecuária de leite - estão buscando alternativas para viabilizar a sua propriedade.

Os produtores que estiveram em Ijuí são do município de São José, localizado na região de Puntas de Valdez, ao sul do país e distante 70 quilômetros de Montevidéu. De Ijuí eles foram para Três de Maio, onde visitaram a Cotrimaio, Encantado, para conversar com produtores de leite da Cosuel, a Porto Alegre, Rio Grande, voltando por fim a Cruz Alta, para conhecer a CEP/Fecotrigio. Antes de chegar a Ijuí, o grupo havia visitado a Fazenda Nova Ramada, em Júlio de Castilhos.

INFORMAÇÕES - "Estamos buscando informações", disse ainda o produtor Eduardo Veiga preocupado com

a situação de monocultivo em que vivem os produtores de leite da Conaprole. A maioria dos produtores possui entre 75 e 80 hectares de terra e alcançaram uma produtividade média entre 1.600 a 1.700 litros por hectare/ano. A média de produção por animal se situa entre 4.500 a 4.800 litros/ano. 40 por cento da produção da Conaprole é destinada a exportação - toda industrializada -, para países como o Brasil, a Argentina e o México.

Proprietário de 45 hectares e de um plantel de 40 animais, 25 dos quais em lactação, o produtor uruguaio entrega na cooperativa uma média de 400 litros de leite/dia. "Hoje está ficando muito difícil de trabalhar apenas com tambo de leite", diz Eduardo, justificando a necessidade dos produtores uruguaaios conhecerem outras experiências. Eduardo acredita que diversificando as atividades é possível o produtor de leite baixar seus custos de produção, "pois do contrário, vai ficar difícil de continuar com tambo", observa, não vendo razão, no entanto, para que os produtores abandonem a pecuária de leite.

"O Uruguai se orgulha de possuir os melhores produtores de leite da América do Sul, só que precisa melhorar a qualidade do seu produto", diz o produtor preocupado com a integração do Cone Sul. Precisamos nos superar dia-a-dia se quisermos continuar competindo no mercado", argumentam ainda colocando as exigências da abertura de novos mercados como um grande desafio a ser enfrentado.



COTRIEXPORT

CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar
Fone 33-50-32

COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

LITRAGEM MÍNIMA

O Programa de Recebimento Mínimo de Leite, lançado em julho passado e dirigido aos associados da Cotrijuí Pioneira já se encontra em pleno andamento. Pelo novo programa, os produtores de leite de Coronel Bicaco e Tenente Portela deverão ter entregues, durante o mês de setembro, 240 litros de leite, cada um. Os demais produtores - Ijuí, Jôia, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta e Santo Augusto, 300 litros cada um, durante todo o mês.

Durante o mês de setembro, a cooperativa, via Posto de Recebimento de Leite, enviou a cada produtor que vinha entregando menos de 300 litros de leite, uma correspondência alertando sobre sua situação e colocando as metas do novo programa. Aos produtores que durante o mês de setembro não conseguiram atingir a meta dos 10 ou oito litros/dia, será enviada uma nova correspondência, solicitando que os mesmos se agrupem entre si para entregar a produção em nome de apenas um produtor ou então, busque salidas que os levem a atingir a meta mínima estabelecida pelo programa. Em outubro as plataformas de recebimento não mais aceitarão leite daqueles produtores que não atingiram a meta mínima de entrega, conforme estabelece o programa.

TROCA-TROCA DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

Os produtores de leite que ainda desejarem adquirir máquinas ou equipamentos pelo sistema troca-troca, ainda poderão fazê-lo, pois o programa continua em andamento. Tanto as aquisições dos maquinários, como dos equipamentos - ordenhadeiras e resfriadores - poderão ser feitos de forma individual ou coletiva. No caso de aquisição de máquinas - ensiladeiras ou conjunto de fenação, o prazo para pagamento destes financiamentos, feito em troca de produto, é de 18 meses. Já o prazo de pagamento do financiamento pago para aquisição de ordenhadeiras e resfriadores é um pouco menor, 12 meses.

EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NA REGIÃO

A produção de leite na região vem aumentando mês a mês, mesmo que no início do ano, esse acréscimo tenha sido pequeno. Diversos fatores estão sendo apontados como responsáveis por essa nova realidade: maior interesse por parte do produtor pela atividade e ao trabalho de assistência técnica. Ainda somam a constatação definitiva, por parte do produtor de que a atividade leite e a formação de cotas são importantes para a propriedade.

RECEBIMENTO DE LEITE BOM - 1991/COTRIJUI			
Mês	Produção	Percentual relativo a 1990	Nº de produtores
Janeiro	3.654.841	+ 1,73	5.043
Fevereiro	3.033.027	(-) 2,13	4.985
Março	2.874.787	+ 0,74	4.916
Abril	2.664.538	+ 22,03	4.851
Maio	2.686.671	+ 21,10	4.800
Junho	3.318.201	+ 41,73	4.845
Julho	4.335.329	+ 35,05	4.941
Agosto	4.958.666	+ 19,20	4.986

PRODUTORES NA BATAVO

Dois grupos de produtores de leite da Cotrijuí estiveram recentemente visitando a Batavo, localizada em Carambei, interior do município de Castro, no Paraná. O primeiro grupo, formado por produtores de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana e Jôia, esteve na Batavo nos dias 6 e 7 de agosto. O segundo, formado por associados da Cotrijuí de Santo Augusto, viajou nos dias 17 e 18 de setembro.

Os produtores voltaram do Paraná impressionados com o alto nível da pecuária leiteira da região de Castro, principalmente pela alta produtividade, pela qualidade genética e pela qualidade da alimentação fornecida aos animais. Também chamou a atenção a preocupação que os produtores vêm tendo em controlar os desperdícios, eliminando animais improdutivos, como os ternos machos, as vacas velhas e os animais com problemas crônicos de mastite, de reprodução ou de sanidade.

A atenção dispensada à alimentação das vacas, novilhas e ternos elevo, nestes últimos anos, a média anual de produtividade para 15 litros/vaca/dia. Na ocasião das visitas, a média de produtividade andava ao redor de 24 a 26 litros/vaca/dia. Proprietário de 12,5 hectares, o seu Vitalino Wachski mostrou aos produtores associados da Cotrijuí como é possível manter um solo com níveis elevados de fertilidade - ele usa 100 por cento de esterco via chorrume. Com 19 vacas em lactação, recolhe ao dia 420 litros de leite.

As cooperativas singulares que formam a Cooperativa Central - Batavo -, só trabalham com produtores escolhidos previamente e com um mínimo de produção compatível com a qualidade e quantidade de produtores. Os 610 produtores da Batavo possuem, em média, 60 hectares de terra e entregam à cooperativa 290.000 litros/dia, com uma média por produtor de 475 litros/dia.

AGENDA

ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO OUTUBRO

- * Dia 3 - Curso sobre alimentação e manejo de gado leiteiro. Local: CTC
- * Dia 3 - Curso sobre piscicultura manejo e doenças. Local: CTC
- * De 7 a 11 - Treinamento para filhos de associados de Ijuí. Local: CTC
- * Dia 10 - Curso de suinocultura reprodução e melhoramento. Local: CTC
- * Dia 16 - Curso de piscicultura. Local: CTC
- * De 21 a 25 - Treinamento para filhos de associados. Local: CTC.
- * Dia 25 - dia de campo sobre piscicultura. Locais: CTC e propriedades de Ijuí

Eventos Técnicos

- * Dia 5 - dia de campo sobre piscicultura. Esse evento acontecerá em todas as unidades.

Novidades

Sementes

A FMC do Brasil, uma multinacional americana atuando no ramo de defensivos agrícolas, de equipamentos para extração de sucos cítricos e beneficiamento de alimentos, desenvolveu uma máquina portátil para tratamento de sementes. O novo equipamento trata sementes de milho, arroz, feijão, trigo e algodão, oferecendo um rendimento de 40 a 45 sacos de sementes por hora. Além dessa vantagem, seu sistema de dosagem permite uma proteção adequada de cada semente, com inseticidas e fungicidas como Furadan, Furazin, Marshal e Vitavax Thiram, no período de 30 a 45 dias após o plantio. O tratamento apresenta baixo impacto ambiental, pois elimina a necessidade de aplicação de defensivos por práticas convencionais - pulverização e granulação.

O novo equipamento foi apresentado para um público de 50 produtores, representantes de cooperativas, de revendas e do Ministério da Agricultura e Reforma Agrária, em Barra Bonita, no Paraná, num chamado "Dia de Tratamento de Sementes - FMC".

Tratamento de anemias

A Purina está lançando no mercado brasileiro o Purina-Fer, um composto à base de ferro-dextrano, com baixa viscosidade, o que facilita sua aplicação e absorção. O novo produto da linha veterinária da Purina é indicado para a prevenção e tratamento das anemias em geral, muito comuns em leitões, bezerros e potros. Os interessados no Purina-Fer poderão obter maiores informações junto à Divisão de Produtos Veterinários da Purina, pelo telefone (011) 531.7755 ou através da Caixa Postal 22.591, CEP 04749, em São Paulo.

Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

Marketing Rural em debate

A cidade de Maringá, no Paraná, vai sediar, nos dias 22 e 23 de outubro, o 5º Congresso Brasileiro de Marketing Rural. Entre os assuntos em discussão, temos como política agrícola, comercialização, insumos e agroindústria. A proposta da Associação de Marketing Rural, a promotora do evento, é fazer, nestes dois dias de discussão, uma radiografia da agropecuária brasileira. Na abertura, no dia 22 pela manhã, a presença de Teresa Ferreira, presidente da Associação de Marketing Rural, a promotora do evento, é fazer, nestes dois dias de discussão, uma radiografia da agropecuária brasileira. Na abertura, no dia 22 pela manhã, a presença de Teresa Ferreira, presidente da Associação de Marketing Rural, a promotora do evento, é fazer, nestes dois dias de discussão, uma radiografia da agropecuária brasileira. Na abertura, no dia 22 pela manhã, a presença de Teresa Ferreira, presidente da Associação de Marketing Rural, a promotora do evento, é fazer, nestes dois dias de discussão, uma radiografia da agropecuária brasileira.

TRATAMENTO FÚGICO E ADUBAÇÃO NITROGENADA

A Cotrijuí, Embrapa e Clube Amigos da Terra estão promovendo, no próximo dia 15, às 14 horas, um dia de campo na propriedade do associado Waldemar Michael, localizada em Coronel Barros, interior de Ijuí. No dia de campo, que também terá a participação dos pesquisadores do Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, Embrapa de Passo Fundo, serão tratados os seguintes assuntos: variedades novas para o trigo, tratamento fúgico e adubação nitrogenada.



Negócios

TRATOR

Vende-se um trator Valmet 85 ID, ano 1977. Interessados na compra poderão procurar a Transcooper em Ijuí.

VACAS

Vendem-se duas vacas Jersey com registro. Interessados tratar pelo telefone (055) 332-1282.

CARRETA

Vendo ou troco uma carreta graneleira, marca Masal, com capacidade para 12 toneladas. Adir Coradini, em São Valentim, interior de Ijuí.

TRILHADEIRA

Vende-se ou troca-se uma trilhadeira SLC 160 sacos. Interessados na compra da trilhadeira poderão procurar João Cardoso, em Rincão dos Fábri, interior de Ijuí.

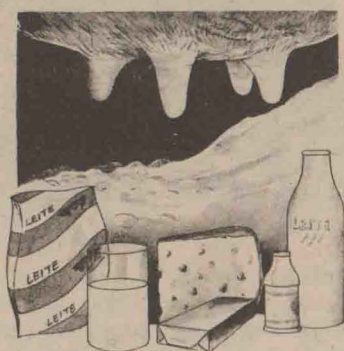
CAVALOS

Vendem-se seis cavalos 3/4, sangue crioulo. Tratar pelo telefone (055) 332-1398.

Oesp. Vão atuar como debatedores Agide Meneguette, presidente da Faep, Artur Aymoré, do Mara, Antônio Martins Fadiga, da Young & Rubicam Comunicações e José Guagliardi, professor do Departamento de Administração e Marketing da Fea, Usp. A programação prossegue no dia 23 com a palestra do gerente do Pool de Compras e Vendas da ABCW, Vitor Salgado Monastier, sobre o Papel Mercadológico do Canal de Distribuição. Entre os debatedores a participação de Lurdes Froemming, professora da Unijuí e Ricardo de Souza Sette, professor da Esal. Comercialização de Safras e



Feiras & Exposições



15ª EXPOLEITE

A 15ª Expoleite, considerada a maior concentração de gado leiteiro do Extremo Sul, acontece no próximo ano, no período de 18 a 24 de maio, no Parque de Exposições Assis Brasil, de Esteio. Prometendo repetir o sucesso alcançado em 91, a Expoleite/92 é uma promoção das Associações de Criadores de Gado Holandês e Jersey do Rio Grande do Sul e Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado com a colaboração e participação das Associações de Criadores de Pardo Suíço, Normando, Búfalos, Caprinos e pequenos animais como coelhos, chinchilas e aves. Maiores informações sobre a 15ª Expoleite poderão ser obtidas pelos telefones (0512) 36.2533; 36.2067 e telefax (0512) 39.1019.

MOTO

Compra-se uma moto, valor Cr\$ 500 mil. Tratar na localidade de Parador, interior de Ijuí, com Nelson Cereita.

MICRO TRATOR

Vende-se um micro trator Yamar TC 11, ano 1982. Interessados poderão tratar do negócio pelo telefone (055) 332-3093 ou então na rua Panambi, 40.

TRATOR MF

Vendo um trator MF 275, ano 1978. Sidonia Martini, na Linha Base Sul, em Ijuí, próximo ao depósito de calcário.

POTROS

Vendem-se ou trocam-se dois potros, idade um ano e oito meses. Interessados deverão tratar na recepção da Cotrijuí, em Ijuí.

Commodities é o tema da palestra do diretor da Olvebra, Martinho Farinha que terá entre seus debatedores a participação de Ivan Wedekin, diretor Comercial da Agrocere e Antonio Chedid, presidente da Bolsa de Cereais de São Paulo. O presidente da Cocamar, Luiz Lourenço vai abordar o tema Agroindústria - Impacto da Verticalização no Marketing Rural, tendo como debatedores, entre outros, Cláudio Ermírio de Moraes, da Citrovia Industrial S/A e Antônio de Pádua Prado Júnior, da Perdigão. Maiores informações sobre o evento poderão ser obtidas pelos telefones (011) 212.7814 e 259.8566.

FESTA DO LEITE

O município de Jóia estará realizando, nos dias 10 e 12 de outubro, a 1ª Fest Leit. A promoção do evento é da Prefeitura Municipal, da Cotrijuí, Emater e Varig. A 1ª Fest Leit inicia no dia 10, com uma programação técnica constituída de palestras. No dia 12, a festa em si, com dois concursos a serem levados a efeito na Afucotri de Jóia: o de derivados de leite e o de redações, envolvendo todas as escolas de 1º e 2º graus do município. Encerrando a festa o Grupo Folclórico "Moinhos de Vento", apresentando danças típicas holandesas.

EXPO-FEIRA

Dom Pedrito realiza, de 25 a 28 de outubro, a sua 58ª Expo-Feira, intitulada "O Salto da Fertilidade". A promoção é do Sindicato Rural com o apoio da Cotrijuí, Banco do Brasil e Sul Remates. A Expo-Feira abre no dia 25, mas os remates só começam no dia 26, com a comercialização de ovinos, Holandês, Santa Catarina, Nelore, Tabapuá, Shortorn, Normando e Simental. Dia 27, remates de Polled Hereford, Charolês e Crioulos. No dia 28, comercialização de Aberdeen e red Angus e no dia 29, de Polled Hereford, das estâncias Guatambu, Alvorada e Caty.

MOTO

Vende-se uma moto Honda XL 250, ano 1982. Tratar na recepção da Cotrijuí, em Ijuí.

ADUBO ORGÂNICO

Vende-se adubo orgânico de galinha, puro, seco e triturado. Tratar no aviário Batista, Linha 3 Leste, (055) 332-2863.

MAQUINÁRIO

Vendem-se:
* Um trator Ford 4.610, ano 1987
* Uma carreta agrícola para cinco toneladas
* Uma grade campeã Becker
* Um pé-de-pato cinco ferros
* Uma semeadeira SH13 Semeato
Valor Cr\$ 5.680.000,00, mais saldo de Cr\$ 820.000,00 para financiamento em dois anos pelo Banco do Brasil. Interessados tratar pelo telefone (055) 332-4602.

SEMINÁRIO DE SOLOS

Pela mobilização comunitária

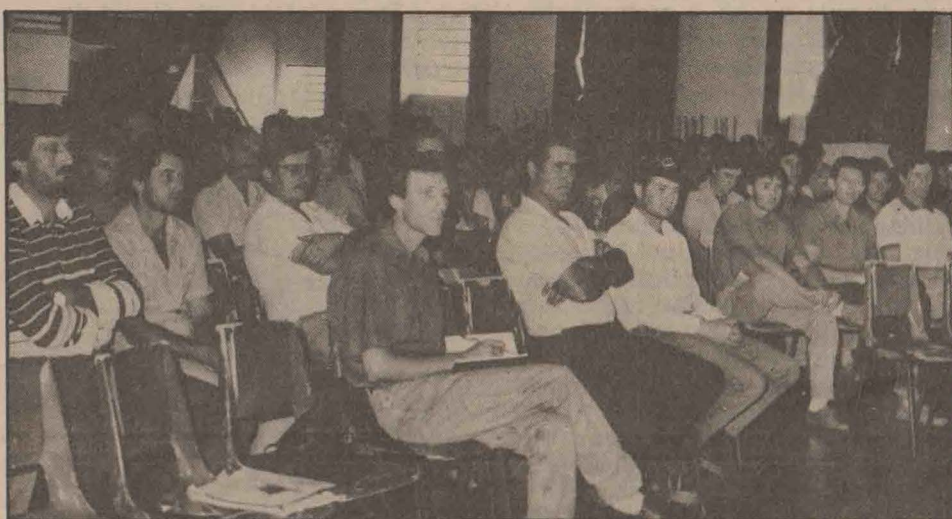
A conservação do solo, a utilização racional dos recursos naturais e a organização das práticas conservacionistas foram assuntos de uma extensa reunião realizada em Ajuricaba, no dia 13 de setembro. O encontro denominado I Seminário Municipal sobre Conservação do Solo e Microbacia Hidrográfica integrou palestras e uma visita à microbacia do arroio Mandaçaia e foi coordenado pela Secretaria Municipal de Agricultura, Cotrijuí e Comissão Municipal de Solos. Como entidades de apoio ao evento, o Sindicato Rural, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o Clube dos Amigos da Terra.

Embora batendo em cima de antigos alertas feitos há mais de vinte anos e de recomendações bastante desacadas pela pesquisa, o Seminário de Solos não se restringiu a apontar uma receita da agricultura conservacionista: uso do solo de forma racional, cobertura verde, descompactação, terraceamento, adubação verde, correção do solo, redução do preparo do solo, rotação de culturas, eliminação das queimadas, cultivo em nível, eliminação de vossorocas e plantio direto.

Já na abertura do Seminário, o gerente agrotécnico da Cotrijuí, Leo José Goi, falando a um público formado por produtores, vereadores, técnicos e estudantes, salientou a necessidade de se encaminhar a problemática da agropecuária através de todos os segmentos atuantes no município. Apresentou, por isso, os programas de Uso Racional do Solo e o de Verticalização da Produção Diversificada, lançados pela Cotrijuí a toda a área da sua região Pioneira. Em seguida, o prefeito Deniz Espedito Seratini fez um pronunciamento, agradecendo a iniciativa de todos os participantes, em buscar na atividade agropecuária, uma produção em maior volume e de melhor qualidade.

MOBILIZAÇÃO - Conservação do solo não significa apenas a construção de terraços, assim como microbacia não é sinônimo de conservação do solo. Dessa forma, os três palestrantes que participaram do Seminário de Ajuricaba, Amando Dalla Rosa, diretor agrotécnico da Cotrisa, Celso Aita, da Universidade Federal de Santa Maria e Antoninho Berton, da Emater de Passo Fundo, procuraram deixar de forma bem clara que o andamento de qualquer programa preservacionista depende de um fator fundamental que é a mobilização e a integração comunitária na realização de todas as práticas de conservação do meio ambiente.

O primeiro palestrante foi Amando Dalla Rosa, que abordou todas as práticas anti-erosivas, como a construção de terraços base larga, a descompactação do solo através da subsolagem cultural e a conservação da palha na lavoura, salientando que esta última é responsável pela manutenção de até 90 por cento da água na lavoura. Complementando a palestra de Dalla Rosa, o engenheiro agrônomo Celso Aita falou sobre adubação orgânica, tanto pelo seu uso na reciclagem de



Clube 29 de Maio
Além dos produtores, vereadores, técnicos e estudantes

nutrientes através de resíduos de origem animal, como fertilizantes, como pela utilização em adubação verde e cobertura do solo. "A maneira mais fácil de se ver livre do estercor é deixar que ele corra para o rio mais próximo", ironizou Aita, mas aí, salientou o professor, "provocamos a contaminação da água e também uma perda de dinheiro significativa, já que jogamos fora um grande volume de NPK (Nitrogênio, Fósforo e Potássio). Provavelmente, considera Aita, o suficiente para que uma cultura como o milho, tão necessária à produção animal, à rotação de culturas e ainda à demanda do mercado estadual, produza pelo menos cinco mil quilos por hectare".

O valor do adubo orgânico oriundo do estercor animal foi também comprovado por Aita através de inúmeros experimentos referentes a suínos, aves e bovinos, onde foram especificadas as composições em cada um dos tipos de estercor e os seus efeitos sobre a produção do milho. O estercor de aves larga na frente devido a sua alta concentração de NPK, disse o professor, acentuando, no entanto, que qualquer um dos três estercores possui o fertilizante necessário para se obter uma boa produtividade no milho e que numa relação de custos com o adubo mineral, eles ainda são mais vantajosos. Para dar uma idéia mais exata sobre o volume de fertilizante que pode ser aproveitado a partir da produção animal, Aita apresentou o potencial de adubo orgânico a partir do rebanho suíno no Estado: são três milhões de cabeças, representando um volume de cinco milhões 475 mil toneladas de dejetos por ano. É uma quantidade razoável, se levarmos em conta que para uma dosagem de 80 metros cúbicos de estercor líquido de suínos, o milho atinge até 86 sacos por hectare, sem complementação de adubo mineral.

COBERTURA NECESSÁRIA - A segunda parte de sua palestra, Aita dedicou à adubação verde, quando explicou de forma introdutória, os níveis de infiltração da água no solo sob diferentes usos da terra. Em solo de mata, a infiltração é de 148 milímetros por hora; em campo nativo é de

120; no sistema de plantio convencional, em quatro anos, é de 91; em oito anos, apenas 17; e depois de 14 anos desse sistema, praticamente não existe infiltração.

Como alternativa ao sistema convencional, Celso citou as conhecidas culturas que servem de cobertura verde no inverno e ainda são capazes de produzir nitrogênio necessário a culturas de verão como o milho. Entre elas, as leguminosas tremoço azul, sincho (que hoje anda com dificuldades



na produção de sementes) e a popular ervilha comum e a ervilha forrageira, que ainda se prestam ao pastoreio. Para completar o esquema de cobertura, Aita ressaltou o uso da gramínea mais cultivada no Estado como cobertura verde, que é a aveia preta. **MICROBACIAS** - Último palestrante, Antoninho Berton, reuniu todas as informações destacadas pelos que lhe antecederam para mostrar a abrangência do trabalho de microbacias, sintetizado por ele, como a organização de todas as práticas conservacionistas e o aproveitamento racional dos recursos naturais de uma determinada região situada ao longo de um pequeno ou grande trecho de água.

A organização de uma microbacia, portanto, trata de problemas isolados em propriedades e também comuns a uma região, sejam eles de solo, de água, floresta, estradas, que têm sua resolução na dependência exclusiva da vontade do produtor e de ações integradas das entidades municipais.



Amando Dalla Rosa



Celso Aita



Antoninho Berton

Como três grandes objetivos dessa organização, Aita cita o desenvolvimento econômico, pelo aumento da fertilidade do solo, o melhor aproveitamento dos recursos públicos, já que as prefeituras podem gastar menos em arruações de estradas e aplicar em outros setores como o da educação. Por último o desenvolvimento social, pois com a organização fortalecida, a família rural tem melhores condições de vida. E com isso, menos pessoas são jogadas às cidades, onde certamente enfrentariam o desemprego, a falta de saneamento, educação e habitação.

Encerrando o seminário, os participantes do encontro foram ver de perto os efeitos da organização da microbacia do arroio Mandaçaia, em Ajuricaba, um trabalho iniciado em 1988, num local onde as práticas conservacionistas avançaram e onde também existe um bom nível de participação dos agricultores. "Também aqui



Milton Dallabrida

Visita à Microbacia do Mandaçaia

se formou a primeira Apsat do município", destaca o engenheiro agrônomo Francisco Alves da Fonseca e Gonçalves, da unidade da Cotrijuí de Ajuricaba, lembrando que naquela região de aproximadamente mil e 100 hectares se encontra hoje um trabalho integrado em saúde, uso de maquinário e de educação.

"Não fossem as deficiências do clima, as nossas médias de produção poderiam ser ainda mais altas", constata Milton Dallabrida, um dos produtores que integram a Microbacia. Razões para melhores respostas não faltam, segundo o produtor, pois como 70 por cento da área tem cobertura verde, adequação de estradas e terraceamento, a erosão desapareceu. Mesmo assim, ainda tem muito para ser feito na área do arroio Mandaçaia, reconhece o produtor, lembrando que é preciso juntar dinheiro para a instalação de esterqueiras, entre outras coisas.

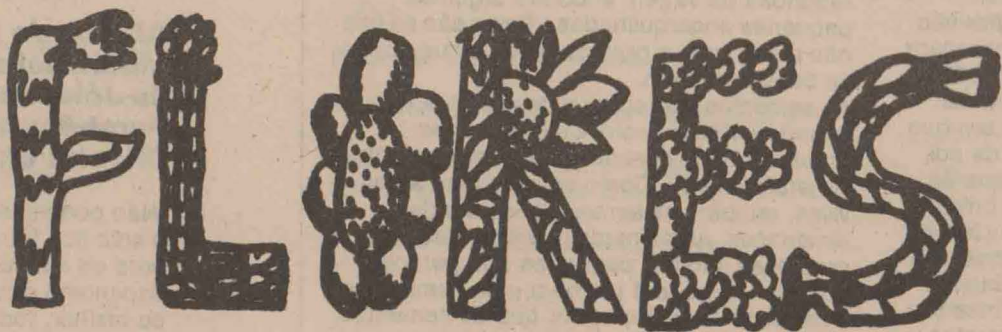
Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração: Irene Lorenzoni
Montagem: Z Comunicação

PRIMAVERA

É TEMPO DE



Clarice Lispector, escritora disse um dia: "eu sei o que é primavera: sinto um perfume de pólen no ar, sinto estremecimentos à toa quando um passarinho canta e sinto que sem saber eu estou reformulando a vida".

É bem isso que se sente agora: repare nas ruas e nas praças da cidade. Como elas estão floridas! Se você ainda não viu, procure observar melhor o caminho por onde andar. Vai ver flores por toda a parte. Sinta seu perfume, admire suas cores, a maciez de suas pétalas, a sua forma delicada. E cuide bem delas: elas enfeitam a sua vida.

TEATRO NA ESCOLA 1:

**Alunos mostram
o que fazem.**

E MAIS:

- CRUZADINHAS
- POESIAS
- ALUNOS ESCRIVEM

FLORES

DESDE A FLOR ATÉ A SEMENTE

Quando passeamos no campo ou vamos a uma exposição de flores, apercebemo-nos de quão diferentes são as flores e as plantas. Algumas são muito simples, mas por outro lado, as dos membros da família das compostas, como os malmequeres, são muito complicadas, pois o que se assemelha a uma flor única são na realidade numerosas flores crescendo em conjunto e justapostas. Há flores que, quando abertas, são aplanadas; outras são longamente tubulosas. Algumas são vermelhas, algumas amarelas, algumas brancas, outras azuis. Mas se olhar atentamente para várias flores, em breve notará que, apesar de parecerem muito diferentes, são muito semelhantes em vários aspectos. Por exemplo, possuem um anel de peças coloridas chamadas pétalas. Há algumas flores de jardim que têm muitas pétalas, mas a maioria das flores silvestres apresenta poucas, apenas três, quatro ou cinco. Se as pétalas se encontram unidas, então a flor torna-se tubular. A maior parte da água vai para as folhas, pois é aí que se dá a transformação. Antes de a flor se abrir, o botão está frequentemente protegido pelas sépalas, que são como que pequenas folhas verdes afiladas. Quando a flor abre, as sépalas, normalmente, viram-se para baixo, sob as pétalas. Dentro do anel das pétalas estão as porções que produzem o pólen, pulverulento. Existem também uma pequena cápsula verde que encerra as pequenas futuras sementes.

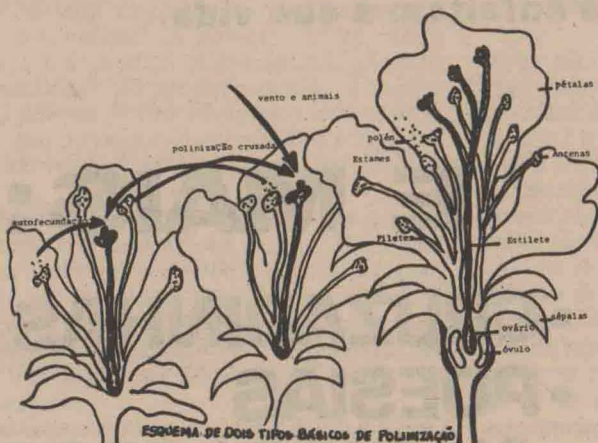
POR QUE É QUE AS PLANTAS TÊM FLORES?

Existem numerosas plantas que não produzem flores. Parecem manter-se bem sem elas. Então, por que é que certas plantas têm pétalas de cores vivas? A resposta é que estas plantas como flor vão produzir sementes. Estas plantas necessitam de ajuda dos insetos para que se originem as sementes, e as pétalas de cores vivas são um atrativo para eles. Qualquer um que observa flores num jardim, num dia de sol, não pode deixar de ver as abelhas que as visitam. Mas as abelhas não são as únicas visitas. Também numerosas moscas as fazem. Frequentemente as flores que são visitadas pelas moscas não são as mais bonitas, as que desejamos nos nossos jardins, mas sim as que vivem nos bosques e nas florestas. Também as borboletas visitam as flores e as borboletas noturnas são atraídas por aquelas que se mantêm abertas durante a noite. Os insetos visitam as flores para se alimentarem do pólen e do doce néctar. Podem ser atraídos pela cor das pétalas, pela sua forma ou pelo cheiro. Assim, os insetos aproveitam algo das plantas, mas que benefícios tiram elas disto? Tudo está relacionado com a formação das sementes, se bem que os insetos o façam sem ter noção do que fazem!

Quando uma flor cresce na planta, uma das suas partes é como que uma pequena cápsula. É fácil de ver, porque é como que uma tumefação no topo do caule. Em certas flores, encontra-se mesmo por debaixo das pétalas; em outras, está mesmo acima e pode estar rodeada por elas. No interior desta "caixa" existem alguns compartimentos. Pode existir apenas um, mas geralmente há dois, três ou cinco.* Em cada compartimento estão as futuras sementes, pequenas e brancas. Não são ainda propriamente sementes. O topo desta "cápsula" das sementes pode apresentar uma região distinta, o estigma, levantado de modo a recolher o pólen. O pólen é uma poeira fina que é originada em pequenas porções chamadas anteras, no extremo de finos suportes, os estames. Estas "caixinhas" de pólen apresentam, quando a flor está madura, uma cor amarelada ou negra. Se levemente tocados com o dedo, o pólen fica-lhe aderente.

É tal a quantidade de pólen fabricado pelas flores que se passar num campo com muitas flores silvestres, os seus sapatos ficarão amarelos de pólen que é sacudido quando se tocam as flores. Agora, o pólen pode ser transportado até a parte exposta da cápsula das sementes. O melhor é se o pólen de uma flor vai para o estigma de outra flor, desde que sejam da mesma espécie. É, nessa altura que os insetos intervêm. Quando visitam as flores, levam pólen preso às patas e ao corpo. Mais tarde, visitarão outra flor e algum pólen ficará aderente ao estigma desta. Então, algo de inesperado sucede. Um tubo muito, muito fino, cresce de cada grão do pólen a caminho da "caixa" das sementes. Cada tubo encaminha-se para uma futura semente e força a entrada nesta. O conteúdo do grão de pólen desce através do tubo para uma futura semente. Apenas quando tal sucede, as sementes se desenvolvem. Talvez já tenha ajudado a descascar algumas ervilhas-de-cheiro. Se o fez, certamente reparou que entre as ervilhas grandes e redondas da vagem encontra algumas pequenas encarquilhadas. Estas são as que não receberam o grão de pólen e que nunca se desenvolveram.

As sementes começam a desenvolver-se quando estão no solo. Este é um dos processos pelo qual novas plantas aparecem constantemente. Como os restantes seres vivos, também as sementes variam de dimensões. As sementes de algumas orquídeas são tão pequenas que parecem pó fino. Um coco é também uma semente e é milhares de vezes maior que as sementes das orquídeas. Todas as sementes possuem uma pele forte a protegê-las. Podem ter uma polpa carnuda e envolvê-las, como as ameixas ou os pêssegos. Podem possuir asas de tal modo que, quando caem da planta, podem percorrer no ar uma certa distância. Algumas, como as sementes de cardo, tem prolongamentos sedosos, de tal modo que voam por longos percursos antes de atingir o solo. Muitas sementes nunca se desenvolvem em planta. Não haveria espaço entre as outras plantas. Podem não conseguir suficiente luz, ar ou água.



Vejam só! ... Quem disse que para fazer poesia é preciso ser poeta, está errado. Leiam o que a Angela, a Simone e o Geraldo fizeram. É para dar inveja a qualquer poeta. Parabéns a professora e a Escola Municipal Emílio de Menezes.

"A casa é bonita.
O passarinho é preto.
O passarinho é bonito.
Os passarinhos voam e ele fala:
- Eu sou passarinho, eu vou pelo mato.
- Passarinho, como é teu nome?
- O meu nome é Marcos".

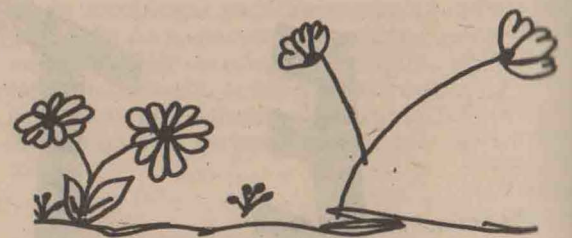
Simone Schneider
7 anos

"A flor é cheirosa.
A casa é bonita.
O sol brilha a nuvem.
O bico de luz brilha".

Geraldo Silvan da Silva
7 anos.

"O jardim é bonito,
tem flor cheirosa
e as flores são bonitas,
o jardim é tão lindo,
e tem flores muito coloridas."

Angela Tavares
7 anos



Alunos da 5ª série da Escola Municipal de 1º Grau Silva Jardim de Jóia, escrevem sobre o solo. Parabéns a professora Ernestina Oliveira da Silva.

"Não podemos derrubar as árvores porque o solo fica fraco, e ele é muito importante para os agricultores, pois muitos deles dependem das plantas para sobreviverem, ou melhor, todos nós".

Carla Versiani Oliveira Padilha

"Devemos fazer as microbacias para evitar que as gorduras das lavouras não vão embora para os rios. Não devemos queimar as palhas porque a terra perde a fertilidade e vai levar muitos anos para se recuperar. Os terraços de base larga ajudam a segurar a terra em caso de enxurrada".

Rosa Maria Silva Milite

"Para ter uma boa terra e para ter um lucro com a plantação, devemos ter os seguintes cuidados: a terra deve ser bem adubada para a plantação dar bem, porque um solo sem adubo não tem força suficiente para manter a plantação".

José Odair dos Reis Machado

"Quando o homem lavra uma ou duas vezes e passa a grade uma ou duas vezes, e, logo vem uma chuva e não tiver curvas de nível ou microbacias, as terras das lavouras vão todas para as estradas e só fica a camada dura que é chamada de subsolo".

Mauro Francisco Soares Fraga

"Oba! Vamos fazer TEATRO"... É isso aí. Que tal reunir o povo e se organizar? Essa peça foi escolhida para você. Aproveite. Não esqueça de depois, me contar como foi.

Teatro na Escola

O Baile da Primavera

Coelho - Árvores, plantas e graminhas do jardim: Por ordem da Primavera, nossa querida rainha, será realizado um grande baile! Recomendo a todos atenção ao vestuário - folhas novas, bem verdinhas, e flores. Haverá um desfile de flores! Senhor Jardineiro, Dona Minhoca, Seu Sapo: vamos trabalhar! Olhem que a Primavera muito breve vai chegar... (entra o Jardineiro cantando).

Jardineiro - Ufa!... Que trabalhadeira, não posso nem descansar. Vejam só quanto já fiz, com a pá e o ancinho revolvi a terra e deixei-a bem fofinha. Molhei com água bem fresca o jardim... botei o salitre, tirei as folhas mais velhas... Meu Deus, quanta coisa fiz! Também valeu a pena. Olhem só que maravilha, que verde verdinho. Bem, vou-me embora (canta).

Jardineiro, Jardineiro,
Você não pode parar
Se cuidar bem dos canteiros
As plantas vão melhorar,
(sai o Jardineiro e entra a Dona Minhoca).

Minhoca - Meu Deus, meu Deus, como estou cansada. É verdade que o jardineiro ajudou muito mas... Oh! Desculpem! Esqueci de dizer que sou D. Minhoca, que vive a trabalhar. Vou revirando a terra porque, vocês sabem, as raízes precisam respirar... entro, saio, entro... a terra vai ficando fofinha, fofinha...

Minhoquinha, minhoquinha,
Você não pode parar
Revirando bem a terra
Pras raízes respirar.
(Sai D. Minhoca e entre Seu Sapo).

Sapo - Quá... quá... estou cansado de pular, e agora estou tão gordo, não sei como me arranjar. E sabem como engordei? Limpando todo o jardim, comendo não sei quantos bichinhos que estragam as plantas. Quá... quá... também como estão lindas as plantinhas... nem um buraquinho. Bem... vou-me embora...

Bichinhos fujam depressa,
Seu sapo já vai chegar
Quem não fugir -eu apanho,
Não vou deixar escapar.

Narrador - E o tempo ia passando... passando... e o jardineiro, seu sapo e a minhoca trabalhando... trabalhando...

Coelho - Árvores, plantas, graminhas do jardim: A Primavera vai chegar e vocês todas devem ir bem enfeitadas para a Primavera festejar.

Narrador - E a Primavera chegou...

Primavera - Bom dia! Bom dia! Como está lindo o jardim! Parece até que as flores se prepararam para me esperar... Vamos começar o baile?

Coelho - Vamos sim. Mas primeiro faremos um desfile das flores para a senhora ver a beleza de cada uma.

Primavera - Boa idéia! Que venha uma por uma.

Violeta - (escondida) Ih!... Que vergonha... não quero entrar não...



Primavera - Que tem a Violeta?

Coelho - Nada... ela é muito envergonhada. .. vive escondida entre as folhas... mas tem um perfume... Venha Violeta.

Violeta - Bom dia, Primavera.

Primavera - Bom dia, Violeta. Você está tão mimosa, tão bonita...

Violeta - Obrigada, Primavera... bondade sua... (sai).

Papoula - Já me chamaram?

Coelho - Chamar, não chamei, mas venha agora.

Papoula - Bom dia, Primavera.

Primavera - Bom dia, que bonita você está!

Papoula - Não é mesmo? Não é mesmo? Desta vez caprichei de fato.

Primavera - Está de parabéns (sai).

Coelho - Margarida.

Margarida - Pronto já estou aqui. Vim correndo lá do campo onde eu e minha irmã estávamos.

Primavera - Como você está fresquinha! Você está linda!

Margarida - Obrigada! Obrigada! (sai).

Coelho - Cravo.

Cravo - (voz grossa). Como custou a chamar por mim...

Coelho - (para a platéia). Ele é bocado prosa.

Cravo - Ó linda rainha! Como estava ansioso para apresentar minhas saudações.

Primavera - Obrigada, Cravo, você está muito bonito. E tão perfumado!

Cravo - Obrigada! Obrigada! (sai).

Coelho - Sabe o que estou pensando? Se chamarmos todas as flores o baile não começa tão cedo... Vou chamar só mais uma. .. D. Rosa... D. Rosa...

Rosa - Sim senhor... Só agora me chamou. .. Logo eu, a mais bela das flores.

Coelho - Como é prosa meu Deus, como é prosal

Rosa - Bom dia, Primavera!

Primavera - Como você está bonita, Rosal

Rosa - Preparei-me assim com cuidado porque serei a mais bonita do baile...

Primavera - Você está linda, mas todas são bonitas também...

Coelho - Muito bem! Falou pouco, mas falou bem... (entram todos).

Primavera - Quando vinha chegando, olhei todo o jardim e pensei: quem está trabalhando tanto para tornar o jardim tão bonito assim?

Rosa - Nós mesmas, ora essa.

Coelho - Ora, ora, isto não. Como vocês são ingratas. Quem cuidou de vocês, regando-as todos os dias? Quem afofou a terra?

Rosa - Tem razão... foram o Jardineiro, D. Minhoca e Seu Sapo. D. Minhoca até fez umas coceguinhas nas minhas raízes.

Violeta - E o Seu Sapo comeu uma Lagarta que roía uma de minhas folhas, levei um susto!

Primavera - Então não foram só vocês que fizeram este jardim tão lindo?

Coelho - Não, foi D. Minhoca, Seu Sapo e o Jardineiro. Eles precisam tomar parte do nosso baile. Vamos agradecer a todos eles. Jardineiro, Minhoca e Sapo - Venham! (entram todos os três).

Primavera - Pelo trabalho que tiveram com o jardim, muito obrigada.

Todos - Viva! Muito bem!

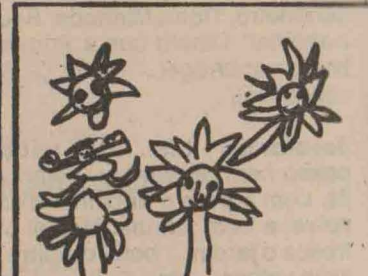
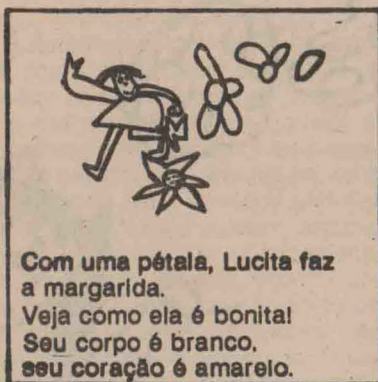
Jardineiro - Muito obrigada, estou tão comovido. Estou tão feliz por ver o jardim tão florido e bonito.

Todos - Viva o sapo e a minhoca, viva o jardineiro. Que de nós sempre cuidaram, todo dia, o ano inteiro.

O JARDIM DE LUCITA

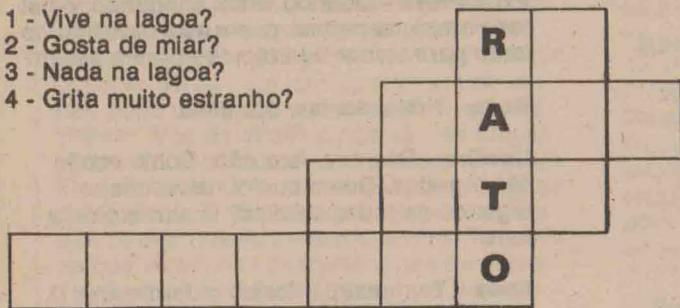
Lúcia Pimentel Góes

O jardim de Lucita, faz parte da coleção mexe-mexe. Lúcia Pimentel Góes escreveu e Alice Góes ilustrou. A menina Gisele de 6 anos, olhou o livro e fez uma releitura da imagem. Que ficou assim:



Complete as Cruzadinhas:

- 1 - Vive na lagoa?
- 2 - Gosta de milar?
- 3 - Nada na lagoa?
- 4 - Grita muito estranho?



Respostas: 'ocoreco', 'marreco', 'rã', 'gato', 'pato'.

Charadas

O que é, o que é?

- 1 - Tem quatro pés, mas caminha e pula só com dois?
- 2 - Qual é a diferença entre o Paraná e a agulha?
- 3 - Canta de madrugada?
- 4 - Qual é a diferença do cavalo e do relógio?

Respostas: macaco, o Paraná tem ponta grossa e a agulha tem ponta fina, galo, cavalo arrebenta a corda e ele dispara.

Shella Samira Toso
4ª série
Escola Munic. de 1º Grau Emílio de Menezes
Ajuricaba

APRENDA BRINCANDO ...

O que é? O que é?

- * Cai na água e não se molha?
- * Desce cantando e sobe chorando?
- * Se o pato puser um ovo no meio do rio Ijuí, este ovo pertence a Ijuí ou Ajuricaba?
- * Cai de pé e corre deitado?
- * Na água nasce, na água cresce e na água desaparece?

Respostas: sombra, balde, pato não põe ovo, chuva e sal.

Rafael Ernesto Barquello
4ª série - 9 anos
E. M. de 1º Grau Emílio de Menezes
Ajuricaba

AZAR

Não é por acaso que sou supersticioso. Nasci num dia 6 de junho às 6 horas da manhã. No dia dos meus 66 anos comprei um bilhete para a loteria e ganhei 6 mil cruzeiros. Foi ao autódromo e joguei tudo no cavalo número 6 da 6ª corrida.

- Genial! E quando ganhaste?
- Nada. O cavalo chegou em 6º lugar.

Samir Zangirolami
10 anos
Escola Municipal Emílio de Menezes
Ajuricaba

ADIVINHA ...

O piá de 5 anos, pela primeira vez na missa, previdente, não deixou de levar uma nota de 50 cruzeiros para a hora da coleta. Acompanhou a cerimônia toda com a maior atenção. Quando chegou a hora, veio o padre com a bandeja e o guri, sorridente, estendeu as duas mãos fechadas:

- Adivinhe qual delas!